NEVE AO SOL

PEÇA EM 4 ACTOS

—

A

Arthur AZEVEDO

PERSONAGENS

ALBERTO D'AVILA, *pintor.*
FABIO DE SILVES, *lavrador.*
PAULO RAMIRES, *lavrador.*
O PADRE.
MARCELLINO, *empregado de Fabio.*
O MEDICO.
FAUSTA.
GERMANA.
HERMINIA.
AMANDA.
SARA.
ASSUMPÇÃO.

(Actualidade).

NEVE AO SOL

PRIMEIRO ACTO

Salão nobre, mobiliado com muito gosto e riqueza. Porta larga ao fundo, abrindo sobre o terraço ; o parque, ao longe. Portas lateraes.

SCENA PRIMEIRA

FABIO E GERMANA

Ao subir o panno, Germana está no terraço arranjando uma palmeirinha ; Fabio, de pé no meio da scena, tendo concluido a leitura de um jornal, dobra-o e deixa-o sobre a mesa.

FABIO

Então decididamente não queres vir comnosco ?

GERMANA, *descendo :*

Não é possivel, já te disse.

FABIO

Não é possivel, porque ?

GERMANA

Ora, porque...

FABIO

Estás enfarada?

GERMANA

E insistes, padrinho...

FABIO

Insisto, sim; insisto. Mas, em summa, acho que tens razão; não te quero menos por isso. Em verdade, que é aquillo por lá? um matto agreste, erriçado de espinhaes, fervilhante de viboras peçonhentas, onde vivem, como exilados, dois tristes labregos que, em outro tempo, quando eram robustos, tomavam ao collo uma linda menina e iam com ella, campo afóra, á procura de flores e de fructos. Fez o tempo o milagre de mudar a menina em moça e commetteu a perfidia de envelhecer os labregos, roubando-lhes a força e a alegria. Não é justo que fique com elles, á beira do lume, quem tem no coração mais sol do que o ceu ao meio-dia. Não te quero menos por isso. As andorinhas fogem ao inverno, é uma velha lei do Senhor. Aqui mesmo é que deves ficar; deixa lá os labregos transidos.

GERMANA

Não sejas ingrato, padrinho. Sou muito mais amiga das arvores de Santa Olivia do que das chaminés da cidade, mas o dever impõe-me ficar nesta casa, junto de minha mãe, que está só. Murmuram, bem sabes, que a não estimo, que a não procuro; dizem outros que é ella que me afasta, e a Calumnia aproveita todas as apparencias para justificar os aleives.

FABIO

As razões que allegas, parece que te foram dictadas por um advogado (*Maliciosamente:*) Mas vamos lá, aqui em segredo, como se te confessasses ao padre Antonio, dize: não haverá outro motivo?

GERMANA

Não ha. E que outro motivo póde haver?

FABIO

Sei lá! ha tantos... é o que por aqui não falta: louros, morenos...

GERMANA

Máo! máo! já vens com a eterna historia dos namoros.

FABIO

Quem te falou em namoros?

GERMANA

Andas sempre a fazer allusões a tolices. Pois é coisa que me não preoccupa.

FABIO

Não dizem o mesmo os rapazes; o Paulo, por exemplo...

GERMANA

Já estava tardando o Paulo.

FABIO

O' filha, que mal te fez o rapaz?

GERMANA

A mim? nenhum..

FABIO

Ensinou-te o inglez, as mathematicas, a pintura... (*Com enlevo:*) Queria que visses o seu ultimo quadro, « *Nevoaça* ». E olha, aquelle só é camponio porque vive no campo. Ha por cá muitos doutores, dos taes que atravancam as ruas com as pernas, que não seriam capazes de escrever... de escrever?! de comprehender o mais ligeiro dos artigos que elle manda ao jornal ao Nunes. E' um sabio, digo-t'o eu, que não sou de elogios.

GERMANA

Parece que trazes procuração, padrinho.

FABIO

Não trago, mas se elle m'a houvesse dado, eu não me recusaria a trazel-a, porque desejo a felicidade de ambos. E sabes porque ponho tanto empenho nesse casamento?

GERMANA

Imagino.

FABIO

Por dois motivos. Primeiro, porque o Paulo é um homem ás direitas; segundo, porque, casando com elle, irás viver perto de nós e teus filhos levarão uma nova alegria á nossa casa tristonha. Sou um velho egoista, dirás; pois sim, não nego, mas sou franco.

GERMANA

O futuro é, realmente, seductor para os outros.

FABIO

E tambem para ti.

GERMANA

Para mim, não. Paulo é um excellente rapaz...

FABIO

Bello homem, espirito magnifico, rico...

GERMANA

Sim, mas...

FABIO

Onde queres tu metter esse *mas* ? Não ha naquelle caracter uma falha onde caiba essa adversativa.

GERMANA

E' um homem triste, muito triste.

FABIO

A tristeza não é molestia incuravel.

GERMANA

Que é contagiosa, affirmo.

FABIO

O que tu queres é um *carinha n'agua*, bem sei, um desses petimetres ridiculos, que vestem pelo ultimo figurino, dizem banalidades e marcam quadrilhas e *cotillons*.

GERMANA, *séria* :

Não sei o que quero, padrinho ; sei apenas que o senhor Paulo está muito longe de ser o marido que imagino. (*Sorrindo* :) Casa-o com a Amanda : é uma linda menina.

FABIO

A Amanda... Queres que um rapaz como o Paulo case com uma doida d'aquella ordem, uma rapariga que, aos dezoito annos, ainda trepa em arvores?

GERMANA

Que tem isso? Um poeta não poderia achar melhor companheira: é a mulher simples, a mulher natureza, sem os vicios da civilisação...

FABIO, *depois de fital-a:*

Olha, sabes quem é o culpado de tudo? é o proprio Paulo, que te metteu tantas coisas na cabeça. Eras uma creaturinha meiga, docil, simples; hoje és orgulhosa e diserta: resolves problemas, expões doutrinas, fazes experiencias, queres a emancipação da mulher, és materialista e... sei lá! A mulher deve ser simples como a Bondade. Tu já não és mulher...

GERMANA, *sorrindo:*

Que sou, então?

FABIO

E's uma philosophia muito embrulhada e muito teimosa. Eu bem lhe dizia: « Paulo, deixa andar a pequena com as bonecas »... E elle a dar-lhe com as moraes dos philosophos e com os calculos dos mathematicos. Póde limpar a mão á parede com o resultado. A moral da mulher é a virtude, e de contas basta que ella saiba o necessario para sommar as despezas domesticas. Uma mulher virtuosa traz mais beneficio ao mundo do que todas as doutrinas sabias. A culpa é delle. Queixa-se? não tem razão: tu o feres com a

propria lança que elle aguçou. E' bem feito. (*Risonho :*) Mas tu ainda acabas em Val-Formoso... Oh ! ! se acabas...

GERMANA

E' possivel ; tudo é possivel. (*Outro tom :*) Queres vir ver as minhas flôres ? Estão lindas ! (*Fazendo-lhe festas :*) As rosas são as que eu trouxe de Santa Olivia : tendo-as deante dos olhos, nunca poderei esquecer-me de lá.

FABIO

Pois as brancas vieram de Val Formoso.

GERMANA, *com uma seriedade fingida :*

Ah ! bem me parecia...

FABIO

Queres dizer que são feias ?

GERMANA

Não as vi : morreram. Morreram do mal de Paulo. Não te disse que é contagioso ? (*Rindo :*) Morreram de tristeza, as pobres rosas... Ah ! ah ! ah ! (*Sáe pelo fundo, correndo.*)

FABIO

Pois sim... Vae rindo, minha tonta. Vae rindo. (*Procurando alguma coisa no bolso interior da sobrecasaca :*) Onde diabo metti eu a nota das encommendas ? (*Senta-se e põe-se a examinar varios papeis sobre os joelhos*) Cá estão algumas, a do padre, da Amanda...

Fausta e Herminia entram pela esquerda.

SCENA II

FABIO, FAUSTA E HERMINIA

FAUSTA, *em tom melancolico* :

Aqui tão só...

FABIO

Estive a tagarellar com a pequena ; deixou-me neste momento para ir ver as flôres. (*A' Herminia* :) O' filha, sabes onde puz a lista dos livros que me deu o Paulo ?

HERMINIA

Na carteira

FABIO

Não está.

FAUSTA, *sentando-se* :

O senhor Paulo sempre com a mania dos livros...

FABIO

Sempre.

HERMINIA, *sentando-se* :

Vê bem.

FABIO

Ah ! espera... está na bolsa. (*A Fausta* :) E' verdade : sempre o mesmo. Já começou a forrar outra sala com estantes.

FAUSTA

Tambem que ha de elle fazer naquella solidão? E o senhor? Ainda lê muito?

FABIO

Romances, romances antigos; adoro o passado. A Edade Média! Oh! a Edade Média! o tempo dos reis fortes e dos cavalleiros andantes. Combates, duellos, raptos, cidades incendiadas, assombramentos... Falem-me d'isso. De psychologias não entendo; durmo logo. Estou agora com *A mocidade do rei Henrique.* Já não tenho attenção para os livros eruditos. Os meus volumes de sciencia estão embalsamados em camphora; não os quero ver.

FAUSTA

Porque?

HERMINIA

Impressiona-se, quando os lê.

FAUSTA

Sente as molestias, não é verdade? Dá-se o mesmo commigo.

FABIO

Sinto-as todas. Já andei com um aneurisma na cabeça por causa de uma these que me mandou o filho do Leandro. Nada de sciencias. Quando adoeço, mando chamar a Assumpção, que entende muito de hervas, e.... melhoro.

FAUSTA

E é um medico quem assim fala!

FABIO

Que tem isso ? Olhe, minha senhora, as molestias são como as féras : não sendo atacadas, só matam quando têm fome. O melhor é deixal-as passar tranquillamente. Vem o medico, enfurece o mal, trava-se a lucta, e quem perde é o doente.

FAUSTA

A theoria é original.

FABIO

E verdadeira. Bem, com licença. Tenho ainda umas contas a ajustar com a pequena. (*Sáe pelo fundo.*)

SCENA III

FAUSTA E HERMINIA

FAUSTA

Teu marido não muda, é sempre o mesmo homem jovial.... Tem uma alma de vinte annos.

HERMINIA

Tambem não ha, entre nós, motivos de tristeza, graças a Deus !

FAUSTA, *suspirando :*

Isso é verdade. Pudesse eu dizer o mesmo !

HERMINIA

Tens queixas da sorte ?

FAUSTA

Eu ?! Achas que sou feliz, Herminia? Só no mundo, rodeada de odios....

HERMINIA

Odios ?!

FAUSTA

Sim, odios... Detestam-me.

HERMINIA

Quem ?

FAUSTA

Os meus inimigos.

HERMINIA

Inimigos ?.... Que eu saiba só tens um: a tua imaginação.

FAUSTA

Ah! a minha imaginação... (*Depois de uma pausa:*) Se soubesses como soffro ! Pensas que evito a sociedade por misanthropia? Julgas que é pelo simples prazer de cruzar os mares que ando sempre em viagens? Não, minha amiga: se me concentro, se fujo ao mundo, é porque me vejo cercada de hostilidades. São calumnias, intrigas... Chegam-me aos ouvidos torpezas inenarraveis. Todos os meus actos são criticados: que faço isto e aquillo, que me visto com espalhafato improprio da minha edade e condição, porque rio, porque falo... sei lá! Os que me conhecem, sabem que vivo apenas para minha filha e para o meu lar. Tive uma questão com o meu procurador, que me roubava, cassei-lhe a procuração, e o miseravel vinga-se infamemente, fazen-

do constar que foi meu amante. (*Chora em silencio; lacrimosa*:) O desejo de toda essa gente é ver-me na miseria, pedindo esmola.

HERMINIA, *incredula*:

Ora qual!

FAUSTA

Ora qual! Falas assim porque não estás aqui e não vês. (*Silencio.*) E a vida que eu arrasto nesta casa? Germana pouco me apparece: passa os dias a pintar ou a ler, ou então no jardim, tratando as suas avencas. Eu sou uma pessôa de cerimonia para minha filha. A mãe que ella adora... és tu.

HERMINIA

Não sejas injusta.

FAUSTA

E' a verdade. E, queres que te diga? chego, ás vezes, a ter ciume de ti. (*Com tristeza*:) Mas é natural, foste tu que a creaste. Ella seria ingrata se procedesse de outro modo. Sinto-me, porém, desprezada... O que me dóe, é a certeza de que ella não tem por mim a mais ligeira affeição... Trata-me com tanta frieza...

HERMINIA

Ella foi sempre retrahida.

FAUSTA

Commigo.

HERMINIA

Com todos.

FAUSTA

Não. Comtigo ri, expande-se. A bem dizer, ha apenas seis mezes que vivemos juntas, ainda assim só a tenho perto de mim ás horas das refeições e, uma ou outra vez, á noite, quando vamos ao theatro. E achas que sou feliz? (*Depois de um silencio, timidamente:*) E' por isto que só penso em casar.

HERMINIA

Tu!?

FAUSTA

Então?

HERMINIA

Casar!

FAUSTA

Achas-me muito velha para pensar em tal?

HERMINIA, *contrariada:*

Não...

FAUSTA

Julgas-me com injustiça, Herminia. Pensas, sem duvida, que é o desejo, o inconfessavel desejo que me excita?

HERMINIA

Não.

FAUSTA

Sou uma victima que aspira ao soccorro. Juro-te que as minhas idéas são puras: caso-me para ter defeza. Uma mulher nas minhas condições está exposta a todos os ataques. Pede a Deus que te conserve o doutor. Não imaginas como tenho soffrido...

HERMINIA

E Germana?

FAUSTA

Que tem?

HERMINIA

Porque não a casas?

Ouve-se a campainha; momentos depois, Sara atravessa o terraço para a direita.

FAUSTA

Aos dezoito annos!

HERMINIA

Pouco mais tinhas tu quando casaste.

FAUSTA

E' verdade, por isso soffri tanto e ainda soffro. Do recato modesto em que vivia, fui atirada violentamente no turbilhão da vida. Foi tal o meu atordoamento que fiquei como cega. Todos os males que me têm affligido, devo-os á imprudencia do meu casamento. Não tive noivado. Ando ainda com os olhos offuscados pelo esplendor do primeiro momento. Que sabia eu da vida? quasi nada. A experiencia caminha devagar, a ingenuidade vae a correr e abysma-se. E' muito cedo. Pouco tem ella gozado. Veiu dos teus cuidados para os meus, sahiu de uma doce prisão para uma cella tristonha. Deixemol-a viver mais alguns annos livre: que veja, que aprenda gozando e soffrendo, depois poderá entrar no destino que Deus lhe traçou. Uma vida mal começada vae errada até ao fim. (*Outro tom*:). Mas dize: não achas que faço bem?

HERMINIA

Tu é que sabes.

FAUSTA

Fala! peço-te. Não tenho outra pessoa que me aconselhe. Que dizes?

HERMINIA, *despois de um silencio:*

Não sei.

Sara entra com um cartão em uma salva e dirige-se a Fausta.

FAUSTA, *visivelmente perturbada:*

Mandaste entrar?

SARA

Sim, senhora. Está na saleta.

HERMINIA

Tens visitas. Vou ver meu marido, que se esqueceu que partimos amanhã e ainda nada fizemos. Até já.

FAUSTA

Até já. (*Herminia sáe pelo fundo. A Sara:*) Dize-lhe que me espere aqui um instante.

SARA

Aqui?

FAUSTA

Sim, aqui. (*Entra á esquerda. Sara sáe pela direita*).

SCENA IV

ALBERTO, DEPOIS GERMANA

Sara apparece no terraço e, logo depois da entrada de Alberto, sáe pela esquerda. Alberto põe-se a examinar os quadros.

GERMANA, *no terraço, falando para fóra :*

Já vou ; espera-me um instante. (*Entra com um ramo de rosas. Dando com Alberto, retráe-se :*) Oh !

ALBERTO

Desagradavel surpresa...

GERMANA

Oh ! não, muito agradavel. Mamãe já sabe... ?

ALBERTO

Sim, senhora. Nem eu aqui estaria sem o seu consentimento. (*Outro tom :*) Lindas rosas traz a senhora nas mãos... e nas faces.

GERMANA, *offerecendo-lhe o ramo :*

Estas estão ás suas ordens.

ALBERTO

Ah !... essas... (*Outro tom :*) Tive hontem a rara fortuna de ver a minha boa amiga.

GERMANA

Viu-me ? onde ?

ALBERTO

No parque, junto á gruta.

GERMANA

Ah ! estava tratando de arranjar um canto humido para as minhas avencas, que têm soffrido muito com o calor.

ALBERTO

Tanto desvelo com as plantas e tanta indifferença pelas almas que soffrem...

GERMANA

Almas que soffrem ? onde ?

ALBERTO

Bem perto... Aqui.

GERMANA

Aqui ? Não me consta que haja soffrimento nesta casa.

ALBERTO

Veja com mais attenção e não se ha de fatigar muito na procura. Já se não lembra do que eu lhe disse, quando honrou o meu atelier com a sua visita ?

GERMANA

Não, não me lembro. Falámos de tanta coisa : do seu quadro, do concerto, da grande kermesse. Que foi ?

ALBERTO

Não me atrevo a repetir.

GERMANA

Porque ?

ALBERTO

Porque...

GERMANA

Foi, então, coisa grave ?

ALBERTO

Falámos... da minha vida.

GERMANA

Oh ! então foi gravissimo ! A vida de um artista como o senhor é um bem precioso, que deve ser zelado com o maior interesse. A Patria orgulha-se do seu talento.

ALBERTO

A Patria... Bem me importa a mim a Patria.

GERMANA

Não ama a sua Patria ?

ALBERTO

Eu ? eu só tenho um amor que absorve minh' alma.

GERMANA

Sei qual é...

ALBERTO

Sabe ?

GERMANA

E' o da sua arte.

ALBERTO
depois de fital-a, adeantando-se, apaixonadamente :
Germana !

GERMANA, *esquivando-se :*
O senhor escreve para o theatro ?

ALBERTO
Não, senhora. Porque ?

GERMANA
Porque... se escrevesse, eu lhe daria um conselho...

ALBERTO
Qual ?

GERMANA
Que não precipitasse tanto as situações nas suas comedias (*Ri*).

SCENA V

OS MESMOS E FAUSTA

FAUSTA, *entrando :*
Parabens, Germana, pela volta da tua alegria.

GERMANA, *sempre rindo :*
Obrigada, mamãe.

ALBERTO
Minha senhora...

FAUSTA

Agradeço-lhe muito a pressa com que acudiu ao meu chamado.

ALBERTO

Era meu dever, minha senhora.

GERMANA

Com licença.

FAUSTA

Aonde vaes ?

GERMANA

Padrinho está á minha espera.

FAUSTA

Não queres ir com elles á cidade ?

GERMANA

Não, senhora. Está muito quente.

ALBERTO

Um dia abrazador.

GERMANA

Com licença.

ALBERTO

Atrevo-me a dizer : até já.

GERMANA, *sorrindo :*

Até já (*Sáe pelo fundo*).

SCENA VI

ALBERTO E FAUSTA

Fausta vae ao terraço, certifica-se de que Germana desceu e torna anciosa para junto de Alberto.

FAUSTA

A que horas recebeste a minha carta?

ALBERTO

Ás nove da manhã. Que ha? (*Sentam-se*).

FAUSTA

Leste-a bem?

ALBERTO

Duas vezes.

FAUSTA

E comprehendeste?

ALBERTO *sorrindo:*

Francamente... fazes uns periodos tão complicados...

FAUSTA

Pois eu explico-me. Estás disposto a ouvir-me?

ALBERTO

Como sempre. Mas vê lá... cuidado! Olha que nos podem surprehender...

FAUSTA

Estão todos lá fóra... (*Apaixonada* :) Alberto, a minha situação moral vae-se tornando insustentavel. Soffro muito, muito, por tua causa.

ALBERTO

Por minha causa ! ?

FAUSTA

Sim... Mas, pelo amor de Deus, não affectes estes ares ironicos... Tem, pelo menos, um pouco de pena ; sim, pena, pois outro sentimento bem sei que não te posso inspirar.

ALBERTO

Mas que mania a tua de ser victima !

FAUSTA

Mania... Alberto, eu já não sou uma creança, e a mulher, quando chega á minha edade, só se entrega a um homem por interesse calculado ou por verdadeiro amor. Nós não sonhamos mais, vemos a vida claramente e o nosso amor tem alguma coisa de cruel, com o instincto da vida. O que eu sinto por ti é mais que amor, é como uma necessidade de viver. E's como a minha saúde...

ALBERTO

Tu estás nervosa, Fausta.

FAUSTA

Não estou nervosa, estou perfeitamente calma. Dize : como começaram os nossos amores ?

ALBERTO

Por um desvario, como, em geral, começam todos os amores.

FAUSTA *resentida :*

Por um desvario, dizes bem. Não dirás, todavia, que começou por um interesse...

ALBERTO

Interesse só poderia haver da minha parte, que sou pobre.

FAUSTA

Não queiras desviar a questão que tanto me custa encaminhar. Temos pouco tempo. Eu quiz ir á tua casa ; mas, bem vês, tenho hospedes.

ALBERTO

Nem é conveniente que insistas em lá ir, porque já se murmura...

FAUSTA

Que sou tua amante ? Se é a verdade...

ALBERTO

Sim, mas é uma verdade que compromette.

FAUSTA

Achas ?

ALBERTO

Naturalmente.

FAUSTA

E porque não me salvas da maledicencia ?

ALBERTO

Como?

FAUSTA

Legitimando os nossos amores. (*Com amoroso ardor*:) Sim, Alberto: não posso viver mais longe de ti. Não posso mais esconder a paixão que meus olhos accusam, que toda eu denuncio. Que maiores provas queres da minha sinceridade? Partiste para a Europa e eu tudo esqueci para acompanhar-te. Fui procurar-te a Pariz, lá vivemos juntos e tão felizes... (*Com tristeza*:) E' verdade que eu tinha ainda um resto de mocidade...

ALBERTO

Parece que falas de um passado muito remoto.

FAUSTA

Eu bem sei porque falo... O teu silencio é como o do meu espelho: não falas, mas no teu olhar revejo toda a minha miseria.

ALBERTO

Enganas-te: acho-te ainda formosa.

FAUSTA

Dizes isto num tom...

ALBERTO

Em que tom querias que eu dissesse?

FAUSTA, *depois de um silencio, timidamente*:

Tu me dizias sempre que, no dia em que conseguisses uma pequena fortuna, irias viver em Pariz. Achas este

meio mesquinho, não tens o ambiente artistico que te convem.

ALBERTO

Ah ! Pariz... Pariz ! Isto aqui... nem para bugres.

FAUSTA

Pois vamos viver em Pariz.

ALBERTO

Nós ?

FAUSTA

Então ?

ALBERTO

Queres romper com a sociedade ? E teu nome ?

FAUSTA

Tu me darás o teu... e meu coração ganhará com a troca.

ALBERTO

Queres dizer que... ?

FAUSTA

Que desejo ser tua mulher. Sim, viver comtigo, mostrar-me, pelo teu braço, aos que me detestam, eis o meu sonho. Tantas vezes tenho insinuado em teu espirito o meu desejo, mas como te não convem...

ALBERTO

A mim ?

FAUSTA

Sim, porque tens outros amores...

ALBERTO

Eu? Pensas que me não occupo em outra coisa? (*Silencio*:) Mas foi para isto que me chamaste?

FAUSTA

Foi. E tu?

ALBERTO, *encolhendo os hombros*:

Por mim... tanto se me dá viver solteiro como casado, serei o mesmo, será o mesmo o meu amor. Queres casar? seja. O casamento é uma instituição como outra qualquer e eu acceito todas as instituições só para não ter o trabalho de as discutir. (*Outro tom*:) E tua filha? que dirá?

FAUSTA

Germana? que temos nós com a opinião de uma creança?

ALBERTO

Uma creança? perdão... Germana é uma mulher. Vamos proceder com calma, nada de precipitação, para que não nos venhamos a arrepender mais tarde. Eu estimo Germana, acho-a intelligente...

FAUSTA

Formosa, pódes dizer a verdade. Não tenho ciume de minha filha.

ALBERTO

Formosa, pois não, e, grato á amizade com que me acolhe, não quero sacrifical-a a uma imprudencia. Póde murmurar que cedi ao interesse mesquinho, quando não é verdade, bem sabes. (*Com independencia*:) Nunca te falei em casamento: és tu que

m'o propões. Mas, eu sei, ella dirá que houve suggestão, que preparei a cilada com habilidade para empolgar a fortuna.

FAUSTA

Germana tem a sua legitima, eu tenho os meus bens á parte, posso gastal-os como quizer. Eu sei, tens medo do ridiculo, dos commentarios da sociedade.

ALBERTO

Eu sou homem que se preoccupe com a sociedade? Preoccupo-me commigo e não é pouco.

FAUSTA

Não queres?

ALBERTO

Que pressa! Vamos devagar. Que pretendes fazer de tua filha?

FAUSTA

Se não quizer ficar comnosco, paciencia, que vá para a companhia dos padrinhos.

ALBERTO

Não, senhora. Ahi temos a primeira difficuldade.

FAUSTA

Não vejo.

ALBERTO

Vejo eu. E' preciso que ella acceite, que concorde comtigo.

FAUSTA

E se concordar?

ALBERTO

Se concordar... Mas vê lá — eu não quero entrar na tua familia forçando escrupulos de quem quer que seja. Jamais! Sou bastante orgulhoso para recusar condescendencias, que seriam humilhantes.

FAUSTA

Ora, tu não queres, dize logo; não procures pretextos futeis. O melhor é acabarmos com isto.

ALBERTO

Como quizeres.

FAUSTA

Porque has de ser máo?

ALBERTO

Ah! sou máo... Exponho a questão lisamente e tu, sem causa, abespinhas-te e ainda dizes que sou máo. O que eu quero é preparar uma vida tranquilla para todos. Sou artista, preciso de toda a calma para trabalhar, porque não penso em viver parasitariamente á tua custa, como manteúdo. Serei teu marido, sim; teu apaniguado é que não.

FAUSTA

Porque me offendes?

ALBERTO

Não te offendo, exponho-te o meu pensar. Estás compromettida, entendes que o culpado sou eu e exiges reparação; aqui estou, mas com as minhas condições. Certamente, quando me preparaste esse futuro, — com o qual eu não contava — não me fizeste a injustiça de pensar que eu seria passivel de suborno; comprehen-

deste, porque me conheces, que eu me resignaria ao cumprimento de um dever. O que faço por ti, faria pela Justina, se ella se achasse no teu caso.

FAUSTA

Que Justina ?

ALBERTO

A que « posou » para a *Primavera*. Ah ! sim, ainda outro caso — tu não farás escandalo com os meus « modelos », quando eu tiver de pintar, não é verdade ?

FAUSTA, *resentida :*

Não sou grosseira, Alberto.

ALBERTO

E's ciumenta, só isso.

FAUSTA, *depois de um silencio :*

Então, se Germana concordar...?

ALBERTO

Fico á tua disposição. E tens mais alguma coisa a exigir de mim ?

FAUSTA

Sim.

ALBERTO

Que é ? (*Fausta apresenta-lhe a face*). Cuidado ! Olha que nos podem surprehender... (*Fausta encolhe os hombros. Beijam-se. Assustado :*) Espera... (*Riso fóra.*) E' Germana...

FAUSTA

Sim.

SCENA VII

OS MESMOS, FABIO, GERMANA E HERMINIA

FABIO, *no terraço:*

Ah ! não sei ? E se eu disser... Queres ?

Germana precipita-se e tapa-lhe a bocca com as mãos.

FAUSTA, *a Fabio:*

Permitta-me que lhe apresente um dos artistas mais notaveis da nossa terra, o senhor Alberto d'Avila, auctor do famoso quadro « Primavera » (*A Alberto:*) O D[r] Fabio de Silves, velho amigo da casa. Sua senhora, minha companheira de infancia e melhor amiga (*Comprimentos*).

ALBERTO, *a Fabio:*

O nome de V. Ex. é o estribilho que sempre apparece nas palestras d'esta casa. Desde que tive a honra de ser aqui recebido, comecei a amal-o e a respeital-o....

FARIO

Pois eu tambem vim começar a admiral-o aqui, onde o senhor é adorado como um deus. (*Sentam-se*) Sobre o seu quadro já li alguma coisa...

ALRERTO, *com indifferença:*

Sim, têm apparecido uns artiguetes.

HERMINIA, *a Fausta :*

Vou pôr o meu chapeu que já é tarde. (*A Alberto* :) Com licença...

GERMANA

Queres que te acompanhe ?

HERMINIA

Não ; deixa-te estar.

FABIO

E' um quadro de grandes dimensões ?

ALBERTO

Seis metros sobre quatro.

FABIO

Ahn !

FAUSTA, *a Fabio :*

Um instante... Deixo-o em boa companhia. (*Entra á esquerda*).

SCENA VIII

ALBERTO, FABIO E GERMANA

ALBERTO, *a Fabio :*

Gosta da pintura ?

FABIO

Como póde gostar um rustico.

GERMANA

Vê como um artista.

FABIO

Principalmente quando os quadros são pintados por ti.

ALBERTO

E pinta admiravelmente.

FABIO

Mas é muito preguiçosa. Começou um quadro lindissimo.

ALBERTO

Póde saber-se o assumpto, se não é segredo... ?

GERMANA

Uma paizagem.

FABIO

Pois lá está atirada.

ALBERTO

Porque não conclue ?

GERMANA, *com indifferença :*

Não tenho tempo.

FABIO

Não tem tempo... E' como o senhor vê — são os filhos que se lhe agarram ás saias, é o marido que reclama as meias, é o arroz que esturra... Ora, minha amiga...

GERMANA

Quem te ouvir, dirá que não trabalho...

ALBERTO

Conclua o quadro. Porque não o manda buscar?

GERMANA

Não vale a pena.

ALBERTO

E não teve outro professor além do... ?

FABIO

Paulo, Paulo Ramires. Não, não teve outro. Mas o Paulo é um artista. Conhece o « Crepusculo » ?

ALBERTO

Não, senhor.

FABIO, *a Germana :*

Vae buscal-o.

GERMANA

Ora, padrinho.

FABIO

Deixa-te de preguiça. Vae buscal-o.

GERMANA

Elle tem coisas melhores.

FABIO

Não digo o contrario, mas estão na fazenda. Anda !

GERMANA

Oh ! que teimoso ! (*Entra á direita.*)

SCENA IX

ALBERTO E FABIO

FABIO

Conhece os trabalhos d'ella ?

ALBERTO

Alguns. Tem muita disposição. E' pena que não continue a estudar.

FABIO

Aqui nada fará, esta cidade absorve. Eu mesmo, que já não tenho illusões nem enthusiasmos, quando venho passar alguns dias por cá, perco a cabeça, quanto mais ella, que é uma creança, cheia de sonhos, com uma grande ancia de ver, de divertir-se. E precisa, coitada ! tem vivido sempre na roça...

ALBERTO

O campo é o paraiso dos intellectuaes. Pudesse eu e teria a minha casa entre arvores, no fundo de uma aldeia tranquilla.

FABIO

Aborrecia-se. Eu sei é que longe das minhas arvores sou outro homem. Estou aqui ha uma semana apenas e já me sinto mal : não durmo, não tenho appetite, ando atordoado, falta-me o ar.

ALBERTO

E o senhor Paulo ?

FABIO

Conhece-o ?

ALBERTO

De nome apenas. E' formado ?

FABIO

Não, não é. O Paulo... eu lhe digo... O Paulo é assim como esses homens lambareiros que debicam aqui, alli, um pouco de cada prato. Ha creaturas assim, não é verdade ?

ALBERTO

Pois não.

FABIO

Almoçam bem e, no correr do dia, por extravagancia, comem aqui um pastel, alli um camarão, adeante um caramello e bebem um calice de Porto. Uma hora depois, pedem um sandwich e regam-no com um xerez ; e depois um grog, depois um absintho, por fim um rebuçado para adoçar a bocca, de sorte que, á hora do juntar, estão com o estomago enfartado, mas não alimentado. E á noite, com fome, lá vão ao armario farejar os restos do assado ou o fiambre.

ALBERTO

Quantos conheço eu assim !

FABIO

Pois é isto. O Paulo almoçou perfeitamente, porque ainda estava em casa dos paes — quero dizer : fez, com muito methodo, o seu curso de humanidades. Foi depois para a Europa e lá se entregou a todas as extra-

vagancias intellectuaes. Ia aos cursos litterarios e aos museus, sahia d'uma aula de philosophia para a lição de piano; ouvia uma conferencia sobre a sociolatria antes da hora do vaudeville. Tinha professores de mathematicas e de contra-ponto. Frequentava os amphitheatros de anatomia com um compendio de economia politica debaixo de braço. Entrava nas egrejas para ouvir o orgão e fez-se lutherano por causa dos canticos. Quando chegou a hora do jantar, aos vinte e cinco annos, estava empanturrado de gulodices e regressou á casa doente, e hoje, com uma fome insaciavel, lê, escreve, pinta, compõe, mas faz tudo desordenadamente. Agora, por exemplo, está com um appetite formidavel de religiões.

ALBERTO

E' um dyspeptico.

FABIO

Exactamente: um dyspeptico.

ALBERTO

Por isso um triste.

FABIO

E' verdade. Mas como conhece todos os manjares por os haver provado, é um encanto conversar com elle.

ALBERTO

Deve abrir o appetite. (*Sorriem.*) Que edade tem?

FABIO

Homem..., deve ter trinta annos, não tem mais.

ALBERTO

E' um bello rapaz. Vi o seu retrato.

FABIO

E que alma! Como já lhe disse, pinta, escreve romances, compõe sonatas, rima sonetos, entende de lavoura e de pecuaria, caça, pesca e, sendo livre pensador, tem capellão na fazenda e faz festas admiraveis, por simples prazer esthetico.

ALBERTO

E' um poeta...

FABIO

Isso, isso — um poeta é o que elle é.

SCENA X

OS MESMOS E GERMANA

GERMANA, *entrando com um pequeno quadro*:

O famoso « Crepusculo ».

FABIO, *a Alberto*:

Veja... Que tal? Sinceramente......

ALBERTO

E' um bom trabalho, pois não.

GERMANA

Muito melancolico. Para mim é este o grande defeito do Paulo.

ALBERTO

Qual ?

GERMANA

A rebuscada tristeza que imprime a tudo que faz.

FABIO

Rebuscada ! Como rebuscada, se elle é um triste?..

ALBERTO

E'a expressão da sua personalidade.

FABIO

Certamente. O verdadeiro artista deve ser sincero, deve pintar como sente, não é verdade?

ALBERTO

Sem duvida.

GERMANA

Mas a vida tem outros aspectos. O mundo não é um feudo da melancolia.

ALBERTO

São idyosincrasias.

FABIO

Sim, senhor. E... que tal o quadrinho?

ALBERTO

Magnifico. Boa côr, muito ar, perspectiva excellente...

FABIO

Sabe que lhe falta? estimulo. O que matou aquelle rapaz, foi o dinheiro. Se elle precisasse do trabalho para

viver, seria uma gloria nacional. Eu, quando leio as desgraças que têm affligido os grandes homens, revolto-me contra a indifferença dos contemporaneos, mas o meu egoismo vae louvando aquellas fomes, aquelles frios, todos aquelles tormentos, sem os quaes a obra d'Arte não teria nascido. Só a dôr é fecunda, meu amigo. E o seu quadro ? Já esteve exposto, não ? Foi premiado, creio...

ALBERTO

Não, senhor... Ainda não o conclui.

FABIO

Ahn... Tambem... seis metros sobre quatro...

GERMANA, *vendo entrar Herminia, muito sisuda, calçando as luvas :*

Oh ! já prompta !

SCENA XI

OS MESMOS, FAUSTA E HERMINIA

HERMINIA, *a Fabio, seccamente :*

Vamos.

FABIO, *tomando o chapeu ; a Alberto :*

Acredite que me considero muito feliz por haver conhecido um dos homens mais illustres da minha terra. (*Dando-lhe um cartão :*) Este é o endereço do meu

eremiterio. Se quizer um pouco de paizagem e algumas horas de repouso, tome o trem e será acolhido, não como merece, mas como os camponios costumam receber, quando estimam.

ALBERTO, *dando-lhe o seu cartão :*

Ha de permitter que...

FABIO, *a Germana :*

Queres alguma coisa ?

GERMANA, *em tom de censura :*

Já esqueceste... ?

HERMINIA, *impaciente :*

Vamos. (*Faz um comprimento cerimonioso a Alberto*).

FABIO

Ah ! sim... os figurinos. Até logo...

FAUSTA

Divirtam-se.

GERMANA

E não se demorem muito.

Os dois vão sahindo, Herminia muito chegada ao marido, falando-lhe baixinho. Fabio estaca, de repente, no terraço, cheio de surpresa, os olhos fitos na mulher. Herminia esforça-se por arrastal-o ; elle, porém, volta-se, accusando na physionomia extraordinario espanto. Germana, ao vel-o parado, como indeciso, precipita-se risonha.

GERMANA

Que é ? Esqueceste alguma coisa ?

FABIO, *como atordoado:*

Hein? nada... nada. (*Affaga-a machinalmente*).

HERMINIA

Vamos.

Sáem. Germana demora-se no terraço.

SCENA XII

ALBERTO, FAUSTA E GERMANA

ALBERTO, *consultando o relogio:*

Bem... deixo-te agora com tua filha.

FAUSTA

Não, fica. Quero que a ouças, para que não subsista duvida alguma em teu espirito. Não dirás mais tarde que menti.

ALBERTO

Mas a minha presença vae constrangel-a.

FAUSTA

Germana!

GERMANA

Mamãe... (*Desce*).

FAUSTA

Vem aqui um instante.

GERMANA

Quer falar-me?

FAUSTA

Sim; senta-te. (*Momento de hesitação*). Estás nervosa.

GERMANA

Quem? eu? Não, senhora.

FAUSTA, *depois de um momento:*

Lembras-te do que eu te disse quando aqui chegaste?

GERMANA

Sobre que?

FAUSTA

Sobre a minha vida, a respeito do Madeira, o meu antigo procurador...?

GERMANA

Sim.

FAUSTA

Pois esse homem, que ia cavando a nossa ruina, porque foi despedido vinga-se infamemente, fazendo constar que foi meu amante. (*Movimento de Germana*). Eu podia processal-o; evito, porém, o escandalo, não por mim, por ti: o teu futuro impõe-me todos os sacrificios. Os perversos movem-me uma guerra covarde. E's ainda muito creança, não conheces o mundo, não conheces os homens. Queira o Senhor que não tenhas de passar pelos transes que tanto me têm affligido. (*Limpa uma lagrima*).

GERMANA

Não se amofine, mamãe.

FAUSTA

Não imaginas. Tenho tido impetos de dizer-te tudo... para que? para que te hei de affligir? Depois que teu pae morreu, nunca mais tive descanço. Foste para a companhia dos teus padrinhos, fiquei só; e a propria fortuna, que me devia dar tranquillidade, accendendo a cubiça, tem sido a causa de todos os meus padecimentos.

GERMANA

Mas a senhora devia ter sido franca com os seus verdadeiros amigos, porque os tem.

ALBERTO

Pois não.

FAUSTA

Essas luctas moraes acabrunham: sinto-me fatigada, estou ficando com a cabeça branca.

GERMANA

Mas agora estou aqui ao seu lado.

FAUSTA

Minha pobre filha...! Que poderás fazer?

GERMANA

Tudo.

FAUSTA

Tudo! Succumbirás como eu succumbi. (*Um momento:*) Conheces bem o senhor Alberto, sabes quanto elle é nobre, digno, generoso...

GERMANA, *timidamente :*

Sim, senhora.

FAUSTA

Tem-nos dado as maiores provas de amizade...

ALBERTO

Oh!... eu...

FAUSTA

Com elle me tenho achado nestes ultimos tempos, com elle só, e devo-lhe uma gratidão eterna. Que teria sido de mim, se elle não houvesse sahido em meu auxilio, esquecendo os seus interesses, a sua Arte...

ALBERTO

Fiz o que faria qualquer homem, minha senhora.

FAUSTA

Julga o senhor que todos têm os seus sentimentos?... Eu tenho experiencia amarga, meu amigo. Pois, minha filha, o que resolvi, para viver em paz os poucos dias que me restam, para ter quem defenda dos ambiciosos a fortuna que teu pae nos deixou, foi...

GERMANA, *muito vexada.*

Mas, mamãe....

Alberto, dissimulando indifferença, acompanha todos os movimentos de Germana, notando, com alegria, a sua emoção crescente. Sente-se-lhe o gozo: não consegue disfarçar a alegria.

FAUSTA

Pensei muito e estou certa de que approvarás a minha resolução.

GERMANA, *de olhos baixos :*

Mas...

FAUSTA, *affagando-a :*

Não sejas creança... Não o estimas? então? Elle será o nosso protector; juntos velaremos pelo teu futuro. Será para a minha Germana um segundo pae.

Germana desprende-se violentamente dos braços de Fausta e fica de pé.

GERMANA

Meu segundo pae! Mas então.... não comprehendo. Que quer dizer?

FAUSTA

Quero dizer que elle me offerece a sua mão.

GERMANA, *impulsiva :*

A' senhora? O senhor!?

Alberto vae a falar, Fausta adeanta-se.

FAUSTA

Então? Não o achas digno?.

GERMANA, *contendo as lagrimas :*

Eu? (*Dominando-se :*) Sou ainda muito creança, minha mãe; não conheço os homens. Mamãe sabe, melhor do que eu, o que convem á sua felicidade.

FAUSTA

E á tua tambem, minha filha.

GERMANA, *altiva :*

A' minha ! ? (*Lançando um olhar de desprezo a Alberto, arrancadamente :*) Sim, diz bem — e á minha, porque me salvou de uma grande desgraça.

Encaminha-se altivamente para o terraço, Fausta acompanha-a com o olhar, Alberto sorri triumphante.

PANNO.

SEGUNDO ACTO

Jardim de herdade : cerca e cancella ao fundo. A' esquerda, pequena escada de pedra, com parapeito de protecção, levando á varanda da casa, antiga e solida. Horizonte vasto de terras lavradas. Longe, numa eminencia, o moinho alveja solitario. A' direita, espalhadas pela planicie, no pendor das collinas, as casas dos colonos. A tarde começa a abrumar a paizagem. Poiaes. Mobilia rustica. Em um poste, ao centro, um lampeão de petroleo.

SCENA PRIMEIRA

AMANDA E ASSUMPÇÃO

Amanda, no poial, junto á escada, procura, com esforço, descalçar uma das botinas. Assumpção apparece á porta da casa com um par de chinellos de ourelo.

ASSUMPÇÃO

Amanda ! O' pequena ..! Onde estás mettida, rapariga ?

AMANDA

Estou aqui fervendo de dôr.

ASSUMPÇÃO, *descendo :*

Não estás melhor ?

AMANDA

Que melhor, que nada ! Agora mesmo é que estou zonza. Parece que tenho fogo nos pés.

ASSUMPÇÃO

Pois tira as botinas, calça os chinellos. Toma.

AMANDA

Quem sabe se mamãe comprou as botinas trocadas?

ASSUMPÇÃO

Como trocadas?

AMANDA

A do pé direito para o pé esquerdo e a do pé esquerdo para o pé direito...?

ASSUMPÇÃO

Só se foi seu Zephirino. Aquillo não rouba a Deus Nosso Senhor porque não póde. Pois muda.

AMANDA

Já mudei. A senhora não vê que ellas estão mudadas? mas qual! (*Amuada:*) Não sei para que a gente ha de andar com estas coisas nos pés... isto é bom para os burros. (*Atira a botina ao chão; alliviada:*) Agora sim!

ASSUMPÇÃO

Toma os chinellos.

AMANDA

Espera, mamãe; deixa o pé tomar fresco. (*Outro tom:*) Que é que estão fazendo lá dentro? Ainda não foram jantar?

ASSUMPÇÃO

Ainda não. Hoje o jantar é mais tarde, por ser de festa.

AMANDA

Por isso mesmo devia ser mais cedo. Ahi está porque eu não quero saber de casamento nem de nada.

ASSUMPÇÃO

Mas toma os chinellos.

AMANDA

Espera, mamãe. (*Colleando :*) Eu, depois do jantar, saco do corpo esta cilha que está me machucando muito. Deus me livre ! Se as moças da cidade tivessem a barriga que eu tenho, não haviam de andar com tantos arrochos.

ASSUMPÇÃO

E as luvas que teu padrinho te deu ?

AMANDA

As luvas? estão lá em casa. Aquillo só serve para encarapuçar os dedos, quando a gente se corta ou para limpar os ouros. E o moço, hein, mamãe? Eu estava na sala endireitando a meia e elle ficou olhando, que nem bobo. Tambem eu fiz uma careta... Elle que é, mamãe?

ASSUMPÇÃO

Sei lá ! Toma os chinellos.

AMANDA

Um chega.

ASSUMPÇÃO

Pois toma e vamos para dentro.

AMANDA

Que é que eu vou fazer lá dentro ? Aquillo está quente que nem um forno. Estou muito bem aqui. (*Triste* :) E o *Bargado*, mamãe ? Tão bonito ! A senhora não imagina como os outros bois choraram o sangue que ficou no chão : fazia pena. Tal qual como a gente quando tem defuncto. Tambem foram logo escolher o boi mais bonito....

ASSUMPÇÃO

Mas anda, pequena.

AMANDA, *indo ao fundo, a cantarolar* :

Nos ares perdi meus gritos,
Ninguem me salva, ninguem !
Quem padecer tenha pena
De quem padece tambem.

ASSUMPÇÃO

Anda, menina.

AMANDA

Ih ! mamãe... a senhora ! Agora vae todo o mundo olhar para o meu pé. Tambem, tanto se me dá como se me deu. (*Entram em casa*).

SCENA II

FABIO E HERMINIA

Sáem de casa ; Fabio visivelmente contrariado

HERMINIA

Não te incommodes, deixa-os lá. Elles não vêm ficar aqui.

FABIO

Tambem... era o que faltava. Mas francamente — que parece aquillo ? Palavra, começo a acreditar no que por lá se diz. Não é assim : uma senhora, por mais que ame, deve respeitar as conveniencias, deve ter compostura. Tem lá geito ! Até vexa. Eu confesso — sinto o sangue queimar-me as faces.

HERMINIA

Deixa-os, não vale a pena ; elles vão amanhã.

FABIO

Felizmente ! Que semana ! (*Assanhado* :) Vão, mas a vergonha cá fica.

HERMINIA

Que vergonha ?

FABIO

Que vergonha ? este casamento. Que te parece ? Uma senhora de cincoenta annos, com uma filha moça, casar com um rapaz de trinta annos, se os tem. Pensas, talvez, que ella veiu para cá porque nos

estima ? pois sim ! Tu deves conhecel-a melhor do que eu.

HERMINIA

Coitada !

FABIO

Coitada ! Coitada de ti. Olha, ella resignou-se a vir casar-se neste « matto », como costuma dizer, por vergonha ; foi a vergonha que a trouxe para cá. Na cidade ririam, commentariam o caso, fariam pilheria ; aqui não. Esta pobre gente não põe malicia em cousa alguma. E isto que prova ? prova que ella tem consciencia da indignidade do acto. Parece até um crime commettido ás escondidas... e é mesmo um crime. E ella a dar-lhe com a protecção... Protecção .. Uma senhora que se preza, tem uma protecção forte na propria dignidade. Eu bem sei que protecção foi ella buscar.

HERMINIA

Antes assim : ao menos agora elle é seu marido.

FABIO

Que lhe faça bom proveito. Emfim, eu nada tenho com isso — que se arranjem. O que eu não quero é pouca vergonha em minha casa, isso não. Sou um homem de bem, exijo que me respeitem. E o tal bonifrate a rir-se do Paulo... Porque ? Quem é elle ? um aventureiro, vindo ninguem sabe d'onde. Elle que não se ponha com historias perto de mim.

HERMINIA

Deixa-o, não te zangues ; está por pouco. Pensas que o Paulo faz caso... ?

FABIO

Isso sei eu. (*Outro tom*:) E a pequena ? que te parece ?

HERMINIA

Ella ? Coitada !

FABIO

Homem... não sei.

HERMINIA

Germana é uma menina muito ajuizada.

FABIO

Sim, sim... mas... O que eu quero é ver o tal casal pelas costas. Estão casados, não ? pois que se ponham a andar. (*Outro tom* :) E quando, lá embaixo, no dia da apresentação, tu me disseste que ella te havia participado o noivado... palavra.....

HERMINIA

Não acreditaste ?

FABIO

Não sei, filha... No primeiro momento... Que diabo ! uma velha...

HERMINIA

Velha, não, Fabio ; ella não é velha.

FABIO

Ah ! não é velha ? uma senhora de cincoenta annos, cujo primogenito, se vivesse, seria mais velho do que o padrasto. Bem te entendo — como andaste

com ella no collegio não queres, que eu lhe chame velha, para que a pedra não resvale para o teu telhado. Ah! a solidariedade feminina — puro egoismo. Quando uma mulher defende a amiga, está a defender-se a si mesma.

HERMINIA, *com altivez*:

Isso não?

FABIO

Bem sabes o que quero dizer. Não defendes a pouca vergonha, está bem visto.

HERMINIA

Bem, vou mandar servir o jantar ao padre Antonio.

FABIO

Quê! Pois elle não janta comnosco?

HERMINIA

Não. Tem missa amanhã no *Retiro* e quer ir lá dormir.

FABIO

Bem. Eu vou até alli abaixo. Não te parece que o moinho está aberto? Ah! isto hoje, com festa... estão todos com a cabeça no ar.

Herminia entra em casa, Fabio sáe pela cancella, ao fundo, e perde-se á direita.

SCENA III

ALBERTO, PAULO E O PADRE

ALBERTO, *no alto da escada :*

E' realmente curiosa essa pequena. (*A Paulo :*) Porque não a educa ? Deve ser um divertimento interessante.

PAULO

Para quem tem paciencia e vagares. E' como a exploração de uma terra nova : as idéas são confusas, têm alguma coisa do embrenhado das florestas virgens. O instincto é bravio, a vontade é feita de impulsos. A sua alegria é ruidosa e communicativa como a da natureza, a sua furia desencadeia-se como as tormentas. O primeiro que explorou aquella alma, foi o padre.

ALBERTO

O missionario. E conseguiu converter a selvagem ?

O PADRE

Pois não, e pouco me custou : encontrei a virtude, que é como um altar, tive apenas o trabalho de nella pôr o meu Deus.

ALBERTO

Falta-lhe ainda muita coisa.

PAULO

Entretanto, essas creaturas são necessarias ao mundo. Amanda é a verdadeira mulher, o typo da especie : a

Eva da Genese, como sahiu das mãos do Senhor... (*Sorrindo* :) Não é verdade, padre ? (*Aceno affirmativo do padre*).

ALBERTO

Quer, então, dizer que as outras mulheres são creaturas do diabo ?

PAULO

Ou do homem, o que é a mesma coisa.

O PADRE

Senão peior.

ALBERTO

E' bem feliz por não haver aqui senhoras.

PAULO

Amanda é a rocha, meu amigo, as deusas são as outras mulheres. A rocha é monstruosa e grosseira, mas aos seus flancos é que os artistas vão buscar os blocos em que talham a graça corporal de Venus e a estructura magnifica de Hercules. Que dão essas lindas figuras ? Dão o encanto á vida, mas não têm a fecundidade, que é a propria vida. Além dos deuses, dá ainda a rocha a columna do templo, a pedra do lar e a lápide do tumulo.

ALBERTO

Assim, prefere a mulher do campo ?

PAULO

Como factor de vida, sem duvida.

ALBERTO

Mas não seria capaz de desposar uma dellas.

PAULO, *depois de um momento :*

Vá o meu amigo á floresta, arranque uma arvore, seque-a ao sol, detore-lhe os galhos, escame-lhe a cortiça, folheie uma parte, leve outra parte ao torno, distribua pedaços ao entalhador, ao recortador, ao esculptor, depois reuna os bocados, ajunte-os, componha-os, faça com o todo um movel artistico, leve esse movel á floresta de onde tirou o madeiro informe e deixe-o lá ficar. Que acontecerá ? nunca mais será arvore e as hervas o desconhecerão e, enredando-se nelle, irão, aos poucos, roendo-o. A humidade, que dantes o sustentava, o irá destruindo, as folhas podres, que formavam a substancia melhor do seu alimento, concorrerão para a sua ruina, e, quando o amigo tornar á floresta, encontrará apenas páu pôdre e tortulhos : o movel estará desfeito em humus. Eu sou do meio a que me affeiçoei e, posto no campo, depois de haver conhecido o mundo e o seu esplendor, que sou ? um melancolico que definha — é a vida forte que me consome. Se me não tivessem polido, eu seria feliz — arvore bravia por certo, não procuraria com os meus ramos senão outras arvores, mas... sou um movel de luxo na floresta.

ALBERTO

O senhor faz versos ?

PAULO

Satyras, quando encontro motivos.

O PADRE

E hymnos e loas á Nossa Senhora, que os pequenos cantam nas festas de Maio.

SCENA IV

OS MESMOS E FAUSTA

ALBERTO, *vendo Fausta no alto da escada :*

Ainda bem, chegas a tempo.

FAUSTA *descendo :*

Que ha ?

ALBERTO

O senhor Paulo acaba de expôr um lindo paradoxo sobre a mulher : diz que prefere a Amanda, com as suas maneiras livres de selvagem, á dama mais elegante.

FAUSTA

Oh ! senhor Paulo...

PAULO

O cavalheiro não percebeu a intenção das minhas palavras, minha senhora. Demais, eu sou dos que não se preoccupam com a casca do fructo, desde que a polpa é delicada. (*Vae sahindo lentamente pelo fundo*).

O PADRE

A alma, eis tudo... a alma...

ALBERTO

Perdão, e a tal mulher creada pelo Senhor ?

O PADRE

Elle falou da mulher de Deus e da mulher do seculo.

FAUSTA

A mulher de Deus é a Amanda, já se vê...

O PADRE

Deus, quando fez a mulher, minha senhora, não lhe deu atavios, deu-lhe apenas a alma. Depois ella lançou mão de uma folha de figueira e hoje, para o mesmo effeito, não ha pannos que lhe cheguem. E' que ha muito que esconder...

ALBERTO

Quer dizer que o peccado tem crescido ?

O PADRE

E' o que parece.

FAUSTA

E o senhor deve saber melhor do que ninguem.

O PADRE

Eu, minha senhora ? Ah ! sim... Mas eu caminho para o peccado como Japhet caminhou para a nudez vergonhosa do patriarcha : de costas, e cubro-o com o manto do perdão divino.

SCENA V

ALBERTO, O PADRE, FAUSTA E AMANDA

AMANDA, *no alto da escada:*

Venha jantar, senhor padre. (*Desce*).

O PADRE

Ainda bem. Já se vae fazendo tarde. Com licença. (*Entra em casa*).

AMANDA, *a Fausta:*

A senhora ainda não está com fome?

FAUSTA

Ainda não. E tu?

AMANDA

Estou capaz de comer um boi.

ALBERTO

Que edade tens, pequena?

AMANDA

Não é da sua conta.

ALBERTO

Deixa-me ver os teus dentes.

AMANDA, *escamada:*

Eu não tenho a certidão de edade na bocca, como o senhor. Tolo! Olhe, fique sabendo que não gosto de

brincadeiras commigo. Depois vá dizer que sou bruta. Eu nunca lhe dei confiança.

ALBERTO

Hein? E' atrevida...

FAUSTA, *baixo:*

E' tola. Deixa-a

AMANDA, *sobe cantarolando:*

Nos ares perdi meus gritos,
Ninguem me salva, ninguem...

FAUSTA

Como me sinto feliz, Alberto. E tu?

ALBERTO

Mas que creaturinha malcriada..!

AMANDA, *á cancella:*

Padrinho! Oh! padrinho...

ALBERTO, *a Fausta:*

Pensas em deixar tua filha aqui?

FAUSTA

Não. Porque?

AMANDA

Padrinho!

ALBERTO

Porque esse philosopho anda com uns ares...

FAUSTA

E' um taciturno, mas não é máo rapaz.

ALBERTO

Taciturno... Um grande hypocrita é que elle é.

AMANDA

Ah! não ouve? Padrinho! Eoooh! (*Sáe a correr para o campo*).

SCENA VI

ALBERTO E FAUSTA

ALBERTO

Um grande hypocrita. (*Outro tom*:) E é esse o homem admiravel, o lucido espirito de que me falavas com tantos louvores? Conheço muito taes Alcestes... Oh! se os conheço!

FAUSTA

Houve alguma coisa comtigo?

ALBERTO

Commigo? nada. Estive a divertir-me á custa delle: dei-lhe corda e passei um delicioso quarto de hora a ouvil-o. Mas deixemos o taciturno. Sabes que o teu compadre não sympathisa commigo?

FAUSTA

Porque?

ALBRTO, *encolhendo os hombros :*

Trata-me seccamente, evita-me. Encontrei-o, ha pouco, instando com tua filha para que fique aqui, dizendo-lhe que está magra, abatida. Não quero que penses que pretendo impôr a minha auctoridade a Germana, não ; o meu ideal é viver comtigo unicamente, longe de todos : tu e a minha Arte. Infelizmente, porém, já não sou o bohemio de outr'ora, tenho de submetter-me ás exigencias da sociedade...

FAUSTA

Mas que ha ?

ALBERTO

Embora pareça estranho, bem sabes que o nosso casamento tem provocado discussões e commentarios no alto mundo e, excusado é dizer-te : a victima principal sou eu. Affirmam que me casei por interesse, que cedi para viver á tua custa, assenhoreando-me da tua fortuna. Isso pouco me importa ; tenho a minha consciencia e saberei confundir os detractores, mas não sei quem inventou a vilissima infamia que corre os salões, servindo de assumpto a todas as palestras.

FAUSTA

Que é ?

ALBERTO

Ora, que ha de ser ? uma nova torpeza, que só póde ser desmentida pela prensença de Germana em nossa casa.

FAUSTA

Mas fala.

ALBERTO

Quando se propalou a noticia do nosso casamento, houve quem dissesse que eu, valendo-me da ascendencia que tinha sobre ti, resolvera aproveital-a em beneficio de um amor que nascera das relações intimas estabelecidas entre mim e tua filha... e pedi a sua mão. Tu, naturalmente despeitada, rompeste furiosa e, dominando o sentimento maternal, não só injuriaste Germana, como ainda a maltrataste brutalmente....

FAUSTA, *surdamente.*

Infames !

ALBERTO

...e impuzeste-me o casamento, resignando-me eu, porque te devia grande somma. Só um infame lançaria na circulação tão aviltante calumnia. Sabes que fui sempre para Germana um amigo, um irmão...

FAUSTA

Pobre Germana !

ALBERTO

Mas a sociedade ignora essa verdade e, como a maledicencia é um divertido jogo de salão, se não procurarmos confundir com a evidencia o que a Calumnia vae assoalhando, seremos tres victimas : nós e ella, que ficará, para sempre, maculada. E' preciso que ella viva comnosco, pelo menos nos primeiros tempos. Affirma-se até que viemos casar aqui com receio de que ella fizesse escandalo. Que queres ?

FAUSTA

Mas porque será que essa gente tanto se preoccupa commigo ?

ALBERTO

Porque és rica, infelizmente. O que eu não quero é que as apparencias auxiliem a mentira. Germana, permanecendo aqui, justificará os boatos e nunca mais nos livraremos do estygma ignominioso com que nos pretendem manchar.

FAUSTA

Isso foi coisa do Madeira.

ALBERTO

Não sei. A Calumnia é um rio de nascente ignorada— corre algum tempo subterraneamente ; quando irrompe, é caudal. Não sei se foi o Madeira, hoje são todos.

FAUSTA

E queres que Germana vá comnosco ?

ALBERTO

Eu não quero, é a sua propria reputação que o exige. Emfim... faze o que entenderes.

FAUSTA

Eu farei o que quizeres.

ALBERTO

O que eu quizer, não : eu nada quero, já te disse e repito. Ella é tua filha, deves ter todo o interesse em manter-lhe illesa a reputação. Falo-te como amigo. Não repudiei as minhas idéas, pouco se me dá que a sociedade fale ; mas sou teu marido, não te quero ver ultrajada.

FAUSTA

Ah ! se o Paulo quizesse casar com ella...

ALBERTO

Quem ? esse idiota ! Ora, minha amiga, pensa com mais interesse no futuro de tua filha. Isso não é um homem, é um *De Profundis*. Antes o convento. Descança, não lhe hão de faltar partidos e magnificos; ella tem o essencial. O Paulo ! Pobre Germana ! Emfim, ella é tua filha... isso é comtigo.

FAUSTA

Pois eu vou falar-lhe.

ALBERTO

Que lhe vaes dizer ?

FAUSTA

Que irá comnosco.

ALBERTO

Ella já te disse que pretende ficar ?

FAUSTA

Não.

ALBERTO

Então ? Eu sei que Germana não me quer mal, o teu compadre é que a seduz. (*Mysterioso:*) Ha algum parentesco entre elle e o Paulo ?

FAUSTA

Não.

ALBERTO

Não haverá por ahi algum mysterio ? Esse empenho em querer prendel-a aqui, esses elogios ao Paulo — porque, para o teu compadre, não ha outro homem como o Paulo —... Uhm ! assim só um pae por um filho...

FAUSTA

Ora, Alberto...

ALBERTO

Filha, eu conheço o planeta em que vivo.

SCENA VII

OS MESMOS, FABIO, PAULO, GERMANA E AMANDA

FABIO, *fóra :*

Pois sim, pois sim... mas isto aqui é mais tranquillo. Perguntas porque as estrellas brilham aqui mais do que na cidade ?

PAULO

E' porque estamos mais perto do ceu.

AMANDA

E não diga brincando.

Entram pela cancella do fundo: Paulo dando o braço a Germana.

ALBERTO, *baixo a Fausta :*

Olha o taciturna. Agora não traz a mascara da melancolia.

FAUSTA, *a Germana :*

Onde foste ?

GERMANA

A' casa do Lucas. Therezinha mandou chamar-me para mostrar-me o pequeno.

FABIO

E, já se vê, arranjou mais um afilhado.

FAUSTA

A' casa do Lucas !... Tão longe ! minha filha ! ?...

PAULO

Longe ? vê-se daqui. Fica a dois passos do moinho.

ALBERTO

E em companhia do senhor Paulo..

PAULO

Em minha companhia ? !

GERMANA

Eu fui só.

ALBERTO

E não receiou um máo encontro ?

FABIO, *franzindo o sobr'olho :*

Máo encontro ! ?

FAUSTA

Alguma cobra...

PAULO

Não ha cobras aqui.

AMANDA

E quem tem medo de cobras ?

ALBERTO

Eu por exemplo.

AMANDA

Ora! o senhor tem medo de tudo... menos das pernas da gente.

FABIO

Ahi está uma que atravessa a matta a qualquer hora da noite.

GERMANA

Eu tambem já atravessei. Não te lembras? quando fui ao sitio de Lourenço.

FABIO

Por signal que nos deixaste aqui sobre brazas. Imaginem, com uma tempestade imminente... (*A Fausta*) Pois a pequena está com vontade de ficar uns dias comnosso.

ALBERTO, *baixo a Fausta*:

Que te disse eu?

AMANDA

E a senhora deixa, não deixa? Eu tenho tanta novidade para mostrar a Germana. A senhora não gosta de passarinhos?

FAUSTA

Agora não é possivel; precisamos de Germana em casa. Só ella sabe arranjar aquillo com gosto, não é verdade, Alberto?

ALBERTO

Sim, mas se prefere ficar em companhia dos seus padrinhos e dos seus bons amigos, o senhor Paulo, por exemplo, a quem tanto deve.

PAULO

A mim?

ALBERTO

Certamente.... Se não fosse o senhor, em vez de uma mulher da Genese, haveria duas em Santa Olivia, e Germana, segundo a sua theoria, é um movel de luxo.

PAULO

E o senhor faz bem em aproveital-a como ornamento do seu salão.

ALBERTO

Ao menos não se cobrirá de tortulhos.

AMANDA, *amuada* :

Este moço é que não quer que ella fique.

ALBERTO

Eu?!

AMANDA

O senhor mesmo, eu bem vejo. Pois olhe, ella aqui não corre risco, póde ficar descançado.

ALBERTO

Decididamente, não nasci para explorador: os selvagens antipathisam commigo.

PAULO

E' porque não sabem dissimular.

ALBERTO

Porque diz isto?

PAULO

Porque conheço os selvagens.

AMANDA

Pois ha de ficar!

FABIO

Está bem, Amanda... Olha, vae buscar-me um copo d'agua.

Amanda entra em casa.

FAUSTA, *a Germana, continuando uma conversa:*

... não trouxeste roupa bastante e a nossa bagagem já foi despachada.

GERMANA, *friamente:*

Eu estou pelo que quizerem.

PAULO, *a Germana:*

Se quizer ver o nosso altar e o Christo... Val-Formoso é a meia hora daqui, bem sabe...

GERMANA

Mamãe quer partir amanhã.

ALBERTO

Impreterivelmente.

FABIO

Porque tanta pressa? Sentem-se mal aqui?

ALBERTO

Oh! não... mas o senhor sabe.... tenho um trabalho em mãos.

FABIO

Ah! sim... o grande quadro!

PAULO, *a Germana*:

Ficará, então, para mais tarde, se a senhora, não esquecer.

GERMANA

Tenho de vir baptisar o filho do Lucas.

FAUSTA, *a Paulo*:

Virei tambem, porque muito desejo ver a sua capella.

PAULO

Pobre ermida, minha senhora.

FABIO

Deixe-o falar. E' uma belleza.

FAUSTA

Imagino!

ALBERTO

Falaram-me de uns lindos retabulos... São seus?

PAULO

Não, senhor. Trouxe alguns da Italia, outros de França. Tentei fazer um *Baptismo*, mas não sahiu a meu gosto.

ALBERTO

Sei que é muito exigente.

FABIO, *a Paulo*:

Pois, para mim, o *Baptismo* é um dos teus melhores trabalhos.

ALBERTO

E o senhor Fabio vê como um Taine. Não é verdade, Germana?

GERMANA

Pois não.

AMANDA, *descendo de casa com um copo d'agua em uma salva*:

Está aqui a agua, padrinho... E o jantar está na mesa. (*A Germana*). — Então?

GERMANA

Não posso ficar, Amanda.

AMANDA

Diabo de homem!

FABIO

Vamos entrar?

ALBERTO, *baixo, a Fausta*:

Estás convencida?

Marcellino sáe de casa com um banco e vae accender o lampeão.

AMANDA

Diabo de homem mal encarado.

Entram todos em casa, menos Amanda e Marcellino.

SCENA VIII

AMANDA, MARCELLINO, DEPOIS ASSUMPÇÃO

AMANDA, *sentada no poial:*

O' Marcellino, você viu como os bois ficaram com a morte do *Bargado*?

MARCELLINO, *accendendo o lampeão:*

Tristes, hein?

AMANDA

Chorando. E dizem que os bichos não sentem. Se a *Morena* fosse viva, então... era capaz de ficar doida.

MARCELLINO

Qual! nem o conhecia mais.

AMANDA

A *Morena*?! ora se conhecia! Então você pensa que as mães esquecem os filhos? os paes sim. Olha a *Matraca*... Quando lhe tiram o bezerro, á noite, não deixa ninguem dormir com tanto berro.

MARCELLINO

Isso é só emquanto estão creando... depois...

AMANDA

Depois quê?

MARCELLINO

Até os escorraçam.

AMANDA

Vocês vão dançar, Marcellino ?

MARCELLINO

Elles querem. Estão arranjando o paiol grande.

AMANDA

Então eu vou para lá.

MARCELLINO

Porque não ficas aqui ?

AMANDA, *com um momo* :

Eu, não ; aqui ninguem dança, são uns enjoados. Isto até nem parece casamento, tem mais geito de enterro. Você já viu cara mais implicante do que a desse homem que casou com d. Fausta ?

MARCELLINO

E tu estás mordidinha de inveja, hein ?

AMANDA

Inveja, eu ? Eu se quizesse casar, já tinha casado.

MARCELLINO

E porque não queres ?

AMANDA

Deus me livre ! para andar com um diabo sempre atraz de mim, a me enfezar ? Eu ! Se um homem gritasse commigo, como o Valerio grita com a Leocadia.....

MARCELLINO

Que fazias !

AMANDA

Que fazia ? agarrava num páo e...

ASSUMPÇÃO, *no alto da escada com um collete de mulher na mão :*

O' Amanda !

Marcellino sáe pelo fundo assobiando.

AMANDA

Que é ?

ASSUMPÇÃO

Isto não é teu ?

AMANDA

E'.

ASSUMPÇÃO

Pois tu foste tirar o collete, menina ?

AMANDA

A senhora queria que eu morrese suffocada, não ?

ASSUMPÇÃO

E deixal-o jogado á tôa na sala de jantar !

AMANDA

Ninguem furta.

ASSUMPÇÃO

Ninguem furta... Ninguem furta, mas é feio. Vem jantar.

AMANDA

Eu janto depois. Quero comer á minha vontade. Não gosto, quando como, que estejam olhando para a minha bocca.

ASSUMPÇÃO

Pois então fica, vou eu.

AMANDA

Póde ir.

SCENA IX

AMANDA, ASSUMPÇÃO, FABIO, ALBERTO, PAULO, O PADRE, FAUSTA, GERMANA, HERMINIA E MARCELLINO, *com uma lanterna*

O PADRE, *commovido:*

Quanto incommodo! Deixarem a mesa por minha causa...

FABIO

O troly está alli embaixo, padre. Vaes com o Raymundo, que é de confiança, e a noite está linda. Vamos ter um luar admiravel.

O PADRE

Hoje é cheia.

PAULO

Amanhã.

O PADRE, *a Alberto e Fausta :*

Então... sejam muito e muito felizes. (*Abraça-os. Fausta beija-lhe a mão*). Que o Senhor os guarde. (*A Fabio :*) Até domingo.

FABIO

Como até domingo ? até sabbado, á tarde.

O PADRE

Sim, até sabbado. (*A Paulo :*) Até amanhã.

FABIO

Queres levar uma capa ?

O PADRE

Para que ?

FAUSTA

Obrigada, senhor padre.

ALBERTO

Muito obrigado, senhor padre.

O PADRE, *a Germana :*

E tu ? até quando ? (*Germana encolhe os hombros. Carinhoso :*) Olha que a velhice é como a cinza — qualquer vento a dispersa e eu não quero deixar este mundo sem... (*Rindo :*) Não ponho mais na carta. Adeus ! Adeus !

GERMANA, *beijando-lhe a mão:*

Adeus, sr. padre.

O PADRE

Adeus.

Dirige-se para a cancella precedido por Marcellino.

AMANDA

Eu vou com o sr. no troly até ao paiol, para espiar aquillo.

O PADRE

Sempre a mesma, hein ? Já é tempo de assentar esta cabeça. Pois anda lá. (*Voltando-se:*) Adeus.

TODOS

Adeus !

O PADRE

Olhem a lua, como vem linda !

GERMANA

E' verdade.

FABIO

Santo velho !

GERMANA, *á cancella:*

Adeus, senhor padre !

O padre, Amanda e Marcellino desapparecem.

O PADRE, *fóra:*

Até cá !

FABIO

Vamos que a comida esfria. (*Entram em casa*).

AMANDA, *cantando ao longe:*

Nos ares perdi meus gritos,
Ninguem me salva, ninguem...

PANNO.

TERCEIRO ACTO

O mesmo scenario do primeiro acto, accusando, porém, certo abandono.

SCENA PRIMEIRA

FAUSTA E SARA

Ao subir o panno, Fausta, muito nervosa, interroga Sara.

FAUSTA

Que horas seriam ?

SARA

Deviam ser duas, duas e um quarto, mais ou menos.

FAUSTA

Estavas accordada ?

SARA

Estava. O relogio batera as duas e eu ia adormecendo, quando ouvi estalinhos de passos no corredor, como de alguem que viesse pé ante pé. Quiz gritar, mas tive um presentimento, pensei no patrão. « Quem sabe se não é elle ? » disse commigo. Levantei-me, entreabri devagarinho a porta e espiei.

FAUSTA

Era elle ? !

SARA, *depois de um momento :*

Era.

FAUSTA

Ah ! Germana, Germana.... (*Depois de um silencio, com pavor :*) Então eu estou tomando algum narcotico, porque não o senti levantar-se ; nada senti, nada absolutamente. Quando accordei, elle estava a meu lado e dormia. (*Aterrada :*) Eu estou tomando alguma coisa, talvez n'agua. Devias ter gritado, Sara. Ah ! se tivesses gritado...

SARA

Eu ? ! Deus me livre ! Da outra vez, quando os encontrei nos bambús, foi a tempestade que a senhora viu. Não, não quero escandalo commigo. Se conto taes coisas, é pela muita amizade que tenho á senhora.

FAUSTA

Infame ! E quem a vir, dirá que é uma santa. Ah ! mas se os surprehendo.

SARA

E' só a senhora querer, porque agora estou convencida de que elle vae, todas as noites, ao quarto da menina.

FAUSTA

Mas não é possivel, não é possivel. E's capaz de vir chamar-me quando elle passar ?

SARA

Eu ? !

FAUSTA

Sim.

SARA

Tenho medo. (*Depois de pensar:*) A senhora póde fiugir que dorme, e quando elle sahir...

FAUSTA

Se eu te digo que estou tomando alguma coisa...

SARA

Não beba mais agua á noite. Se tiver sêde, venha beber cá fora, á sala de jantar...

FAUSTA

Talvez não seja n'agua. Ha tantas coisas que fazem dormir. (*Presaga:*) Ahi está porque sinto o coração dolorido... Eis a causa do meu atordoamento.

SARA

Agora, prevenida, a senhora póde evitar tudo.

FAUSTA, *sem ouvil-a:*

E' por isso que ella sáe tão tarde do quarto. Ella já desceu?

SARA

Ainda não, senhora.

FAUSTA, *sarcastica:*

Tem razão... deve estar fatigada.

SARA

Mas, pelo amor de Deus... não diga que fui eu.

FAUSTA, *seguindo um pensamento:*

Está tudo explicado... Querem livrar-se de mim.

SCENA II

AS MESMAS E GERMANA

A' entrada de Germana, Fausta levanta-se impetuosamente, os olhos brilhantes, os punhos cerrados.

GERMANA

Bom dia, mamãe. (*Adeanta-se para beijal-a*).

FAUSTA, *repellindo-a; por entre dentes, como enojada:*

Ah!

GERMANA, *surprehendida:*

Que é? Que quer isto dizer? Está zangada commigo?

FAUSTA, *depois de fital-a:*

Que é da chave do teu quarto?

GERMANA

A chave do meu quarto? não costumo trazel-a commigo, deixo-a sempre na porta.

FAUSTA

Passaste mal a noite, não? Estás pallida, com olheiras fundas....

GERMANA

Adormeci tarde, estive a ler.

FAUSTA, *com um riso silvante:*

A ler... (*Surdamente:*) Hypocrita! (*Entra á esquerda*).

SCENA III

GERMANA E SARA

GERMANA, *depois de um afflictivo silencio:*

Mas que quer dizer isto? Que tem mamãe, Sara?

SARA, *arranjando a sala:*

Não sei, minha senhora.

GERMANA

Não sabes?

SARA

Não, minha senhora.

GERMANA

Que vae ella fazer ao meu quarto?

SARA, *encolhendo os hombros:*

Não sei, minha senhora.

GERMANA

Sabes, sim, sabes! Dize, pelo amor de Deus! Que tem ella?

SARA

Não sei, minha senhora. Eu aqui trato da minha obrigação, para o mais não tenho ouvidos nem olhos

GERMANA

Queres dizer...

SARA

Quero dizer que nada sei do que se passa nesta casa. Como quer a senhora o que eu saiba que tem a patrôa? não sei.

GERMANA, *nervosa:*

Sabes sim! Sabes!

SARA

Ai! agora sou eu.

Entra Alberto pelo fundo. Sara sáe pela esquerda, amuada.

SCENA IV

ALBERTO E GERMANA

ALBERTO, *em costume de montar:*

Bom dia, Germana.

GERMANA

Bom dia, senhor Alberto.

ALBERTO, *com interesse:*

Estás triste. Que tens?

GERMANA

Nada. (*Depois de um momento, fitando-o:*) Foi o senhor que, esta noite, bateu á porta do meu quarto, não? (*Alberto encara-a com um sorriso cynico.*) Que pretende de mim? Porque insiste em escrever-me?

ALBERTO

Germana ! (*Adeanta-se, Germana evita-o. Apaixonado :*) Amo-te !

GERMANA, *com horror :*

Oh !

ALBERTO

Repelles o meu affecto, porque não conheces a historia do meu soffrimento. Nunca tive ensejo de dizer-te o que se passou entre mim e tua mãe no dia em que a procurei para pedir-lhe a tua mão: Ouve...

GERMANA

Não !

ALBERTO

Ouve, Germana... peço-te ! Que sabes de mim ?

GERMANA

Que sei ? sei que o senhor procura ultrajar-me a todo o transe. Sei que, á noite, emquanto todos dormem, vae, como um ladrão, forçar a porta do meu quarto.... com que intenção ?

ALBERTO

Para dizer que te amo.

GERMANA

A mim ? o senhor ? o marido de minha mãe, o homem que se diz meu protector, meu segundo pae...

ALBERTO

Fui forçado por tua mãe a referendar todas essas mentiras... Só ha uma verdade, uma só, e essa não é

preciso que eu a diga com a bocca, porque os olhos a proclamam.... Tu bem a conheces e, apezar da indifferença que apparentas, bem vejo e sinto que tambem... me amas.

GERMANA, *indignada :*

Eu ?

ALBERTO

Sim, tu. Consulta o teu coração. Queres illudir-me com o artificio de um desprezo ; não consegues. E' infame o que te vou dizer, Germana, mas perdôa ! é o grande, o desesperado amor que me avitta. (*Surdamente :*) Se ella não fosse tua mãe, eu já a teria matado por tua causa. Quando a vejo occupando o logar para o qual foste eleita pelo meu coração, tenho impetos de estrangulal-a. Oh ! como me repugna essa mulher !

GERMAMA

Mas o senhor está louco !

ALBERTO

Louco, dizes bem. (*Silencio.*) Pensas que não percebo que ella quer afastar-te d'aqui ? Ai ! della... No dia em que deixares esta casa, o crime virá occupar o teu logar. O louco agirá livremente, vingando o seu coração. A tua presença é que ainda me dá um pouco de animo. Bem sei que nunca lhe falaste em casamento, porque não pensas em tal loucura...

GERMANA

Não penso !

ALBERTO

Não... e não pódes pensar.

GERMANA

Porque?

ALBERTO

Porque...

GERMANA

Pois não ha outro cuidado em meu espirito.

ALBERTO, *cynico:*

Ah! sim?

GERMANA

Sim, senhor.

ALBERTO

Pois varre-o.

GERMANA

Porque?

ALBERTO

Porque não te casarás. (*Incendido, voz surda:*) Porque has de ser minha, ouviste? minha! custe o que custar. (*Outro tom:*) Com quem te queres casar? com aquelle imbecil do Paulo? (*Terno:*) Que vida será a tua, Germana? Queres sepultar a tua belleza, a tua mocidade...?

GERMANA

Quero salvar a minha honra.

ALBERTO

A tua honra... E julgas que a salvarás deixando esta casa?

GERMANA

Sim...

ALBERTO

Não... Mentirei, se preciso fôr! Defenderei o meu delirio com a infamia, com a calumnia. Esconderei no lodo a mulher que amo, e que a tirem de lá maculada. Ah! Germana, tu não sabes de quanto eu sou capaz.,..

GERMANA, *chorando:*

Meu Deus! mas que lhe fiz eu...?

ALBERTO

Que me fizeste? (*Ouvindo passos:*) Ahi vem tua mãe. Não convem que te encontre chorando.

GERMANA

Minha mãe... (*Dirige-se para o terraço contendo o pranto. Fausta entra desconfiada*).

SCENA V

OS MESMOS E FAUSTA

FAUSTA, *a Alberto, depois de relancear um olhar pela sala:*

Chegaste agora?

ALBERTO

Ha pouco.

FAUSTA

Estás afogueado.

ALBERTO

O *Amir* trouxe-me num galope desabrido.

FAUSTA

Ahn... (*A Germana*:) Germana !

GERMANA

Mamãe ?

FAUSTA

Deixa-nos sós.

Germana entra á esquerda. Fausta acompanha-a com o olhar, sorrindo perversamente.

SCENA VI

ALBERTO E FAUSTA

ALBERTO

Porque mandaste sahir Germana ?

FAUSTA

Ainda não estás satisfeito de vel-a ? Queres tel-a sempre deante dos olhos ? (*Silencio*:) A que horas te levantaste hoje ?

ALBERTO

A's horas do costume : ás cinco e meia.

FAUSTA

Acho que estás enganado.

ALBERTO

Enganado !

FAUSTA

As duas da manhã já andavas pela casa.

ALBERTO

As duas da manhã ! ?

FAUSTA

Sim. Atravessaste o corredor e entraste no quarto de Germana.

ALBERTO

Estás brincando...

FAUSTA

Bem sabes que digo a verdade.

ALBERTO

Só se sou somnambulo. E' possivel.

FAUSTA

Não dissimules, buscando fugir á responsabilidade da infamia.

ALBERTO

Que infamia ?

FAUSTA, *impetuosamente :*

Tu vives com minha filha !

ALBERTO

Eu ? !

FAUSTA

Sim, tu! Tu me tráes com Germana e, para que possas ter as noites livres, prendes-me ao leito com um narcotico. Deshonraste a filha e vaes matando lentamente a mãe.

ALBERTO

Estás louca!

FAUSTA

Não, não estou louca... Eu vi!

ALBERTO

Que viste?

FAUSTA

Tudo!

ALBERTO

Pois, olha — viste bem pouco.

FAUSTA

Eu bem desconfiava. Não te ligaste a mim por amor: houve um iman mais poderoso.

ALBERTO

Qual foi?

FAUSTA

Eu sei.

ALBERTO

O teu dinheiro?

FAUSTA, *não se podendo conter:*

Sim.

ALBERTO

Queres dizer que me vendi ?

FAUSTA

Tenho agora a certeza.

ALBERTO, *depois de fital-a, com desprezo :*

Pois enganas-te. Houve um motuo mais forte, um iman, como dizes, mas não foi o teu dinheiro...

FAUSTA

Foi ella ? !

ALBERTO, *cuspindo-lhe as palavras ao rosto :*

Sim, foi ella !

FAUSTA, *entre dentes :*

Miseravel !

ALBERTO

Quizeste affrontar-me com uma mentira, eu humilho-te com a verdade serena.

FAUSTA

Então... amavas Germana ?

ALBERTO

Não sabias ? sempre imaginei que fosses mais atilada. Amava-a e amo-a.

FAUSTA

E porque não disseste ?

ALBERTO

Para que, se eu tinha certeza de que nunca chegariamos a accordo ?

FAUSTA

Ah ! não porque eu, nesse tempo, julgava minha filha um anjo de pureza e não a profanaria entregando-a a um homem como tu.

ALBERTO

Mas não te cançaste muito em procurar a impureza de que eu era digno.

FAUSTA, *desnorteada :*

E' horrivel !

ALBERTO

Horrivel ? E' natural.

FAUSTA

Então o senhor é amante de Germana ?

ALBERTO

Amante não sou, amo-a apenas.

FAUSTA

E é por isso que contraría todos os casamentos que lhe apparecem ?

ALBERTO

Talvez.

FAUSTA

Quer mantel-a aqui em casa, a seu lado.

ALBERTO

Tu o dizes.

FAUSTA

Pois bem : ella sahirá hoje mesmo.

ALBERTO

Veremos.

FAUSTA

Veremos ? !

ALBERTO

Sim, veremos.

FAUSTA

Mas, meu Deus... eu enlouqueço !

ALBERTO

Não percas tempo com exclamações banaes.

FAUSTA

E que pretende o senhor fazer de mim ?

ALBERTO

Nada. Continuarás a ser o que tens sido até hoje.

FAUSTA

E ella ? (*Revoltada :*) Ah ! não... é demais ! (*Chamando :*) Germana !

ALBERTO, *intimativo :*

Nem uma palavra !

FAUSTA

Não a quero aqui mais em instante... Nem um minuto mais ! Germana !

ALBERTO, *com calma :*

Não insistas, Fausta ; é excusado. Tua filha não sahirá daqui.

FAUSTA, *arrebatadamente :*

Então fique com ella... Sahirei eu.

ALBERTO

Não sahirás tambem. (*Outro tom :*) Quem te disse que eu andei, á noite, pelo corredor ?

FAUSTA

Eu vi.

ALBERTO

Não podias ter visto.

FAUSTA

Estas palavras valem pela confissão de que me prendeste ao leito.

ALBERTO, *impassivel :*

Não podias ter visto, porque dormias profundamente.

FAUSTA

Mas confessas que andaste pelo corredor, que foste ao quarto de Germana ?

ALBERTO

Não fui ao quarto de Germana.

FAUSTA

Onde foste então ?

ALBERTO

Senti-me incommodado, sahi um momento. (*Outro tom :*) Quem te disse foi Sara.

FAUSTA

Não.

ALBERTO

Não negues...

FAUSTA

Pois sim, foi.

ALBERTO, *tranquillamente :*

Eu já suspeitava. (*Toca o tympano*).

FAUSTA

Que vaes fazer ?

ALBERTO

Não quero espiões em casa. Que te disse eu quando me propuzeste o casamento ? Disse-te que fazia questão da minha absoluta liberdade, não foi ? (*Fausta encara-o immovel*). Responde !

FAUSTA

Foi.

ALBERTO

E que vida tenho eu tido nestes ultimos mezes ? Uma vido de cão. Cercas-me com o teu ciume, a cujo serviço puzeste essa creada intrigante. Se, por acaso, encontro Germana no parque, tenho a certeza de que, por entre a folhagem, ha dois olhos que espiam todos os meus movimentos, ha ouvidos que escutam as minhas palavras ; ha, emfim, a tua atalaia, vendo, ouvindo por tua conta. Não me convem. Effectivamente amei Germana, amei-a muito... Que culpa tenho eu d'isso ? O amor é como uma molestia, póde a gente evital-o ? Amei-a, confesso, mas depois que nos casámos, comprehendi que devia reagir contra esse amor e consegui triumphar. Desde então entrei a considerar Germana como... minha irmã.

FAUSTA, *ironica:*

Sua irmã...

ALBERTO

Sim, minha irmã. Quem me mostrou nella a mulher, foste tu mesma, exaggerando os seus encantos com o teu ciume. Falando constantemente nella, tornaste-a tão intima do meu espirito que não a pude mais esquecer. Afastando-a de mim, fizeste que eu a procurasse. Pondo vigias em meu caminho, déste-me a certeza, que eu não tinha, de que era possivel amal-a. Amal-a! isso parecia-me absurdo depois do nosso casamento — demonstras-te que era natural, e onde puzeste sentinellas, vi eu que havia entradas possiveis, tanto que trataste de as defender. Aquillo que me passára despercebido, mostrou-me o teu ciume, e o amor, que morrêra, renasceu violento como uma represalia. Foi a tua desconfiança que o resuscitou. Queixa-te de ti. (*Toca o tympano*).

FAUSTA

E confessas?

ALBERTO

Porque não?

SCENA VII

OS MESMOS E SARA

SARA

A senhora chamou-me ?

FAUSTA

Não. Ninguem te chamou.

ALBERTO

Chamei-te eu para dizer que não careço mais dos teus serviços.

SARA

Despede-me ?

FAUSTA

Porque ?

SARA

Que fiz eu ?

ALBERTO

Nada, razão bastante para que um creado seja despedido.

FAUSTA, *revoltada :*

Mas afinal : que fez ella ? porque a despedes ?

ALBERTO

Vou fazer as tuas contas e pódes arranjar o que é teu.

FAUSTA

Mas que fez ella ?

SARA

Sim, que fiz eu?

FAUSTA

Assim tambem não... Eu hei de ficar aqui como uma escrava, soffrendo todas as injurias, submettida a todas as tyrannias...? Não! nem tanto!

SARA, *chorando:*

Eu bem sei porque é que o senhor me despede.

ALBERTO

Se sabes, porque perguntas?

SARA

E' porque sou fiel á patrôa. Fosse eu como muitas que por ahi ha e o senhor não me trataria assim.... mas não me presto a certas coisas: conheço o meu logar e respeito a casa em que estou. (*Entra á esquerda.*)

SCENA VIII

ALBERTO E FAUSTA

FAUSTA, *attonita:*

E', então, verdade que a despedes?

ALBERTO

Se é verdade...

FAUSTA, *indignada:*

Assim, não! Neste caso, saio eu tambem.

ALBERTO

Como quizeres.

FAUSTA

Não quero que ella saia, entendes? Não quero!

ALBERTO

Pois sim.

FAUSTA

Peço-lhe que reflicta um momento, e convença-se de que não sou uma escrava.

ALBERTO

Sabes que mais? Tudo isto repugna-me.... Eu é que não estou disposto a viver neste charco. Fica-te com a tua fortuna, com a tua creada, com as tuas suspeitas, que eu não tenho alma para tanta miseria.

Toma o chapeu, vae sahir. Fausta tem um momento de hesitação; vendo-o, porém, no terraço, corre, atira-lhe os braços ao pescoço, e rompe num pranto nervoso.

SCENA IX

ALBERTO, FAUSTA E GERMANA

Germana entra pela esquerda desatinada; vendo, porém, a scena entre os dois, no terraço, estaca tolhida, contendo o pranto.

FAUSTA

Não, Alberto... Pelo amor de Deus!

ALBERTO, *vendo Germana:*

Germana!

FAUSTA, *deixando-o:*

Germana...

Ao ver a filha, recua assombrada, d'olhos fitos, e conserva-se immovel no terraço.

GERMANA, *adeantando-se:*

Mamãe, deixe-me partir. Deixe-me ir embora. (*Ajoelhando-se:*) Peço-lhe de joelhos... não posso mais!

ALBERTO

Que tens? (*Fausta põe-se a tremer, como num grande medo.*) Que tens, Germana?

GERMANA, *sem olhar Alberto:*

Acabo de ser injuriada e ameaçada por Sara.

ALBERTO, *indignado:*

Por Sara!?

GERMANA, *sempre dirigindo-se a Fausta :*

Que culpa tenho eu de que a não queiram mais aqui? Hei de soffrer calada todas as humilhações, todos os ultrages? Os proprios creados desprezam-me, murmuram contra mim. Porque? Que fiz? Já não os chamo, eu mesma arranjo o meu quarto. (*Silencio.*) Deixe-me partir. (*Respira afflicta.*) Lá estimam-me, tratam-me bem e eu, aqui, chego a ter medo. Deixe-me ir embora! (*Supplice :*) Deixe!

ALBERTO

Serás desaffrontada, Germana. Que te fez Sara?

GERMANA

Deixe, mamãe.

FAUSTA, *com indifferença :*

Se queres partir...

ALBERTO, *imperativo :*

Não!

FAUSTA

Não, porque? se ella quer... Alberto, não faças que eu a odeie ainda mais!

GERMANA, *horrorisada :*

A mim! a senhora? (*Fausta arremette, Alberto contem-na.*) Mamãe odeia-me! Mas, meu Deus...

ALBERTO

Que te fez ella?

FAUSTA

Queres que lhe diga, deante de ti? Queres?

GERMANA, *agarrando a cabeça a mãos ambos :*

Meu Deus ! Meu Deus !

Rompe a chorar. De repente, á falta de ar, abre afflictamente a bocca, agita a cabeça, comprime o peito em grande augustia.

ALBERTO

Que tens, Germana? (*Vae abraçal-a, Fausta interpõe-se.*)

FAUSTA, *como louca :*

Não ! Não !

ALBERTO, *repellindo-a, com asco :*

Oh !

FAUSTA, *com a voz estrangulada:*

Não !

ALBERTO, *desvincilhando-se :*

Deixa-me !

FAUSTA

Deante de mim, não ! (*Com voz silvante, á filha :*) Se queres ir, vae ! Vae já ! Vae !

GERMANA

Porque me trata assim, mamãe ?

FAUSTA, *mostrando-lhe a porta :*

Vae !

GERMANA

Mas porque me expulsa ? Que fiz eu ?

ALBERTO

Tua mãe está louca. Vae para o teu quarto.

Germana encaminha-se para a esquerda ; subitamente, porém, detem-se, ambas as mãos ao peito, afflicta. Sáe, por fim, agoniada, arquejando.

SCENA X

ALERTO E FAUSTA

Desapparecendo Germana, Alberto volta-se e lança a Fausta um olhar de profundo desprezo.

FAUSTA, *em grande agitação:*

Não posso! Perdôa-me! Está acima das minhas forças... Que queres?

ALBERTO

Pois não tens pena de tua filha, uma creança?

FAUSTA

Não, não tenho. Pena porque? Tenho pena de mim. Se soubesses como soffro! Em mim só existe esse desregrado amor: todos os meus sentimentos fundiram-se em meu coração onde arde um fogo infernal. Não vês como me humilho, como me faço pequenina perto de ti? Tu me deprezas, vês que vou morrendo e tens pena de mim? não! Desfaço-me em lagrimas, e tu? Ah! se eu houvesse adivinhado!... Se houvesse adivinhado! Emfim... E'o teu amor que me mata, é o teu amor que me toma cruel. Não, não tenho pena... não tenho.

ALBERTO

E insistes em infamal-a com tão depravada suspeita?

FAUSTA

Suspeita.... dize: certeza.

Germana reaparece afflectissima. Fausta estaca aterrada, os olhos fitos nella.

SCENA XI

OS MESMOS E GERMANA

ALBERTO, *adeantando-se para amparar Germana, que caminha com oscillações:*

Que tens?

Germana desata a chorar. Fausta, desvairada, corre ao terraço, retorcendo as mãos; desce, contempla-a um instante, faz menção de querer falar a Alberto, mas retráe-se. Por fim, não se podendo conter, inclina-se, fala baixinho a Alberto, a tremer.

FAUSTA

Pergunta-lhe se está sentindo alguma coisa.

GERMANA, *surdamente, sentada:*

Estou com medo! Que será?! (*Falando por entre dentes, cortada d'ancias:*) Que será! Como soffro!

ALBERTO

Que tens Germana? Que sentes?

FAUSTA, *baixo a Alberto, tremendo:*

Pergunta...

ALBERTO

Deixa-me!

FAUSTA, *estonteada:*

Que fiz eu! Pobresinha...! (*Com sincera pena:*) Como está pallida!

GERMANA, *afflictissima :*

Meu Deus ! (*Levanta-se impetuosamente, rolando os olhos em augustia, comprimindo o estomago a mãos ambas* :) Parece que me rasgam as entranhas. (*Stertorosamente* :) Que ancia !

ALBERTO, *afflicto :*

Mas que tens ? Fala !

GERMANA, *a Fausta :*

A senhora amaldiçoou-me. Que fiz eu ? (*Com um grito, deixando-se cahir em uma poltrona* :) Meu Deus !

ALBERTO

Fala ! (*Fausta fica atarantada, relanceando olhares em torno*).

GERMANA

Parece que me estão rasgando por dentro. Que ancia ! (*Surdamente, aterrada* :) Estou com medo. (*Levanta-se d'impeto*).

ALBERTO

Medo de que ?

GERMANA

Estou com medo. (*Depois de filar a mãe, agitando a cabeça anciosamente* :) Que sêde !

ALBERTO

Queres agua ?

Germana volta-se de repente, encara-o com assombro.

FAUSTA

Eu vou buscar. (*Entra á esquerda correndo*).

SCENA XII

ALBERTO E GERMANA

ALBERTO, *carinhosamente:*

Fala... Não tens confiança em mim?

GERMANA

Deixe-me, pelo amor de Deus! E' por sua causa que mamãe me detesta. (*Contorcendo-se:*) Que será isto, meu Deus! (*Sara atravessa o terraço a correr. Desconfiada:*) Onde vae Sara? Onde vae ella, a correr?

De repente, como em uma lembrança tragica, recua, os olhos muito abertos, fitos no padrasto:

Meu Deus!

ALBERTO

Porque me olhas assim?

GERMANA

O senhor quiz matar minha mãe. O senhor preparou uma cilada mortal e fui eu... (*Cáe succumbida*). E fui eu...

ALBERTO

Que dizes, Germana!

GERMANA

Que digo? o senhor bem sabe (*Surdamente:*) Envenenada!

Fausta entra com um copo d'agua, a tempo de ouvir Germana e fica como pregada ao chão, a tremer.

ALBERTO

Germana!

SCENA XIII

OS MESMOS E FAUSTA

GERMANA

Foi o castigo de Deus... Mas que culpa tenho eu? (*Vendo a mãe:*) Eu estou innocente... morro innocente! (*Contorcendo-se:*) Innocente...

FAUSTA

Não, não morres. (*A Alberto, supplice:*) Vae chamar um medico.

ALBERTO

Mas que tem ella?

FAUSTA

Que tem? (*Silencio pávido.*) Vae, vae depressa! E' horrivel! Eu não sabia...

ALBERTO, *num grito:*

Tu! (*Avançando ameaçador:*) Fausta!

FAUSTA

Foi por tua causa. Vae, vae chamar um medico, pelo amor de Deus! (*De mãos postas:*) Pelo amor de Deus! Aqui ao lado, vae...

ALBERTO, *surdamente:*

Miseravel!

GERMANA, *angustiada:*

Mamãe !

ALBERTO

E' horrivel !

Sara apparece ao fundo, arquejante.

SCENA XIV

OS MESMOS, SARA; DEPOIS O MEDICO

SARA

O doutor vem ahi já...

GERMANA

O doutor... Eu vou morrer.

FAUSTA

Não !

ALBERTO, *arrancando Fausta para um canto:*

Mas que foi ? dize ! Que foi ? O medico precisa saber.

FAUSTA, *com um olhar idiota:*

Que foi ? !

ALBERTO

Sim, que foi ?

FAUSTA

Foi... Eu não sabia...

ALBERTO, *apertando-lhe o pulso:*

Com que a envenenaste ? Que veneno lhe déste ?

SARA, *reapparecendo no terraço:*

Está ahi o doutor.

FAUSTA, *aterrada:*

Meu Deus !

Vae, quasi de rasto, até junto de Germana, ajoelha-se, toma-lhe as mãos, beija-as dizendo:

Minha filha... Não me desmintas, minha filha... Eu estava louca !

Assombro de Germana. O medico apparece no terraço, Alberto vae recebel-o. Fausta precipita-se. Germana fica tolhida de horror.

Doutor, salve minha filha... Está envenenada... Envenenou-se com arsenico.

GERMANA, *escondendo o rosto nas mãos:*

Meu Deus !

ALBERTO, *depois de uma rapida perturbação:*

Loucuras...

O medico adeanta-se, seguido de Fausta e Alberto

O MEDICO, *a Germana:*

Minha senhora...

Germana fita-o um momento e desata num pranto nervoso. Fausta succumbe sob o olhar de Alberto. Sara atravessa o terraço em pontas de pés, como a fugir. O medico inclina-se, toma o pulso a Germana.

PANNO.

QUARTO ACTO

A camara de Germana. No angulo da esquerda, ao fundo, sobre uma cantoneira, o pequeno oratorio deante do qual arde uma lamparina. Commoda antiga cheia de vidros de medicamentos, em desordem. O leito á esquerda, com docel. Mobiliario elegante. Janellas ao fundo, porta á esquerda.

SCENA PRIMEIRA

FAUSTA E GERMANA

Ao subir o panno, Germana dorme tranquillamente em um divan. Instantes depois, Fausta entreabre a porta, entra, pé ante pé, e vae espial-a: inclina-se, sente-lhe a respiração. Germana, porém, accorda sobresaltada, senta-se vivamente e, num movimento instinctivo, rapelle-a.

FAUSTA, *muito meiga:*

Sou eu. Então? já te sentes melhor? (*Germana faz um aceno affirmativo.*) Dormiste um bom somno, graças a Deus. (*Senta-se junto ao divan*) Já não estás tão pallida. (*Toma-lhe o pulso.*) O pulso está bom. (*Outro tom, sorridente:*) Trago-te uma boa noticia: o senhor Fabio está abi.

GERMANA, *radiante:*

Padrinho !?

FAUSTA

Chegou no trem da manhã. Está conversando com Alberto. Não quiz que te despertassemos. Herminia não poude vir, está de cama com a sua enxaqueca. O telegramma só lhe chegou hontem á noite. Queres que o mande entrar ?

GERMANA

Sim...

FAUSTA

Mas vê lá, Germana. (*Affagando-a :*) Lembra-te do que me prometteste. Já te pedi perdão. Não imaginas como tenho soffrido... (*Baixando a voz :*) principalmente a elle, o causador de tudo. Agora rapelle-me, sempre a dizer que receia ficar aqui em casa, porque posso fazer com elle o mesmo que fiz comtigo. Que fiz eu ? coitada de mim ! Se eu estivesse em meu juizo, não commetteria crueldade tamanha. Eu, que não tenho coração para ver um animal soffrer, havia justamente de fazer mal á minha filha ? Eu estava louca. Ando com tal horror de mim que, se passo perto dum espelho, volto o rosto para não me ver. (*Outro tom :*) Eu disse ao senhor Fabio o mesmo que disse ao medico — que fizeste aquillo por uma rusga que tivemos. Não me desmintas. Ah ! eu não teria coragem de apparecer, nunca mais ! áquella gente. Agora...

GERMANA

Eu vou com o padrinho.

FAUSTA

Tu ! ?

GERMANA

Sim.

FAUSTA

E Alberto ?

GERMANA

Que tenho eu com o senhor Alberto ?

FAUSTA

E' que elle é capaz de pensar que sahiste por minha causa.

GERMANA

Não, elle bem sabe que não quero ficar aqui. A minha presença nesta casa é fatal a todos.

FAUSTA, *depois de um silencio :*

Emfim... se elle não se oppuzer...

GERMANA

Se não se oppuzer ?! Que se opponha ! Que tenho eu com elle ? Quero sahir e hei de sahir.

FAUSTA

E não tem pena de mim ?

GERMANA

Da senhora...

FAUSTA

Elle é capaz de abandonar-me.

GERMANA, *ironica :*

Qual !

FAUSTA

Tu não o conheces.

GERMANA

Mas quer a senhora que eu continue em uma casa onde a minha honra e a minha vida correm tamanho risco?

FAUSTA, *d'olhos baixos:*

Por mim, não... prometto!

GERMANA

Pois sim, mas não quero. Chame meu padrinho.

FAUSTA

Porque não conversas com Alberto?

GERMANA

Nada tenho que lhe dizer. (*Batem á porta.*)

FAUSTA

Quem é?

ALBERTO, *fóra:*

Póde-se entrar?

GERMANA

Não.

FAUSTA

Tem paciencia, minha filha. E' por mim, peço-te. (*Germana arranja o penteador.*) Entra.

SCENA II

AS MESMAS E ALBERTO

ALBERTO, *a Germana:*

Então? estás melhor?

FAUSTA

Que é do velho?

ALBERTO, *sem olhar Fausta:*

Está mudando a roupa. Vem já. (*A Germana:*) Ainda não tens appetite?

GERMANA

Tenho somno; quero dormir.

ALBERTO

Mas deves comer alguma coisa.

FAUSTA

Ella deseja passar uns tempos em Santa Olivia.

ALBERTO, *sentando-se:*

Em Santa Olivia...

FAUSTA

Para convalescer. Effectivamente, aquelles ares são magnificos.

ALBERTO, *com desprezo:*

Magnificos...

GERMANA

Vou com meu padrinho.

ALBERTO

O medico é de opinião que deves fazer uma demorada estação d'aguas.

GERMANA

Eu vou com meu padrinho.

Alberto lança a Fausta um olhar rancoroso.

FAUSTA, *perturbada :*

Eu disse-te alguma coisa, Germana ?

GERMANA

Não, senhora.

FAUSTA

Ahi tens.

ALBERTO

Pois sim.

FAUSTA

Mas, Alberto...

GERMANA, *nervosa :*

Pelo amor de Deus, tenham pena de mim. (*Decidida :*) Resolvi partir e hei de partir.

ALBERTO

Mas, Germana...

GERMANA

E' excusado insistirem.

ALBERTO

Não queres ficar por minha causa, comprehendo... Tens medo. (*Com intenção:*) Sou eu quem entra no teu quarto a horas altas da noite, sou eu quem envenena a agua que bebes. (*Fausta baixa os olhos*). Pódes partir com o teu padrinho... Partirei tambem.

FAUSTA

Tu ! ?

ALBERTO

Ah ! julgas que não tenho amor á vida ?

FAUSTA, *amargamente :*

E's cruel !

ALBERTO

Ah ! eu é que sou cruel...

GERMANA

Pelo amor de Deus, eu ainda não estou boa. Deixem-me em paz.

FAUSTA

Sim, sim...

FABIO, *fóra :*

Então ? ainda não se póde falar á grande pessimista ?

GERMANA, *contente :*

Entra, padrinho.

SCENA III

OS MESMOS E FABIO

FABIO

Entra commovido. Ao dar com os olhos em Germana, que lhe estende os braços, detem-se, sorrindo e com lagrimas.

Francamente ! Ora a senhora minha afilhada... (*Abraçando-a affectuosamente* :) Então que foi isso, tolinha ? Tolinha... Tolinha...

ALBERTO, *a Fausta :*

Então, decididamente queres que eu seja dominado por tua filha ?

FAUSTA

Como dominado ?

ALBERTO

Ella vae, então, para Santa Olivia ?

FAUSTA

Que hei de fazer ?

FABIO

Tolinha...

ALBERTO

Resolve como entenderes. (*Baixando a voz :*) Pensas que o medico acreditou nas tuas palavras ?

FAUSTA

O medico... !

ALBERTO

Sim, o medico. E olha, minha filha, sejamos francos : se vierem por ahi com historias de inqueritos, eu é que não levo a minha abnegação até ao banco dos réos.

FAUSTA

Que queres dizer ?

ALBERTO

Nada.

Sáe. Fausta deixa-se cahir em uma cadeira, ao fundo, succumbida.

SCENA IV

OS MESMOS, MENOS ALBERTO

FABIO, *sentado :*

Ora, conta-me lá a historia do teu immenso desgosto. (*Germana sorri tristemente, encolhendo os hombros*). Amores, hein ? a eterna historia... Quando eu digo que os taes rapazes da cidade não valem um caracol. (*Outro tom :*) Mandei um aviso ao Paulo — não dizendo que te havias envenenado, porque eu mesmo não sabia disto ; o telegramma dizia apenas que estavas gravemente enferma. E' bem possivel que elle appareça por ahi, logo á noite. Mas vamos as caso. Então arsenico, hein ? e que tal a petisqueira ? (*Affagando-a :*) Tolinha ! Pois uma moça como tu pensa lá

em morrer ? Eu, que estou uma ruina, vivo a escorar a saude para ficar mais algum tempo por cá, e tu, uma creança... Mas vamos lá — porque foi isso ?

Fausta levanta-se e suspira arrancadamente.

FAUSTA

São horas do teu remedio, minha filha.

GERMANA

Não, mamãe : mais tarde.

FABIO

Como, mais tarde ? o remedio toma-se a tempo. (*Outro tom* :) Uma boa noticia : parece que vamos ter um casamento lá em casa.

GERMANA

Um casamento ! De quem ?

FABIO

Adivinha, se és capaz.

GERMANA

Não posso.

FABIO

Da Amanda.

GERMANA

Vae casar ?

FABIO

Pois então ? !

GERMANA

Com quem ?

FABIO

Com o Mendes, o da caieira, aquelle gordo, que ficou com o sitio do Tréves.

GERMANA

Lembro-me. E já foi pedida?

FABIO

Ainda não, mas é coisa assentada. Está outra, já não vae á matta, anda calçada e muito sisuda, nem canta. Passa os dias em casa, agarrada á costura, a tratar do enxoval.

GERMANA

Quem diria! A velha Assumpção é que deve estar contentissima: vivia a fazer promessas para que a filha casasse.

FABIO

Se está contente!... E trabalhando como uma moura. Não deixa a almofada do crivo. E a Amanda vae dar uma excellente dona de casa, has de ver. Decididamente, não ha como o amor para transformar a mulher. Não parece a doudivanas que vivia pelas arvores ou a saltar vallados. (*Fausta approxima-se vagarosamente com a colher de remedio.*) E faz questão de que sejas a madrinha.

GERMANA

Com muito gosto.

FABIO, *com intenção:*

Mesmo porque o Mendes escolheu o Paulo... (*Germana sorri.*)

FAUSTA

Toma, Germana. (*Germana encara-a, hesitante.*) Toma de uma vez. Não queres ficar boa ?

GERMANA

Ha tempo, mamãe...

FABIO

Toma o remedio. Dê cá a colher, minha senhora. (*Toma a colher e leva-a carinhosamente á bocca de Germana, que repugna.*) Então ?

GERMANA

Não, padrinho.

FABIO

Ahi vens com luxos... Vamos ! (*Germana bebe, mas conserva o remedio na bocca.*)

FAUSTA

Agora um pouco de leite... ou quem sabe se preferes um caldo ?

Germana encolhe os hombros.

FABIO

Leite, leite... O caldo virá mais tarde.

Fausta sáe. Germana inclina-se e deita na escarradeira o remedio, respirando alliviada.

SCENA V

FABIO E GERMANA

FABIO, *espantado :*

Que é isto? Então rejeitas o remedio? Estás devéras resolvida a morrer? E' um proposito?

GERMANA

Não, padrinho.

FABIO

Então? Vamos lá... (*Vae á commoda buscar o vidro.*)

GERMANA

Não, padrinho... não!

FABIO

Como não?

GERMANA

Não tomo esse remedio.

FABIO

Porque?

GERMANA

Porque... não.

FABIO

Ora! deixa-te de creançadas. (*Encaminha-se para o divan com a colher cheia.*) Vamos lá.

GERMANA

Tenho medo.

FABIO

Medo ! Ah ! tens medo do remedio que cura e não tiveste medo do veneno que mata. Ora, muito obrigado !

GERMANA

E' que não sei se esse remedio... (*Resoluta :*) Não, padrinho...

FABIO

Queres divertir-te á minha custa, não é ? Olha que se insistes, deixo-te e vou-me embora.

GERMANA

Eu quero ir comtigo.

FABIO

Pois sim, mas eu não sou ambulancia para carregar doentes. Toma o remedio, trata de ficar boa e falaremos depois.

GERMANA, *vae para tomar o remedio, mas recua :*

Não !

FABIA

E' tão ruim a droga ?

Deita algumas gottas na palma da mão, vae proval-as, mas Germana ergue-se vivamente, oppondo-se com energia.

GERMANA

Não, padrinho ! Não prove ! Póde ser veneno...

FABIO

Veneno! (*Encarando-a:*) Mas que tens tu? (*Germana chora. Desconfiado:*) Hein? Choras... Porque choras?

GERMANA

Quero sahir desta casa, padrinho. Quero ir comtego... Tenho medo de ficar aqui.

FABIO

Queres sahir! Fizeram-te alguma coisa? Elle trata-te mal? Fala, sê franca... Que te fizeram? (*Germana crava os olhos na porta.*) Tu escondes de mim alguma coisa, Germana...

GERMANA

Fecha aquella porta, padrinho. (*Fabio executa o movimento e torna para junto do divan:*) Promettes guardar segredo?

FABIO

Prometto.

GERMANA

Juras? (*Aceno affirmativo de Fabio:*) Não: fala!

FABIO

Sim.

GERMANA

E' horrivel! padrinho. (*De repente, a medo:*) Olha, parece que ha alguem á porta.

FABIO

Não ha ninguem. E não tenhas medo, eu aqui estou. Vamos lá... Que houve?

GERMANA, *sempre receiosa :*

Não posso falar alto. (*Fabio approxima-se. Com voz surda :*) Envenenaram-me.

FABIO, *com horror :*

A ti ! ?

GERMANA

Sim. Envenenaram a agua da minha bilha.

FABIO

Pois não foste tu mesma ?

GERMANA

Não.

FABIO

Quem foi então ? o pintor ? (*Germana baixa os olhos.*) Fala ! (*Germana esconde o rosto no peito de Fabio e chora.*) Foi o pintor ? dize !

GERMANA, *com voz abafada :*

Não ! (*Silencio. Fabio fica esgazeado. Germana levanta a cabeça e os dois fitam-se os olhos.*) Esse homem quiz perder-me, padrinho. Mais de uma vez, noite alta, forçou a porta do meu quarto. Eu não dormia, com medo. Não imaginas como é máo. Disse-me que abomina mamãe, que a não supporta. Propoz-me matal-a para desposar-me...

FABIO, *atordoado :*

Elle ! Mas...

GERMANA

Perseguia-me obstinadamente e, quando eu lhe disse que pretendia casar para não soffrer mais, elle affirmou que, para desfazer todos os casamentos que me apparecessem, mentiria, inventaria torpezas, fazendo constar que eu já lhe houvera pertencido. Mamãe... ah! se soubesses como soffre! Apezar de tudo, eu lastimo-a. Quantas vezes a encontrei chorando... Entretanto, parece que o seu amor augmenta com o soffrimento e com a humilhação. E' uma loucura! E foi o ciume, padrinho, foi o ciume que a levou ao crime do qual ainda soffro as consequencias.

FABIO, *depois de um silencio:*

E tu, minha filha?

GERMANA

Eu? que tenho eu?

FABIO

Tu nunca... quero dizer .. nunca amaste esse homem?

GERMANA

Amei-o, padrinho, não nego. Amei-o muito, muito, antes de saber que mamãe gostava delle. Depois detestei-o, e execro-o! por mim, porque me faz soffrer, e por ella tambem, coitada!

FABIO, *dizendo lentamente as palavras:*

E elle sabia que o amavas?

GERMANA

Nunca trocámos palavra sobre isso: aos seus galantrios eu sempre respondia a rir. Depois, sim: justamente no dia em que fui envenenada, foi que elle me disse tudo — que me amava, que eu lhe havia de pertencer, que mataria mamãe, se fosse preciso...

FABIO

E tu? porque não foste franca com ella?

GERMANA

Mamãe... Ah! padrinho... não acredita em ninguem, só nelle: está dominada por esse homem. Elle injuria-a, ameaça-a e ella humilha-se. O ciume desvairou-a. Sara, que acompanhava os meus passos e os delle, vendo-o encaminhar-se para o meu quarto, falou a mamãe, e a coitada, julgando-se preterida por mim, certa de que elle não me deixaria sahir, quiz eliminar-me pela morte... depois arrependeu-se. Faz pena, padrinho. Ella foi cruel commigo, mas é minha mãe e soffre tanto! Se ella pudesse deixar esse homem... (*Batem á porta. Sobresaltada:*) Não fales! nem uma palavra... tu prometteste...

FABIO, *ás tontas:*

Sim, prometti... Mas é preciso que eu me convença, preciso que eu me convença de que tu... é...

GERMANA, *exaltada:*

Desconfias de mim! Tu desconfias de mim, padrinho? (*Resoluta:*) Pois fala! (*Chorando:*) Ah! elle conseguiu o que queria!

Fabio abre a porta, Fausta entra com uma chicara de leite.

SCENA VI

OS MESMOS E FAUSTA

FAUSTA

Não puz assucar, se queres...

GERMANA

Não, mamãe... Não tenho vontade. Logo. (*Fabio passeia pela camara.*)

FAUSTA

Mas tu precisas, Germana.

GERMANA

Não, mais tarde.

FAUSTA

Veja se a convence, senhor Fabio.

FABIO, *titubeante :*

Eu ?! (*Germana fita-o.*) Se ella não tem vontade, é melhor não insistir.

FAUSTA

E' que ella ainda hoje não tomou alimento algum. (*Olham-se. Fabio toma-lhe a chicara e põe-se a examinar o leite.*) Que é ?

FABIO, *surdamente :*

Nada. (*Vae deixar a chicara sobre a commoda. Fausta, sem tirar os olhos delle, dirige-se a Germana.*)

FAUSTA, *baixo, a tremer :*

Tu disseste.

GERMANA

Eu ?

FAUSTA

Sim, disseste.

Vae sahir e encontra-se com Alberto á porta.

SCENA VII

OS MESMOS E ALBERTO

ALBERTO, a FAUSTA, *notando-lhe a perturbação :*

Aonde vaes ? Que tens ?

FAUSTA, *agarrando-se com elle :*

Ah ! Alberto...

FABIO, *sem poder conter-se :*

Que pretende o senhor desta menina ?

ALBERTO, *serenamente :*

Eu ? mas o mesmo que o senhor : vel-a boa.

FABIO

Para recomeçar ?

ALBERTO

Recomeçar ? ! Não comprehendo

FABIO

Pois não é difficil.

ALBERTO

Para o senhor, que tem a chave do enigma.

FABIO

A chave tem-na o senhor.

ALBERTO

Eu ?

FAUSTA, *baixo a Alberto :*

Germana disse-lhe tudo.

ALBERTO, *ligeiramente perturbado :*

Como ? (*Readquirindo a calma :*) Quer interpellar-me sobre o que se deu nesta casa... ? (*Cruzando os braços :*) Que culpa tenho eu disso ? Posso ser responsavel pelas loucuras de minha mulher ?

FABIO

Será tambem irresponsavel o homem que fórça a porta do quarto de uma donzella confiada á sua guarda, que lhe faz propostas indecentes e até criminosas ?

ALBERTO

E esse homem, quem é ?

FABIO

Pergunte-o á sua consciencia.

ALBERTO, *friamente :*

Foi Germana quem lhe contou essa historia ? Ella aprendeu a fazer romances com o mesmo homem que a

levava á matta, a pretexto de inicial-a nos segredos da natureza (*Movimento de Fabio*).

GERMANA

O senhor nega !

ALBERTO

E tu insistes... A alma doente de tua mãe revela-se nas tuas palavras, é natural. (*A Fabio:*) O senhor conhece-me pouco, nada sabe da minha vida. Affirmo-lhe, porém, que sou um homem de honra. Não foi para aviltal-o em um momento de gozo ephemero que levantei tão alto o meu nome. Sou um artista, filho da pobreza honrada, hoje perfilhado pela gloria.

FABIO, *ironico :*

Bem sei, por causa do grande quadro de seis por quatro, ainda por esboçar.

ALBERTO, *imperturbavel :*

A insinuação é justa, mas não me cabe ; enderece-a á minha mulher que me não dá tempo para trabalhar. (*Outro tom :*) Sempre tratei Germana, senão como filha, como uma boa e intelligente menina confiada á minha honra ; se ella descobriu intenções inconfessaveis nos meus carinhos, é porque, pela experiencia que tem dos homens, vê em todos seductores.

FABIO

Senhor !

GERMANA, *indignada :*

Oh ! padrinho...

FABIO

E' infame !

ALBERTO

Faça o senhor Fabio de mim o juizo que entender; eu digo a verdade.

FABIO

O senhor mente!

ALBERTO

Eu?!

GERMANA

Tenho commigo as provas de que o senhor tentou, não uma, muitas vezes...!

ALBERTO

Tentei...?

GERMANA

Seduzir-me.

ALBERTO

Continúa o romance.

GERMANA

tirando uma pequena chave de baixo do traverseiro:

Abra a gaveta d'aquella commoda, padrinho, a pequena, do lado direito. (*Fabio executa*). Não está ahi uma caixa de pellucia? (*Aceno affirmativo de Fabio*). Dá-m'a. (*A Alberto:*) Estão aqui os bilhetes que o senhor passava por baixo d'aquella porta fiel que resistiu a todas as suas criminosas tentativas. Guardei-os para um dia mostral-os a mamãe, se ella não désse credito ás minhas palavras, e para exhibil-os, em qualquer tempo, á propria justiça, quando não pudesse mais permanecer nesta casa.

Alberto disfarça a custo a perturbação. Germana revolve a caixinha, a sua physionomia vae accusando surpresa, depois indignação. Revoltada :

Furtaram ! Furtaram todos os bilhetes que estavam aqui. Foi elle !

ALBERTO, *sorrindo :*

Fui eu. O romance continúa, sempre interessante.

GERMANA

Não, foi mamãe ! Foi a senhora ! (*Ligando factos :*) Foi por isso... (*Fausta vacilla :*) Foi mamãe... (*A Fabio :*) E tu desconfiaste de mim... !

FABIO

Não, Germana. (*A Fausta :*) Dê-me os bilhetes, minha senhora : são os unicos elementos de que dispõe sua filha para defender a sua honra... que eu mesmo cheguei a julgar mareada. Dê-m'os.

GERMANA

Mamãe ! (*Fausta dá alguns passos, mas, enfrentando com Alberto, estaca*).

FABIO

Vamos, minha senhora.

ALBERTO

Se tens os taes bilhetes, porque os recusas ?

FAUSTA

Eu ?

GERMANA

Sim, a senhora tirou-os, quando veiu ao meu quarto.

FAUSTA

lança um olhar desvairado em torno e refugia-se junto de Alberto. Tremendo:

Vamo-nos embora! Não posso mais...

GERMANA, *irritada:*

Vê, padrinho! (*Ameaçadora:*) Entregue os bilhetes, mamãe! entregue-os, se não quer que eu diga a todos que foi a senhora que me envenenou! (*Movimento de Fausta.*) Sim, a senhora!

FAUSTA

Meu Deus!

GERMANA

Tenho soffrido de mais...!

FAUSTA

ajoelhando-se humildemente aos pes de Fabio, as mãos postas, a implorar:

Senhor Fabio!

ALBERTO

Fausta...!

FAUSTA, *olhando-o com humildade:*

Alberto!

FABIO

Deixe-a, senhor!

ALBERTO

Que a deixe..! (*Encolhe os hombros com desprezo e sáe*)

SCENA VIII

OS MESMOS MENOS ALBERTO

GERMANA

Vê, padrinho ?

FABIO, *a Fausta*

E os bilhetes, minha senhora ?

FAUSTA

fica algum tempo alheiada ; de repente, dirigindo-se a Fabio :

O senhor viu ? Elle é capaz de abandonar-me.

FABIO, *com ironia :*

Não tenha receio, minha senhora : elle precisa concluir o seu grande quadro. (*Outro tom :*) Mas, diga-me, os bilhetes....?

FAUSTA, *depois de hesitar :*

O senhor quer perdel-o.

FABIO

Não, minha senhora... quero apenas salval-a.

FAUSTA, *depois de um momento :*

Alli, alli atraz d'aquelle quadro...

Fabio levanta o quadro indicado, de traz do qual cáem varios bilhetes. Fausta recua, emquanto elle os apanha, e sáe pela esquerda. Fabio, depois de ler alguns bilhetes, encaminha-se para o divan e, sem poder falar, toma entre as mãos tremulas a cabeça de Germana e beija-a.

GERMANA

Que horror? meu padrinho...

Fabio deixa-se cahir em uma cadeira, junto ao divan, profundamente abatido. De repente, atirando ao chão os bilhetes, dirige-se resolutamente para a porta, mas pára e, com um movimento de desprezo, retorna ao meio da scena onde fica de breaços cruzados, pensativo.

FABIO, *com decisão:*

Vamos, minha filha! (*Sem conter as lagrimas:*) Pobre Germana!

PANNO.

A MURALHA

PEÇA EM 3 ACTOS

—

(1905)

A

ARARIPE Junior

PERSONAGENS

COMMENDADOR NARCISO, *influencia na alta finança.*
SERGIO, *banqueiro fallido; marido de Camilla.*
CARLOS, *filho de Sergio; marido de Estella.*
MATHIAS, *funccionario aposentado; pae de Estella.*
CAMILLA.
ESTELLA.
ANNA, *creatura simples.*
BALBINA, *mulher de Mathias.*
1 CRIADO.
1 JARDINEIRO.
1 CRIADA.

(Actualidade)

A MURALHA

PRIMEIRO ACTO

Salão elegante, com tres portas ao fundo abrindo sobre o jardim. Portas lateraes.

SCENA PRIMEIRA

SERGIO E CAMILLA

Ao subir o panno, uma creada atravessa a scena da direita para a esquerda, sobraçando uma porção de housses. Sergio entra vagorosamente, pela porta central, examinando uma lista. Camilla apparece no jardim, detem-se junto a uma latanea, arranjando-lhe as palmas.

SERGIO

Cento e cincoenta e dois mil réis... (*Dirigindo-se a Camilla :*) Cento e cincoenta e dois mil réis lançados á rua pela vaidade. (*Camilla desce*). Não penses que estamos no tempo das vaccas gordas : as ultimas foram-se, vendidas aos kilos. Tu não tens um vestido decente para a casa ; eu chego, ás vezes, a pensar que a minha sobrecasaca é feita de téla de arame — tão pesada e lustrosa está — e queres offerecer um chá de cento e

cincoenta e dois mil réis... Onde tens a cabeça? Não te serviu de escarmento a scena tragica de Botafogo, a nossa mudança, quasi uma fuga? a verdadeira lucta que tive de sustentar com o commercio da vizinhança, que nos queria cortar a retirada? Sabes a quanto montam os juros que tenho de pagar, este mez, á casa Farrulla? a seiscentos mil réis. São as tuas joias e as minhas. O meu relogio, com uma dedicatoria do Simas, tão commovedora! que era a consolação da minha velhice, recordando-me os dias prosperos do Syndicato agricola. E para que fizemos tamanho sacrificio? para manter as nossos logares no Lyrico. E queres dar um chá de cento e cincoenta e dois mil réis. Vaidade. Vaidade e loucura.

CAMILLA

Traça de guerra, meu amigo. Os sitiados, quando lhes faltam munições, respondem com tiros de festim. Assim fizeram, durante dias, os russos de Stoessel, em Porto Arthur. O silencio é a rendição, a rendição é a morte ou a vergonha. Quem se retráe, diminúe; quem se isola, desapparece. A peior das mortes é a decadencia. Ninguem ri dos tumulos, a cova rasa não faz voltar o rosto, mas a rotula, as botinas cambadas, o casaco poído, um chapéo muito visto afugentam mais do que a lepra asquerosa. E quem não quer ser avassallado pela miseria, queima os ultimos cartuchos, mesmo os de polvora secca.

SERGIO

Mas eu nem esses possúo.

CAMILLA

Inventa-os.

SERGIO

O conselho não é mão. Sabes, porém, que não sou homem de imaginação. Não sei apparentar — sou o que sou.

CAMILLA

Fazes mal: ninguem deve mostrar-se como é — a sinceridade é uma nudez. Dizes que cultivo phrases.... Com ellas levantei o teu prestigio e são ellas que ainda mantêm, em certo equilibrio de fortuna, a nossa vida. As minhas phrases são como as nuvens — não deixam ver o vazio. Aqui vae uma. O salão é a face da casa. Que importa que, lá por dentro, as cadeiras estejam desconjuntadas, com a palha rôta, os estofos esgarçados, o fogão sem lume, os lençóes da cama em tiras, a despensa vazia? O salão deve rebrilhar. Arda um simples lampeão na sala de jantar, o lustre deve ter todos os bicos accesos, fulgurando. Conheces o *Mal secreto*, soneto de Raymundo Corrêa?

SERGIO

Raymundo Corrêa... Quem é?

CAMILLA

Um dos nossos maiores poetas.

SERGIO

Sei lá disso!

CAMILLA

Pois no soneto a que me refiro, Raymundo allude á dolorosa dissimulação dos infelizes, á mascara que os mais desgraçados afivellam ao rosto, occultando, sob apparencia de ventura, os maiores pezares, ancias as mais corrosivas. E' a conveniencia que impõe a hypo-

crisia. A sociedade não supporta a exposição da chaga nem o espectaculo incommodo da miseria. Quem quer ser acolhido, esconde as mazellas, seja uma ulcera ou seja a fome. Emquanto a sociedade vir luz em nossa casa e ouvir rumor de risos, não deixará de passar á nossa porta; tanto, porém, que dér pela escuridão, sentir o cheiro de môfo, ouvir o roer dos ratos, ai! de nós... A piedade, a principio, seguindo o suave conselho de Jesus, voltava o rosto quando fazia a esmola, para não vexar o pobre que a pedia, e nem á mão esquerda a direita deixava perceber a sua caridade. A sociedade, subscrevendo o conselho do Messias, executa-o... voltando o rosto, não para não vexar o pobre, mas para não o ver; e, em vez de deixar o obulo no gazophilacio da porta do templo, como fez a viuva, entrega-o no balcão dos jornaes, para ter o recibo da publicidade. A piedade, hoje, é humilhante — ter pena é aviltar. Turenne seguia para os combates tremendo, e vencia. Faze como Turenne, se não queres succumbir: treme, mas avança.

SERGIO

Ah! sim... Dizer não custa, avançar é que é. (*Frenetico:*) E' que eu não tenho, Camilla. (*Tirando algumas cedulas do bolso:*) Aqui tens toda a minha fortuna: vinte e quatro mil réis.

CAMILLA

Manda á *Colombo*.

SERGIO

A' *Colombo*... Queres que eu vá despertar o leão que dorme? Não sabes que estou alcançado na *Colombo* em cinco anniversarios — todos os do anno passado?.

CAMILLA

E á *Paschoal?*

SERGIO

A' *Paschoal* devo ainda as nossas bôdas de prata. Casámos muito cedo.

CAMILLA

Ainda não pagaste as nossas bôdas de prata?

SERGIO

Que diabo! não ha ainda um seculo.

CAMILLA

Sim, ha seis annos apenas.

SERGIO

Então?

CAMILLA, *resoluta:*

Manda a uma ou a outra; qualquer dellas não se recusará a servir-te.

SERGIO

Apezar das contas?

CAMILLA

Por isso mesmo. A melhor garantia para quem compra a credito, é uma conta avultada. A divida é um refem. Demais, é de bom conselho fazer ver aos credores que ainda se tem representação. Uma casaca, ainda alugada, vale sempre mais do que uma blusa.

SERGIO

Theorias.

CAMILLA

Infalliveis na pratica.

SERGIO

Afinal — esperas visitas?

CAMILLA

Naturalmente. A gente do Gaudencio, o Favilla, o Pires e as filhas.

SERGIO

Esse, não.

CAMILLA

Porque?

SERGIO

Retrahiu-se depois do que houve com a mulher.

CAMILLA

Ora! uma mulher que sáe de casa com um homem. Grande novidade! E' um meio de substituir uma reputação banal por uma fama brilhante. Toda a mulher que se deprava, ainda que seja uma megéra, logo se impõe á imaginação do publico transfigurada em Venus. A Julinha lucrou com o rapto. Talvez o Pires tenha até mais orgulho em dizer-se agora seu marido. Quem era ella antes do escandalo? ninguem; agora é uma « conhecida senhora do *high-life* », como disseram os jornaes. (*Sorrindo*:) A Julinha... do *high-life*...

SERGIO

Vamos adeante.

CAMILLA

O Mathias e a velha.

SERGIO

Sim, os paes, com o indefectivel córte de blusa.

CAMILLA

O Narciso.

SERGIO

O grande Narciso... !

CAMILLA

Peres Taveira.

SERGIO

Que vem cá fazer esse bonifrate?

CAMILLA

E' muito decorativo, frequenta o alto mundo, tem relações na imprensa. Convem. Não penses que me preoccupo com os que vêm á nossa casa.

SERGIO

Se não te preoccupas com elles, para que queres maravilhas, camarões, sandwichs, sorvetes, toda essa lista de cento e cincoenta e dois mil réis?

CAMILLA

Para o publico.

SERGIO

Para o publico acho o serviço mesquinho.

CAMILLA

Os jornaes encarregam-se de o tornar abundante com alguns adjectivos.

SERGIO

E's pratica.

CAMILLA

Felizmente.

SERGIO

Emfim... A verdade é que eu só disponho de vinte e quatro mil réis e... credores.

CAMILLA

Deixa em paz os vinte e quatro mil réis. A palavra, posto que seja uma moeda falsa, tem curso livre.

SERGIO

Não sejas cruel com a palavra — algumas ha que valem mais do que o ouro.

CAMILLA

Essas raramente sôam nos balcões.

SERGIO

Queres dizer que a minha...?

CAMILLA

Não costumo alludir aos presentes.

SERGIO

Pois vou ver se consigo o que queres. E, vê lá: fiquemos nos centa e cincoenta e dois mil réis. (*Outro tom*:) O Antonio está ahi?

CAMILLA

Deve estar.

SERGIO

Vou, então, escrever á... (*Pensa*) á... *Colombo*, vá lá.

CAMILLA

Poucas palavras e altivas. Encommenda, não peças.

SERGIO

Decididamente, tu é que devias ser o homem da casa.

CAMILLA

Sinto-me muito á vontade no meu sexo e no meu posto : mando.

SERGIO

E não entras em fogo.

CAMILLA

Como os generaes.

A criada entra pelo fundo e adeanta-se. Camilla fal-a recuar até á porta e acena-lhe com a cabeça, interrogativamente.

A CRIADA

O senhor commendador Narciso.

CAMILLA

Manda entrar para a sala de espera. (*A creada sáe*).

SERGIO

Recebe-o tu. Eu vou tratar da encommenda. (*Entra á esquerda*).

SCENA II

CAMILLA E NARCISO

CAMILLA

Este meu marido... (*A' porta da direita*:) Sem cerimonia, senhor commendador.

NARCISO, *entrando* :

O' minha senhora...

CAMILLA

Folgo em vel-o.

NARCISO

Muito matinal, não é verdade?

CAMILLA

Bem se vê que se levanta ao meio-dia. São duas horas.

NARCISO

Como é natural que não possa vir á noite...

CAMILLA

Porque...? Oh! desculpe-me... a noite é sempre mysteriosa.

NARCISO

Deixando um embrulho sobre um dos consoles :

Oh! por quem é... não ponha malicia. As minhas noites são as de um frade.

CAMILLA

Já?!

NARCISO

Sempre foram.

CAMILLA

Fez voto?

NARCISO

Não, senhora, mas os negocios...

CAMILLA

Tambem os faz á noite?

NARCISO

Faço-os a qualquer hora.

CAMILLA

Como os medicos.

NARCISO

E' verdade. Tenho hoje uma reunião de amigos. Estamos com vontade de fundar uma companhia para a exploração da fibra de certa planta. Coisa de futuro!

CAMILLA

Sempre as grandes idéas.

NARCISO

Sempre o trabalho. E por cá? todos bem? O Sergio, d. Estella...? Não pergunto pelo Carlito, porque sempre o encontro. Parece vender saúde.

CAMILLA

E'... tem tanta que anda a esbanjal-a por ahi. Sergio, sempre a cultivar. Anda agora ás voltas com os chrysantemos (*Outro tom:*) Mas dê-nos uma hora, ao menos, á noite. Esperamos poucos amigos, os intimos apenas, e não queremos que fique um só logar vago, o seu principalmente... Bem sabe que nunca o preenchemos.

NARCISO

O' minha senhora. (*Outro tom:*) Pois é verdade... Tive hontem um boa nova.

CAMILLA

O café subiu ?

NARCISO

Não, senhora. Não sobe tão cedo.

CAMILLA

Falta de pressão ?

NARCISO

Pressão demais, talvez. (*Sorriem*) Disse-me o Carlito que desistiu da idéa de ir para o Amazonas explorar a borracha.

CAMILLA

Foi um sonho, desvaneceu-se. Infelizmente, meu filho não está apparelhado para as grandes aventuras que decidem da sorte de um homem, ou para as batalhas da vida, como se diz em estylo alcandorado. A culpa não é delle, é nossa : creamol-o para millionario : elle sahiu dos encantos da riqueza e achou-se na mediocridade. A perda, quasi total, da nossa fortuna não foi

só um desastre material, foi um descalabro moral. Elle está tonto, não atina com o caminho e da grandeza antiga conserva os habitos e o orgulho, entraves tremendos para quem lucta com a tormenta em mar alto.

NARCISO

Oh ! elle tem a mocidade.

CAMILLA

A mocidade bem applicada é lume ; mal dirigida, é chamma.

NARCISO

Quem tem amigos, minha senhora, e disposição para o trabalho...

CAMILLA

Ah ! sim... quem tem amigos... (*Estella apparece ao fundo*).

SCENA III

OS MESMOS E ESTELLA

Narciso vae ao encontro de Estella. Comprimentos affectuosos.

NARCISO

Já pedi desculpa á senhora d. Camilla da minha visita em hora tão importuna, mas eu não me perdoaria se deixasse de apresentar os meus comprimentos a v. ex. no dia de hoje.

ESTELLA

Muito obrigada, senhor commendador.

NARCISO

Sei que recebe á noite: infelizmente, porém, sou forçado a incorrer em falta grave, não por amor do meu interesse, sempre secundario, mas em defeza dos que me confiam os seus capitaes. V. ex. é generosa e não me negará o perdão que humildemente solicito. (*Tomando o embrulhinho sobre o console*:) Mandei gravar o testemunho do meu respeito e os ardentes votos que faço pela felicidade de v. ex. (*Entrega*).

ESTELLA

Obrigada, senhor commendador.

CAMILLA

Um instante, sim? Deixo-o em boa companhia. Sempre é mais agradavel conversar com uma linda moça do que ouvir a serrazina impertinente de uma velha.

NARCISO

O' minha senhora...

CAMILLA

Um momento.

NARCISO

Eu tambem não me demoro.

CAMILLA

Sergio não tarda. Está respondendo a uma consulta urgente do ministro da Viação sobre coisas da Avenida. E' a febre... (*Sorriem*:) Com licença.

Entra á esquerda.

SCENA IV

NARCISO e ESTELLA

NARCISO, *depois de um silencio:*

E' assim a vida. (*Relanceando um olhar pela sala:*) V. ex. enfeita com flôres o que eu alumio com cirios funereos: o tempo. Para v. ex. é o futuro que se aclara; para mim é o passado que escurece. V. ex. sóbe á tona da vida, cercada de luz; eu começo a afundar na treva. Quando me vejo ao espelho e dou pelos cabellos brancos, penso que é já a cal destructiva com que se cobrem os esquifes.

ESTELLA, *sorrindo:*

O' commendador... Que idéa!

NARCISO

E' a verdade. O dia do meu anniversario é sempre triste para mim, não pela velhice que me traz, mas pelas saudades que revolve. Começo a viver de recordações — queimo a lenha que ajuntei para o inverno. E v. ex. olha o céo, sente o sol, ouve os passarinhos, com abadas de flôres e a canção nos labios.

ESTELLA

O commendador faz-se mais velho do que é.

NARCISO

Quarenta e oito annos.

ESTELLA

Pleno viço.

NARCISO

Pleno viço... E que direi eu da primavera? (*Silencio:*) E só... Ha um propheta em que ninguem attenta, posto que ande diariamente com o memento, mostrando a tristeza da nossa condição ephemera: é o sol. Qual é a somma do homem ao sol? um pouco de sombra. O celibatario tem apenas essa companhia funebre e rastejante, porque é do nada. V. ex. fala e ouve uma resposta viva; o meu interlocutor é o echo — o espectro da minha propria voz.

ESTELLA

Porque não se casa, commendador?

NARCISO

E' tarde.

ESTELLA

Tarde? Mas o senhor decididamente julga-se muito velho.

NARCISO

Não é por isso...

ESTELLA

Então porque é?

NARCISO

O amor, minha senhora, é uma realidade feita de ideal. Só se é verdadeiramente feliz no amor quando se consegue encontrar o que se imaginou. Quantas vezes terá v. ex. exclamado, deante de uma linda paizagem, por exemplo: « Era assim justamente que eu a ima-

ginava ! » Quer isto dizer que v. ex., pensando na realidade, creára a illusão com todos os detalhes maravilhosos do seu gosto e todos o encantos subtis do seu sentimento e, encontrando a ficção na terra, rejubilára. O amor nasce do sonho e vôa para o real a encarnar-se. Raramente encontra a materia propicia e fica sempre infeliz... com saudade do sonho.

ESTELLA

E o commendador não encontrou o seu ideal ?

NARCISO

Encontrei-o, pois não.

ESTELLA

Loura, d'olhos azues... O senhor fala tanto em olhos azues.

NARCISO

E' para que não suspeitem de mim, quando contemplo os olhos negros.

ESTELLA

Dissimula ?

NARCISO

Como quem ama... em segredo.

ESTELLA

E porque não realisou o seu sonho ? Se achou o seu ideal...?

NARCISO

Infelizmente, quando o achei... já outro o conduzia. (*Silencio* :) Mas eu estou importunando v. ex. com a historia do meu amor.

ESTELLA

Não, interessa-me.

NARCISO

Fala serio ?

ESTELLA, *sorrindo :*

Tão serio...

NARCISO

Que ri...

ESTELLA

Sorrio... e o sorriso é sempre um aceno do prazer.

NARCISO

Ou um disfarce do bocejo.

ESTELLA

Quando ha somno.

NARCISO

Ou tedio.

ESTELLA

Não costumo dormir á sesta nem tive ainda ensejo de conhecer esse mal, que os poetas dizem ser cinzento.

NARCISO

Não lhe sei a côr, conheço-lhe os effeitos.

ESTELLA

Mas com a sua fortuna, commendador... Eu, se fosse rica como o senhor...

NARCISO

Que faria ?

ESTELLA

Teria todos os prazeres escravisados á minha vontade.

NARCISO

E' justamente o que eu não quero — o prazer servil.

ESTELLA

E' abolicionista?

NARCISO

Sou. Entendo que o prazer deve vir alegre, como a ave que recolhe ao ninho e não como o prisioneiro que é arrastado ao carcere. O amor.... (*Outro tom:*) Mas v. ex. está naturalmente a pensar comsigo: « Que futil...! »

ESTELLA

Futil? porque fala no amor? mas é adoravel essa futilidade. O assumpto agrada-me: é romantico.

NARCISO

E v. ex. é romantica?

ESTELLA

Um pouco, como toda a mulher.

NARCISO

Sonha.

ESTELLA

A's vezes (*Silencio*).

NARCISO

V. ex. é infeliz.

ESTELLA

Infeliz... eu! porque?

NARCISO

Porque sonha. Sonhar é viver no ideal e quem vive nesse paraiso ephemero, é sempre infeliz quando baixa á realidade.

ESTELLA

Nem sempre.

NARCISO

Sempre!

ESTELLA

Eu, por exemplo.

NARCISO

V. ex..., por exemplo.

ESTELLA

Considero-me perfeitamente feliz.

NARCISO, *depois de a fitar:*

E... o Carlito?

ESTELLA

Que tem?

NARCISO

E' feliz com elle? (*Estella encara-o*). Perfeitamente feliz?

ESTELLA

Sou.

NARCISO

Não é.

ESTELLA

Porque affirma?

NARCISO

Desminta-me, se é capaz.

ESTELLA

Desmentil-o... Mas o senhor não está mentindo, está apenas fazendo uma conjectura falsa, talvez porque me vê triste em certos dias. Já lhe disse que sou romantica.

NARCISO

O motivo é outro... A causa de tristeza não vem de v. ex., vem delle.

ESTELLA

Porque diz isso?

NARCISO

E' que...

ESTELLA

Fale.

NARCISO

Para fugir ao silencio da minha casa, não tendo responsabilidade de familia, costumo sahir á noite. Deixo-me ir ao acaso. A's vezes, dou com o meu tedio nos theatros, onde logo me enfaro; saio, érro e, antes de recolher-me, sento-me á mesa de um hotel para uma ceia rapida. Quantas vezes me tenho voltado surprehendido, ouvindo vozes conhecidas, vozes de homens cujas esposas, talvez afflictas, os estejam esperando insomnes, imaginando desastres, sem suspeitarem a verdade. Que dizem taes vozes? Dizem, com suave accento, nomes femininos, fazem promessas meigas, pedem, com humildade, beijos que se vendem, commentam, com escarneo, os amores honestos, negam o que juraram, protestam...

ESTELLA

Estou certa de que, entre essas vozes, nunca reconheceu a de meu marido....

NARCISO

A do seu marido?

ESTELLA

Sim.

NARCISO, *depois de um silencio :*

Afinal, eu vim aqui trazer felicitações a v. ex. e perdi-me na floresta seductora dos encantos.

ESTELLA

Onde, ás vezes, apparecem animaes ferozes, commendador. Mas continuemos.

NARCISO

O assumpto é desagradavel...

ESTELLA

E' interessantissimo. Eu sou uma creatura singular, de theorias, talvez, ridiculas, pela humildade dos principios. Amo meu marido e, para vel-o alegre, faria todos os sacrificios...

NARCISO

Menos o do ciume.

ESTELLA

Só tenho ciume do que vejo, do que está á altura do meu olhar. Não posso ter ciume da devassidão, porque não desço com os olhos até lá. (*Outro tom :*) Mas, diga-me : já o encontrou algumas vez em taes... reuniões? E' possivel. Elle tem 27 annos, é um rapaz...

NARCISO

E' um chefe de familia.

ESTELLA

Que tem isso?

NARCISO

V. ex. acha?

ESTELLA

Eu? Mas eu penso como deve pensar toda a mulher honesta e de bom senso: o marido fóra do lar é um homem entre os homens.

NARCISO

E entre as mulheres.

ESTELLA

Sim... e entre as mulheres. De portas a dentro, é o esposo. O compromisso do marido não tolhe a liberdade ao homem. Commendador, o segredo astucioso da mulher foi-lhe communicado pela serpente no Paraiso, e consiste em manter a presa, dando-lhe elasterio bastante para que ella se julgue em liberdade, attrahindo-a, facilitando-lhe de novo a fuga, cançando-a até que a fadiga a prostre.

NARCISO, *sorrindo*:

E a serpente devora-a.

ESTELLA

Vence a mulher.

NARCISO

E' habil!

ESTELLA

A virtude do homem chama-se dever, é fundamentalmente diversa da virtude da mulher, que é a honestidade. Em que consiste a bondade do esposo ? em ser fiel á mulher ? não — mas em ser forte, providente, solicito, carinhoso, amante dos filhos, zelador da casa. A sua « honra », elle a entrega á mulher no dia do matrimonio, a ella compete guardal-a.

NARCISO

E fica o homem...?

ESTELLA

Sem os compromissos decorrentes dessa honra convencional. Quando se diz que um homem é um bom chefe de familia, subentende-se que elle provê a todas as exigencias domesticas e é amigo dos seus. Da mulher só se affirma que é virtuosa, quando não se lhe conhece um amante. E' uma lei injusta, sem reciproca, mas é a lei. Que importa que um marido viva lá fóra como rapaz, se elle, ao atravessar o portão, atira á rua, com a ponta do charuto, todos os pensamentos torpes que possa ter trazido da estroinice ? Ao meu lado, é o esposo, e do esposo eu só tenho a dizer bem.

NARCISO

Nem eu disse mal.

ESTELLA

Não disse ; falou vagamente em vozes. Que elle folgue, que se fatigue... Aqui me ha de encontrar sempre de braços abertos para recebel-o e, inclinando sobre o meu coração a sua cabeça aturdida, achará

repouso e, talvez, o arrependimento, ouvindo o suave latejar do sangue que leva, rolando por todos os veios do meu corpo, como o ouro nos rios, o seu nome, o meu amor...

NARCISO

E' lindo, minha senhora.

ESTELLA

Pois é assim.

SCENA V

OS MESMOS, SERGIO E CAMILLA

Sergio e Camilla entram pela esquerda.

SERGIO

Ora viva s. a. o principe da Bolsa!

NARCISO

Como vaes?

Abraçam-se. Estella aproveita o momento para sahir pelo fundo.

SERGIO

Como hei de ir... E tu? Temos, então, outra companhia?

NARCISO

E' verdade. Uma tentativa...

SERGIO

Lamento não poder ficar com um milheiro de acções, porque andar comtigo é como acompanhar a Fortuna.

NARCISO

Nem tanto. Tenho tido prejuizos avultados.

SERGIO

Folhas seccas que vôam ; logo apparecem renovos e a arvore das patacas cada vez mais frondosa. Se me désses algumas sementes...

NARCISO, *sorrindo :*

A semente é o trabalho.

SERGIO

E' a sorte.

CAMILLA, *arranjando os ramos :*

E' a ousadia.

NARCISO

Sóbem este anno para Petropolis ?

SERGIO

Os tempos não estão para isso. (*Camilla tem um gesto de contrariedade :*) Demais, o Rio está encantador, apezar da poeira e das escavações. Petropolis é um jardim, e eu prefiro os pomares. Tu é que tens uma propriedade ideal.

NARCISO

A da Tijuca ?

SERGIO

Sim.

NARCISO

Está ás tuas ordens. (*Relanceando o olhar pela sala á procura de Estella :*) Se as senhoras quizessem passar o verão á sombra daquellas arvores...

CAMILLA

Não nos tente, commendador !

NARCISO

E' mais que um offerecimento, é um pedido. A casa é vasta, o parque é admiravel. Tinha gosto o inglez que edificou aquella residencia. (*Outro tom :*) D. Estella retirou-se... talvez incommodada. Tambem, a ouvir-me durante um quarto de hora.

CAMILLA

Qual ! Que idéa ! Foi, com certeza, dar alguma ordem. Com os creados que temos, é necessario andarmos com todos os sentidos álerta. (*Vae ao jardim e olha, sem disfarçar um movimento de contrariedade. Desce*).

NARCISO

Mas, voltando ao assumpto que me interessa. Como sabem, tive a chacara da Tijuca alugada...

SERGIO

Sim.

NARCISO

Não imaginam como deixaram aquillo ! A casa estragada, o jardim devastado. Um lindo tanque de rocalha, que havia sob um caramanchel de rosas, ficou em destroços. Creio até que a lenha que consumiam, era

tirada da matta. Ainda achei uma jaboticabeira perto do alpendre, já detorada, seccando para ser fendida em achas. Uma devastação! Metti obreiros e reformei, reparei a casa e o parque. E não quero saber mais de inquilinos. Terei aquillo como um retiro de verão, um sitio de repouso onde possa receber amigos. Tu, com o teu amor ás arvores, vaes acabar o que eu comecei. As senhoras darão áquella residencia melancolica a alma que lhe falta, attrahindo os passarinhos, que abalaram assustados, talvez revoltados com a perversidade da gente que lá viveu. Para mim, ha o pavilhão. Conhecem?

CAMILLA

A' entrada do bambual, perto da primeira nascente.

NARCISO

Justo.

SERGIO, *a Camilla:*

Que dizes?

CAMILLA

Eu? mas que hei de dizer?... que o commendador é a propria gentileza.

NARCISO

E v. ex. seria a propria Bondade, se se resolvesse a fazer o beneficio de levar a alegria áquella tapéra tristonha.

SERGIO

Pois está resolvido! Vamos passar o verão á Tijuca. Dá-me as tuas condições.

NARCISO

São formidaveis! Exijo que demonstrem o que estou farto de repetir: que os ares da Tijuca prolongam a vida.

SERGIO

Queres que festejemos o centenario?

NARCISO

A' sombra daquellas arvores. (*Riem*). Bem, então...

SERGIO

Até á noite. (*Camilla entra apressadamente á esquerda*).

NARCISO

Não é possivel.

SERGIO

Como? e o conselho de familia? Vou submetter a votos a tua proposta e como é natural que as Laranjeiras tenham defensores...

NARCISO

Se é assim... virei para bater-me pela Tijuca. (*Riem*).

Camilla reapparece acompanhada de Estella

CAMILLA

Conte com dois votos.

NARCISO

Que representam a vontade. (*A Estella:*) Peço perdão a v. ex. da grande maçada...

ESTELLA

Maçada, commendador?

SERGIO

Então até á noite.

NARCISO

Vou fazer o possivel.

Acompanham-no ao jardim. Narciso toma a direita, Estella toma a esquerda ; Camilla e Sergio voltam á sala.

SCENA VI

CAMILLA E SERGIO

CAMILLA, *falando comsigo :*

Essas eternas educandas... !

SERGIO *radiante :*

Então ?

CAMILLA

Um achado !

SERGIO

Um verdadeiro achado !

CAMILLA

Eu já andava preoccupada com a nossa sahida este anno. Tinha pensado em Friburgo.

SERGIO

Friburgo, com vinte e quatro mil réis...!

CAMILLA

O dinheiro havia de apparecer.

SERGIO

Ah ! sim...

CAMILLA

Felizmente, temos coisa melhor.

SERGIO

E mais em conta.

CAMILLA

Pois sim, mas veja lá se vae fazer, como é seu costume, que todos saibam que recebemos um obsequio.

SERGIO

Olha que um obsequio do Narciso é uma honra.

CAMILLA

Qual honra ! E' dizer que estamos passando o verão na Tijuca, na propriedade do Narciso. Que o nome figure apenas como endereço, entendes ? (*Outro tom* :) Receberemos aos sabbados.

SERGIO

Heim ? recepções ? E eu que contava fazer umas economias, para resgatar, pelo menos, o meu relogio.

CAMILLA

Depois. Para que queres tu um relogio ? para ver as horas ?

SERGIO

Não, por causa da dedicatoria do Simas.

CAMILLA

Ora, o Simas. O relogio virá, virão as joias ; não te apresses.

SERGIO

Decididamente, tens illimitada confiança na Providencia.

CAMILLA

E nunca me tem faltado. Não a viste sahir...?

SERGIO

O Narciso?

CAMILLA

E' a Providencia disfarçada em banqueiro ou talvez em...

SERGIO

Em que?

CAMILLA

Nada. Tu és, ou, antes, foste homem de negocio e sabes que, na vida commercial, o mais simples sorriso que se dá, envolve um interesse, e uma chacara, um palacete, criados, talvez a despensa e a adega sempre representam mais alguma coisa do que um sorriso.

SERGIO

Descobriste algum interesse no offerecimento do Narciso?

CAMILLA

Creio que sim.

SERGIO

Qual é? dize.

CAMILLA, *sorrindo:*

Vae ver os teus chrysantemos.

SCENA VII

OS MESMOS E CARLOS

Carlos entra estabanadamente, deixa o chapéo e jornaes sobre um movel e atira-se a uma cadeira, derreado, arquejando, como em grande fadiga.

CARLOS

Que dia!

CAMILLA

Arranjaste alguma coisa?

CARLOS

Uma enxaqueca.

SERGIO

E o Seixas?

CARLOS

Foi a Petropolis.

CAMILLA

Com quem almoçaste?

CARLOS

Commigo.

SERGIO

Estás funebre, rapaz.

CAMILLA

O que não convem em dia de festa, como o de hoje.

CARLOS

Ah ! sim.... minha mulher faz annos. Tambem é a unica coisa que faz.

CAMILLA

E não é pouco, meu filho. Eu, se não tivesse cumprido tão á risca essa obrigação, não estaria cheia de cabellos brancos.

CARLOS

E de S. Paulo ?

SERGIO

Vieram jornaes apenas Deixa lá, homem, não te amofines. Que diabo ! uma lettra protestada é uma batalha perdida. Sê forte. Nem ha receio de que a praça seja tomada pelo inimigo, porque está sob o pavilhão respeitavel do nosso compadre Bento. Tua mãe vê longe...

CARLOS

Eu pretendia ir hoje á noite á casa do ministro, ver se consigo alguma coisa. Já perdi a esperança de arranjar collocação nas obras do porto e na Avenida. Exigem tantos conhecimentos...!

CAMILLA

E tu és ainda do tempo da simplicidade : vaes confessando ingenuamente a tua ignorancia. E' um erro, Carlito. Um homem sabe sempre !

CARLOS

Ainda que não saiba ?

CAMILLA

Certamente. Affirmar a verdade é de todos, affirmar a mentira é dos fortes. Se o ministro interrogar-te sobre as tuas habilitações, dize-lhe que sabes tudo, que fazes tudo... e vae aprender ganhando. Porque nessas grandes empreitadas ha os que dirigem, ha a leva immensa dos anonymos que trabalham e ha os apaniguados — são, em regra, os que mais avultam, os que mais se exhibem — enfeites: não cobrem nem aquecem, apenas ornam e dão valor á empreza com o reclamo. Tu tens grandes habilitações para esse emprego. Trata de arranjal-o e pede logo accesso. (*Outro tom:*) E agora desanuvia-te e vamos pensar em coisas alegres. Queres uma boa noticia ? Vamos passar o verão na chacara do Narciso.

CARLOS

Como ?

CAMILLA

Elle convidou-nos. Bem vês que o dia não foi dos peiores. Vae morar comnosco, e tu, se tiveres tino, pódes, em breve, ser um nome na finança. Queira o Narciso lançar-te. O diabo é o teu genio. E's um seccarrão, sempre de máu humor, com velleidades ridiculas de independencia. O proprio mar abaixa-se para formar a vaga. Que diabo ! ha o adular servil e ha o domar astuto. Faze-te domador.

SERGIO, *rindo*

Faze-te domador, ouviste ? (*Sáe ao jardim*).

CARLOS

Papae não se move, é sempre mettido em casa ou no

jardim, a podar, a enxertar, a mergulhar... Um jardineiro. Se lhe peço uma apresentação, responde com uma desculpa.

CAMILLA

Teu pae é dos que cáem para nunca mais se levantarem. Tu és inflexivel, elle é molle. Conforma-se, qualquer situação convem-lhe, acceita a fortuna sem alvoroço e entra pela miseria sem desalento. Não fosse eu e já estariamos em alguma casota de bairro pobre, vegetando humildemente como decahidos. Eu é que mantenho a casa com o espirito calmo de quem sabe que tudo depende de uma volta da fortuna. E' preciso ficar na monção da riqueza; deixar a linha por um desgarro é perder as probabilidades da rehabilitação. Com sacrificio, com angustia, lançando mão de todos os ardís, eu aqui estou e aqui fico.

CARLOS

A senhora é uma organisação formidavel.

CAMILLA

Tenho a ambição, que é uma energia.

SERGIO, *no jardim, falando para a esquerda :*

Clara ! traze dahi a tesoura...

CARLOS, *levantando-se :*

Bem ; vou descançar um bocado, para poder resistir á maçada da noite. Oh ! a noite de hoje ! (*A criada executa a ordem de Sergio*).

CAMILLA

Déste o meu bilhete ao Feitosa ?

CARLOS

Dei.

CAMILLA

Então os jornaes da tarde devem trazer a noticia.

CARLOS

Com certeza. Até logo.

CAMILLA

Já falaste á tua mulher ?

CARLOS

Não. Estou com a cabeça a estalar. (*Entra á esquerda*).

SCENA VIII

CAMILLA, ESTELLA E SERGIO, *no jardim.*

Estella, sahindo da esquerda, no jardim, approxima-se de Sergio, com quem conversa um instante. Camilla toma os jornaes deixados por Carlos sobre o console, senta-se e, abrindo-os, percorre-os ligeiramente com o olhar. Estella entra.

ESTELLA, *procurando :*

Carlos...?

CAMILLA

Foi repousar um pouco. Está com a enxaqueca. (*Fitando-a reprehensiva* :) Tu, Estella, sempre a mesma ; não te corriges.

ESTELLA

Não o supporto, mamãe. E' com repugnancia que lhe estendo a mão. As suas amabilidades affrontam-me. Não é um amigo, como parece — é um traídor.

CAMILLA

As grandes palavras sensacionaes : traídor !

ESTELLA

Sim, senhora — traídor. E' um homem ante o qual o meu pudor revolta-se. O seu olhar desnuda, insinúa-se lascivamente ; eu sinto-o percorrer-me todo o corpo. As suas palavras arrastam-se mollemente como lesmas. E' um homem que incommoda e vexa. Parece estar, a todo o instante, abrindo a carteira para que se lhe vejam as notas. Não posso ! Se eu dissér que elle accusou Carlito...

CAMILLA

Accusou ? de que ?

ESTELLA

De perfidias. Deu-me a perceber que o tem visto em orgias. Com que intenção carrêa para a minha casa, para minha ignorancia, os desvarios de meu marido ? para estimular o despeito e impôr-se como uma represalia.

CAMILLA

Deixa-o falar. Ouve e sorri.

ESTELLA

Não posso !

CAMILLA

Porque ?

ESTELLA

Deixar a affronta sem protesto é submetter-se, e... eu tenho escrupulos.

CAMILLA

Ah! escrupulos... tens escrupulos? Escrupulos são cuidados que se pódem ter nos pequenos contra-tempos; na hora da catastrophe, o que se quer é audacia. Sob uma chuva que molha, caminha-se cautelosamente, saltando o enxurro, evitando as poças; mas através do temporal, com a cheia, ninguem pensa em salvar as botinas nem em perder os vestidos — arroja-se temerariamente, procurando abrigo. E' preciso vencer? vençamos! como? vencendo!

SERGIO, *falando para a esquerda:*

Manda cá o Manoel!

ESTELLA

Não, mamãe; eu não penso assim. Acima de tudo, a honra.

O jardineiro atravessa o jardim da esquerda para a direita, e vae ter com Sergio.

CAMILLA

A honra...! Que é isso? Um homem honrado, que é? Em geral, só se invoca essa sonora palavra na hora da angustia — é como um viatico. Pensas que é uma folha corrida? E' uma certidão de obito. Honra... Vês um desgraçado que trabalha, que passou toda a existencia a extenuar-se, exgottando o cerebro, fundindo a alma, desfazendo-se em energia, medindo a ração, arrepanhando farrapos, esquecido em lobrega man-

sarda, entre filhos que pedem pão e tiritam de frio, fazendo pela gloria da sua terra o que devia fazer pelo conforto da sua vida, e dizes: é um martyr. E' um tolo ! O primeiro dever do homem é cuidar de si — a arvore só dá sombra depois que toda se enfolha. Morre esse desgraçado; que lhe dão? a corôa civica e a legenda: Honrado. Eu desconfio sempre dos homens honrados; em regra, não passam de uns pobres diabos. Honrado é um euphemismo como sympathica; esconde a mingua de pão, como o segundo attesta a falta de belleza. No collegio, falavam-me, com verdadeira veneração, desse mytho — a honra. Sahi para a vida, procurei-o e só o achei um dia, num funeral, servindo de eça a um martyr. Honra... Não te fies em palavras. A palavra illude. Honra é um excellente *pendant* para a Gloria : formam as parallelas que se perdem na miseria.

SERGIO, *ao jardineiro :*

Agora aqui... esta roseira.

ESTELLA

Quer mamãe dizer que eu devo ouvir, sem protestos, todos os galanteios, todas as palavras inconvenientes...?

CAMILLA

Não ha palavras inconvenientes, menina. As palavras passam por nós como transeuntes pela rua — nós só recebemos as que nos convem receber. Se ficares á janella, verás passar de tudo — o homem elegante e o èbrio, a mãe que vae levar o filho ao collegio, a mulher que se apressa para a entrevista, o operario, o vadio, a creança que chora, o garoto que ri, o pombo que scinde os ares, o cão que fareja a sargeta. Dás attenção a tudo?

não ; tens, ás vezes, a attenção voltada para ti mesma e o que passa, passa. Assim as palavras — ouve-as, não as escutes : são transeuntes que passam. Através do clamor de uma revolução, a mãe ouve o tremulo vagir do filho, não é verdade ? E' que ha sons, nem ainda palavras, que vão direito ao coração, e ha gritos que se perdem no ar. Que te importa que elle fale ? Deixa-o falar.

ESTELLA

Não penso assim.

CAMILLA

Ah ! não pensas assim ? Queres, então, romper com a sociedade ? E' o caso de eu dizer-te o que a Ophelia disse Hamleto : « Faze-te monja... Vae para um convento ».

ESTELLA

Mas, então, se esse homem levar mais longe a sua ousadia...?

CAMILLA

Um homem só chega até aonde a mulher permitte.

ESTELLA

Pois sim.

CAMILLA

E' preciso que saibas, Estella, qual é a nossa verdadeira situação, para que não te illudas.

SERGIO

A culpa é tua. Eu sempre te disse que esta magnolia estava mal collocada.

CAMILLA

Queixas-te do teu marido. Tens razão e não tens. Se elle já não mostra o mesmo affecto que te trazia enlevada na felicidade, é porque os cuidados não lhe dão a tranquillidade que o coração requer. Não ignoras que elle joga e que é do jogo que tira todos os recursos. Ora, o jogo é perfido ; justamente quando a necessidade urge, é que a desfortuna apparece. O que tu julgas ser um novo amor, lá fóra, não é senão o desespero (*Tocando a fronte :*) aqui dentro. O homem que perde ao jogo, não deixa na banca apenas o dinheiro, deixa a educação, os proprios sentimentos, volta com a bolsa e o coração vazios. Sergio... é o que vês : jardineiro.

ESTELLA

Mas porque havemos de insistir nesta vida falsa ? Eu, por mim, confesso que prefiro uma casa modesta e uma só criada, ou nenhuma, tendo tranquillidade, a viver neste palacio cheio de desespero... já sitiado pela infamia.

CAMILLA

Isto de infamia vae com endereço ao commendador ?

ESTELLA

Sim, vae.

CAMILLA

Não tens confiança em ti ?

ESTELLA

Em mim ? toda !

CAMILLA

Então?

ESTELLA

E a sociedade?

CAMILLA

Ora, a sociedade... A sociedade é como o mar — não póde deixar de fazer ondas e de as arrojar á praia. Tudo está em saber affrontal-as.

ESTELLA

Eu não sei nadar, mamãe.

CAMILLA

Nem é preciso que saibas. Tens um banhista que te offerece a mão — vae com elle. Nós ficaremos na praia, para que não te vexes. E verás que as mesmas ondas, que tanto receias, longe de te envolverem, farão de ti a sua rainha, elevando-te triumphalmente no seu dorso. Tudo depende do banhista... Escrupulos. (*Sorrindo:*) Queres o meu conselho? conserva-te virtuosa porque a virtude, sobre ser bella, é util, visto que é uma resistencia. Toda a resistencia irrita, e os irritados não medem sacrificios, porque, além do amor... luctam pela vaidade. Sê virtuosa... Ainda é o melhor meio de viver no...

ESTELLA

Charco.

CAMILLA

Onde vivem os lirios.

SCENA IX

OS MESMOS, MATHIAS E BALBINA

MATHIAS, *á direita :*

Sim, senhores... estão num palacio ! Um verdadeiro palacio !

ESTELLA

Oh ! papae... (*Precipita-se para o jardim*).

SERGIO, *sacudindo as mãos :*

Oh ! até que emfim.

Camilla desce e fica á porta do centro, sorridente. Os velhos apparecem no jardim ; Estella entre elles, um braço sobre o hombro de cada um.

CAMILLA, *baixo a Sergio :*

Que monos...

SERGIO, *baixo :*

E lá vem a velha com o infallivel córte de blusa. (*Alto :*) Só Estella seria capaz de os trazer até cá.

MATHIAS

Estamos viajando ha duas horas. Bond, barca, mais bond...

BALBINA

E' muito longe. Mas que casa. .!

MATHIAS

Um palacio ! (*Apertos de mão :*) Quanto pagam por isto ?

CAMILLA

Quinhentos mil réis !

MATHIAS

Como ? quinhentos mil réis !

BALBINA

Nossa Senhora ! (*Entram*).

MATHIAS

Já é não ter amor ao dinheiro. (*Abaixa-se e apanha alguma coisa*).

CAMILLA

Olhe lá o adagio, senhor Mathias : Quem apanha alfinetes, apanha trabalhos.

MATHIAS

Quem disse isto foi, por certo, algum fabricante de alfinetes. (*Sentencioso :*) Quem apanha um alfinete, ganha um alfinete.

Crava o alfinete na lapela da sobrecasaca. Sentam-se. Estella tira o toucado de Balbina.

PANNO.

SEGUNDO ACTO

Salão em velha residencia rustica. Larga porta ao fundo, dando para um terraço reverdecido de trepadeiras. Portas lateraes. Ao longe, o parque frondoso. A mobilia elegante contrasta com a severidade do interior — ottomanas, divans, mesas de laca, escaparates. Um biombo japonez. Vasos com plantas, ceramica ornamental.

SCENA PRIMEIRA

NARCISO, SERGIO E CARLOS

Ao subir o panno, um criado retira o serviço de refrescos. Os homens accendem charutos e repoltream-se. Sergio, de branco, largo paletó e calças de brim; Narciso em elegante costume de campo; Carlos em trajo de cidade.

NARCISO

A nossa historia está cheia desses factos. Somos um paiz vulcanico. Vindo do mais remoto passado, que encontramos ao longo de toda a Chronica? documentos que demonstrem um lento e pensado trabalho? não; encontramos sulcos e relevos, depressões e eminencias e em tudo vestigios de lava. O primeiro movimento politico foi uma erupção, como a do Vesuvio, nos dias de Plinio: as victimas do monte foram as cidades que jaziam recostadas aos seus flancos, como os martyres da idéa foram os seus propagandistas. A nossa independencia? outra erupção. A lei aurea? um jorro de luz que

alumiou o Brasil e foi, talvez, essa claridade que o tornou conhecido no mundo. A Republica? um esplendor inesperado. Que era hontem a cidade? uma accumulação de baiúcas apertadas em viellas, onde o sol tinha nojo de descer, por onde o ar passava de esfusio como pelas galerias dos antros. E' hoje muradal, será amanhã maravilha. Contem-se o mar, oppondo-se-lhe uma cinta de pedra, que será o limiar da cidade; arrasam-se as montanhas, prostando-as em planicies; drenam-se pantanaes; alargam-se desafogadamente as ruas, e, onde se acaçapavam casebres, avultam palacios. Já se vêm architectos traçando planos, modeladores plasmando a argamassa á feição de ornatos, pintores esboçando paineis decorativos, e a emulação manifesta-se até entre os proprietarios. Os que hontem se contentavam com a platibanda e o lambrequim, querem o balcão e o mezzanino. Onde havia a ruina exhalando o miasma, ha hoje o jardim que trescala; sobre o antigo enxurdo do tremedal, brotam, vicejam, enfloram-se rosaes; onde o mar espraiava o sargaço, espalharam terra e cobriram-na d'arvores. Os destroços da ruinaria servem de pedestal ao que avulta — o passado está no fundo. A Arte...

CARLOS

Ah! essa...

NARCISO

Ha de ter o seu dia. Talvez ainda ouçamos os clamores do povo victoriando o poeta laureado e tenhamos de supportar o atropello da multidão em torno duma luminosa figura de marmore erigida na praça, toda núa, ao sol, entre palmas e flôres.

SERGIO

E achas que ha dinheiro para todas essas loucuras?

NARCISO

Meu amigo, morreu, ha mezes, um velhote, que eu, todos os dias, encontrava a arrastar-se tristemente pela rua do Ouvidor. Era um pobre homem timido. Vestia uma roupa sordida, os sapatos tinham as solas soltas, pelos rombos do chapéo viam-se-lhe as falripas brancas. Comia em uma espelunca, vivia... Só soube da sua residencia pelos jornaes, que a descreveram: era alguma coisa como uma lura, numa estalagem. Morreu, foi enterrado pela caridade. Quando revolveram o grabato que lhe servia de leito, encontraram no colchão, já pôdre, dinheiro e titulos no valor de duzentos e tantos contos. (*Sorrindo*:) Era, quem sabe? o preguiçoso Brasil antigo. E' esse dinheiro que agora apparece; é com esse dinheiro rebalsado que se renova a cidade. (*Com intenção*:) E ainda ha por ahi muito colchão de pobre... recheiado e muito velhinho andrajoso que poderia edificar na Avenida, com luxo.

CARLOS

Meu sogro, por exemplo. E' um homem de fortuna: tem perto de duzentos contos, senão mais, e vive como um labrego, com o dinheiro aferrolhado.

NARCISO

Não o põe em gyro?

CARLOS

Qual!

NARCISO

Porque?

CARLOS

Diz que é para não o ter o trabalho de andar atraz delle.

NARCISO

Tem graça. (*Outro tom:*) Mas é assim avarento?

SERGIO

Se é avarento! ?

CARLOS

Se lhe cáe um dente, manda-o logo para o jazigo de familia, no Cajú. Dizem uns que é por avareza — para não perder um osso. Outros affirmam que é por preguiça — para não ter de andar, no dia do juizo, de um lado para outro, a catar os fragmentos do esqueleto. Eu nem sei como elle me deu a filha em casamento.

NARCISO

Porque? não queria?

CARLOS

Não — porque tinha de dar. E' o verbo mais irregular que elle conhece.

SERGIO

O diabo é que, em toda essa barafunda, eu não acho um vintem. E dizem que havia thesouros por ahi.

NARCISO

Vintens não se acham. O dinheiro conquista-se. A Fortuna é uma praça forte, uma vez invadida...

SERGIO

Isso não! Eu já tive o meu pavilhão em duas praças e hoje...

NARCISO

A culpa é tua. Na guerra, não ha só o conquistar; ha tambem o saber manter a conquista. A primeira parte é da bravura, a segunda é da prudencia. Tu, mal te assenhoreaste da praça, permittiste o saque e deitaste-te a dormir. O inimigo retomou o que lhe pertencia.

SERGIO

E ainda levou o que era meu.

CARLOS

A verdade é que tudo depende de sorte.

NARCISO

Tino, quer o amigo dizer?

CARLOS

Não, sorte. Ha homens que se matam no trabalho e nunca conseguem sahir da mediocridade.

NARCISO

Porque são mediocres.

CARLOS

Talvez porque não pactuam...

NARCISO

Com os chamados deshonestos...! Olhe, meu amigo, em geral os que vociferam contra os deshonestos, não são legionarios da honra, mas patuléa do despeito. Já vi um cão ladrar a um açougueiro, porque pendurava ao gancho uma perna de porco. Era um protesto piedoso contra a morte do suino? não: era simplesmente raiva por não poder chegar com os dentes á carne saborosa

que o açougueiro, por cautela, suspendêra á trave. Cães e raposas, uvas e pernas de porco... ha tantos!

SERGIO

No fundo, é isso mesmo.

NARCISO

Eu, por exemplo... Accusam-me de mil e uma fraudes; ha quem aponte os meus estellionatos, já affirmaram que emitti notas falsas... Porque?

SERGIO

Porque és rico.

NARCISO

Só por isso. Ninguem fala do meu trabalho; todos se preoccupam com o meu dinheiro. E' o caso da arvore — o que della se vê é o que apparece — o tronco, a ramaria; ás raizes, que se encravam na terra, ninguem allude. Para abrir a folhagem viçosa que hoje invejam, tive de dilatar as raizes, rompendo a terra, estalando a pedra, flanqueando o rochedo; ora emergindo em vergão, ora afundando até alcançar o humus fecundo. Ninguem, porém, quer saber disso — todos falam, com inveja e odio, das flôres e dos fructos... de onde vieram? do trabalho pertinaz e formidavel das raizes. A desgraça de certas plantas consiste em que, mal apparecem a flux, apenas dão as primeiras folhas, logo querem abrir fronde e... morrem, naturalmente.

SERGIO

Como eu.

NARCISO

Não falo de ti. Falo em geral.

SERGIO

A proposito de arvores, já viste o que fiz no pomar? Mandei limpar tudo — as mangueiras estavam cobertas de herva de passarinho.

NARCISO, *com intenção:*

A herva de passarinho... Terrivel inimiga das arvores.

CARLOS

E as parasitas?

NARCISO, *sorrindo:*

As parasitas... essas, pelo menos, dão flôres.

SERGIO

São como as mulheres.

NARCISO

Sim, como as mulheres.

SCENA II

OS MESMOS E ANNA

Anna apparece á porta da esquerda, olha como á procura de alguem e detem-se.

SERGIO

Oh! senhora d. Anna, bons olhos a vejam.

ANNA

Sua senhora mandou chamar-me. Pensei que estava aqui.

SERGIO

Não está. Então ? qual é hoje o palpite ?

ANNA

Eu sei, meu senhor ?! Eu não tenho palpites senão quando sonho. Isso já é um vicio, meu senhor. Eu, ás vezes, faço o proposito de não jogar, mas não sei que é que me dá por dentro... fico sem tino, atordoada. E' um desespero ! Pareço cobra que perdeu o veneno.

NARCISO

Pois não jogue, d. Anna.

ANNA

E eu posso, meu senhor ? Olhe, quando vim para aqui tomar conta da casa, dei graças a Deus ! Nesta distancia, longe de tudo, onde eu havia de jogar ? Fiquei triste por um lado, contente pelo outro. Mas, no dia seguinte, de manhã, depois do almoço, eu estava alli fóra no terraço, arranjando umas plantas, quando dei com um homem deante de mim, perguntando se eu não queria. « O que, moço ? » « Fazer jogo... » « Que jogo ? » E elle tirou do bolso um caderninho — era a tentação.

SERGIO

Jogou ?

ANNA

Que havia eu de fazer ? E todos os dias, está ahi o diabo do homem. A policia é que devia acabar com isso ; a gente não póde, não tem força. E para que é que ha auctoridade ? Pergunte se no outro tempo havia dessas coisas... não vê ! Não, que havia lei, havia religião. Hoje em dia, é o que se vê.

CARLOS

E a senhora não é religiosa?

ANNA

Se eu não sou religiosa?! Isso é coisa que se pergunte?! Pois então póde haver no mundo creatura sem religião? Sem religião, só cachorro. O senhor póde dar por falta de tudo no meu quarto, mas de santos... isso não?

SERGIO

Então porque joga, se o jogo é contra a religião?

ANNA

Porque jogo? jogo porque o moço vem aqui.

NARCISO

Assim, se o diabo apparecesse por cá...

ANNA

Não diga sacrilegios, meu senhor. Nossa Senhora! (*A Sergio:*) Mas onde é que o senhor disse que está sua senhora?

SERGIO

Não sei, d. Anna. Talvez esteja no quarto.

ANNA

O diabo... Cruzes! p'ra longe! (*Entra á esquerda.*)

SCENA III

OS MESMOS, MENOS ANNA

SERGIO

Curiosa creatura !

NARCISO

Exemplar de uma especie que vae desapparecendo.

CARLOS

Simples como a natureza.

NARCISO

E virtuosa.

SERGIO

E crente.

NARCISO

O marido é o meu creado de escriptorio — um caracter inteiriço. Fez toda a campanha do Paraguay, com bravura ; tem umas tres ou quatro medalhas. Vivia com esta mulher : no dia em que lhe nasceu o primeiro filho, casou-se. E' um chefe de familia exemplar. Entreguei-lhes a casa e a boa gente tem taes escrupulos de honestidade que não colhia um fructo sem me pedir licença. Um dia, disse ao homem que vendesse as laranjas ; vendeu-as e prestou-me contas. A velhota é anjo tutelar da pobreza da vizinhança — cura, resa,

baptisa, parteja, tem já não sei quantos afilhados. Não perde a missa dos domingos, fala, com saudade, do velho tempo e, quando está de pachorra, conta historias que Lafontaine ouviria com prazer.

CARLOS

Remanescentes do passado.

SERGIO

A velha raça.

CARLOS

E' pena que seja tão triste...

NARCISO

E confiante demais na Providencia, que a vae deixando extinguir-se na miseria.

CARLOS

Bem. A palestra está encantadora, mas eu tenho que fazer. Não descem ?

NARCISO

Eu, não.

SERGIO

Nem eu. Tenho de ver o que andam a fazer os taes homens. (*A Narciso :*) Mandei limpar o bambual — estava um ninho de viboras.

CARLOS

Então, até logo.

NARCISO

Até logo. (*Carlos sáe pelo fundo*).

SERGIO

Traze os jornaes. (*A Narciso:*) Queres ver o meu serviço ?

NARCISO, *mollemente :*

Vamos. (*Sáem lentamente pelo fundo, conversando*).

SCENA IV

CAMILLA E ESTELLA

Entram pela esquerda. Camilla á frente, mal humorada ; Estella, brincando com uma flor.

CAMILLA, *voltando-se de repente :*

E devolveste ?

ESTELLA

Sem duvida. Um homem que veste uma mulher, tem o direito de despil-a.

CAMILLA

E sentes-te bem nesses molambos ? Preferes andrajos sobre o orgulho...?

ESTELLA

A sedas sobre a deshonra... prefiro !

CAMILLA

E's muito ingenua.

ESTELLA

Sou pura.

CAMILLA

Pois eu é que não devolvo.

ESTELLA

Ah !... a senhora...

CAMILLA

Comprehendo : já não estou em condições de ser suspeitada — os meus cabellos brancos são como a bandeira das ambulancias. Mas ouve. Senta-te e ouve-me com calma. (*Sentam-se*). Acreditas, por acaso, que eu pense em lançar-te nos braços desse homem ? E' uma injustiça que fazes á minha virtude de mulher e ao meu amor de mãe. De quem é o nome que trazes ? meu. Teu marido quem é ? meu filho. Admittindo que eu não te quizesse e pensasse em explorar os teus encantos em meu beneficio, lembrando-me de meu filho, eu tal não faria, porque a tua perdição seria a sua deshonra.

ESTELLA

Então porque insiste em impellir-me para esse homem, que eu detesto ?

CAMILLA

Porque precisamos delle, entendes ? Teu marido já tem um logar excellente na Companhia. Sergio está sendo encaminhado. Quando, de novo, nos houvermos firmado na fortuna, voltaremos á nossa independencia, e poderás ser honesta á vontade.

ESTELLA

Quer dizer que, até lá, tenho que me submetter a tudo?

CAMILLA

Protelando, já se vê. Ha uma palavra excellente para aguçar o desejo e defender a honra — é como uma porta que apenas se entreabre: — « Amanhã... » Eternisa o amanhã.

ESTELLA, *gravemente:*

A minha educação foi muito deficiente, mamãe. Não aprendi, por exemplo, a contemporisar como o dever. A mulher honesta é aquella que o é e não a que o parece ser. Basta que paire no espirito desse homem a suspeita de que eu possa, um dia, pertencer-lhe, para que eu me considere, desde logo, tão impura como a mais impura. Tenho rebatido todas as suas tentativas, desvio-me sempre que o vejo, fujo ás intimidades, constranjo-o ao silencio com o silencio, e a todas as suas offertas respondo com a altivez com que hoje respondi. Vestidos? para que os quero? Resolvi defender-me. Assediam-me, que importa? Se não achar soccorro em meu marido, recorrerei a meu pae, porque, além do nome que me deu Carlos, tenho de zelar o que trouxe daquelles velhos, á custa dos quaes tanto se ri nesta casa.

CAMILLA

Quem?

ESTELLA

Todos.

CAMILLA

Queres dizer que estás resolvida a tudo...?

ESTELLA

A tudo...

CAMILLA

Decididamente, és mais que honrada, Estella — és tola.

ESTELLA

Se é assim que a senhora appellida a mulher honesta, eu tomo a mim a alcunha e orno-me com ella.

CAMILLA

E vae-te ás mil maravilhas.

SCENA V

AS MESMAS E ANNA

ANNA, *á porta da esquerda :*

Já estou cançada de procurar a senhora .. (*Desce.*)

CAMILLA

Estavamos junto á fonte.

ANNA

Na gruta ? Aquillo alli é um perigo. Até dizem que é mal assombrado. A' noite, são gemidos, vózes angustiadas que chamam a gente..

CAMILLA, *sorrindo :*

E' assim ?

ANNA

Eu é que lá não vou. E então ? que é que a senhora ordena a esta sua criada ?

CAMILLA

Eu queria saber se a senhora já mandou falar ao tal copeiro.

ANNA

O francez ?

CAMILLA

Sim.

ANNA

A senhora quer ficar com elle ?

CAMILLA

Se me convier.

ANNA

Eu posso falar ; mas olhe que elle pede um dinheirão...

CAMILLA

Havemos de chegar a accordo.

ANNA

E o Egydio ?

CAMILLA, *com um momo :*

Não me convem.

ANNA

Só porque é preto, coitado ! Pois é um excellente rapaz e serve tão bem como o outro.

CAMILLA

Quando póde mandar falar?

ANNA

Hoje mesmo.

CAMILLA

Pois mande.

ANNA, *a Estella:*

E a senhora? sempre tristesinha. Se não fosse casada, eu diria que tinha deixado o coração lá embaixo Não gosta do matto...? Pois olhe, isto aqui é muito bom: ao menos, a gente está longe da maldade do mundo.

ESTELLA

E' um engano, d. Anna — a maldade é como o ar: está em toda a parte.

ANNA

O que, menina! Em toda a parte, está Deus, e se a menina tem alguma afflicção, agarre-se com elle ou peça a Nossa Senhora que lhe dê allivio. (*A Camilla:*) E é só isso?

CAMILLA

E' só.

ANNA

Então, até logo...

Sáe pelo fundo. Depois de uma pausa, entra pela direita um criado com um cartão em uma salva, e inclina-se deante de Camilla.

CAMILLA, *lendo o cartão, friamente, a Estella:*

Seu pae. (*Ao criado:*) Manda entrar. (*O criado entra a direita. A Estella:*) Deixo-a á vontade. (*Entra á esquerda, com um sorriso ironico*).

SCENA VI

MATHIAS E ESTELLA

Mathias entra vagarosamente pela direita, olhando para tudo, maravilhado. Estella adeanta-se, beija-lhe a mão.

MATHIAS

Homem, vocês decididamente estão nadando em ouro. Isto é um paraiso !

ESTELLA

E' um inferno !

MATHIAS, *sem ouvir:*

Lá castigar, castiga... isso castiga: é longe e a passagem puxada... Como vamos por cá ? Teu marido ? os velhos ? (*Outro tom:*) Homem, tu precisas acabar com essa historia de cartões. Eu não tenho cartões, não uso. Tive de escrever o meu nome nas costas de um cartão não sei de quem, que achei no bolso. (*A' porta do fundo:*) A chacara é grande... Bella casa ! Vocês aqui, só em fructas, pódem fazer um dinheirão. (*Sentando-se:*) Então, que ha ?

ESTELLA

Como vae mamãe?

MATHIAS

Vae indo. Mandou lembranças E tu? A tua carta chegou-me hoje. Afinal, de que se trata? (*Outro tom*:) Aquillo alli em baixo, que é?

ESTELLA

As cocheiras.

MATHIAS

Uhm! E carros, hein? e cavallos... Estás nas tuas sete quintas.

ESTELLA

Estou num pantano, papae.

MATHIAS

Que dizes? pantano? (*Vendo-a chorar*:) Que é? Que tens? Ora, vamos lá. Arrufos com teu marido, rusgas... Isso é natural.

ESTELLA

Arrufos? Por tão pouco eu não lhe daria o incommodo de vir até cá. Chamei-o para salvar-me, papae. Esta gente quer perder-me.

MATHIAS

Perder-te? a ti? Como? (*Silencio*).

ESTELLA

O senhor pasma do que vê e com razão... e eu tiro do seu espanto uma conclusão, que é a minha deshonra. Toda a gente que nos conhece, que sabe as condições

precarias em que nos achamos, em vez de exclamar, como o senhor, « que estamos nadando em ouro », dirá, e com fundamento : « que estamos chafurdando em lôdo ».

MATHIAS

Calma, não te exaltes. Dize o que ha ; eu aqui estou.

ESTELLA

Meu sogro não tem rendas, está desempregado ; meu marido só agora conseguiu um logar modesto no escriptorio do dono desta propriedade, que é, actualmente, o fornecedor da familia de que eu faço parte e da qual sou uma especie de garantia.

MATHIAS

Como?

ESTELLA

Esse homem, papae, persegue-me sem escrupulos, ostensivamente. Engoda-me com toda a sorte de dádivas : são joias, vestidos, bilhetes de theatro, perfumes. Atulha a casa de mantimentos, propõe festas, inventa passeios, tudo para mim, unicamente para mim, á vista de todos, meu marido inclusive. Repillo-o....

MATHIAS

Fazes muito bem.

ESTELLA

Repillo-o com energia, faço-lhe sentir o meu desprezo, respondo-lhe aos galanteios com palavras asperas ; mas elle, acoroçoado por minha sogra, que o incita, e por meu marido, que se afasta, torna-se cada vez mais audacioso. Tenho medo de sahir ao parque, vivo aqui

dentro, sempre me achegando a alguem em busca de defeza, e elle a perseguir-me, a offerecer-me sainetes de seducção, aviltando-me com offertas e olhares que me cobrem de vergonha.

MATHIAS

E' um patife...!

ESTELLA

Elle? todos, são todos. Chego a achal-o puro, quando o comparo aos outros. A minha situação é insupportavel: não posso continuar nesta casa.

MATHIAS

Como?!

ESTELLA

Quero sahir.

MATHIAS

Sahir! Sahir... para onde?

ESTELLA

Para onde? pàra a minha casa, para a companhia do senhor, de mamãe.

MATHIAS

Não, filha... isso é um escandalo. Uma mulher que abandona o marido, por mais pura que seja, fica sempre manchada. O povo não comprehende que uma senhora deixe a companhia do esposo. Por mais que se prove que ella o fez com motivos justos, sempre haverá quem diga que foi forçada a fazel-o. A casa dos paes, para a mulher casada, não é um refugio, é um esconderijo.. A filha que foge para o amor paterno, é sempre uma impura, devolvida pela honra. E' o que te digo. E nós

temos que dar satisfacção dos nossos actos á sociedade, que os fiscalisa. Além de nós, tens uma irmã casada, com filhos, sobre quem irá recahir a tua falta.

ESTELLA, *com espanto :*

A minha falta !

MATHIAS

Sim, o teu procedimento ; em face da moral, é uma falta.

ESTELLA

Ah ? sim ?

MATHIAS

O que deves fazer é chamar teu marido, dizer-lhe a verdade, pedir-lhe que te tire daqui, e elle, certamente, fará como lhe disseres. E' o que deves fazer. Sahir, nunca ! Essas coisas de separação, de divorcio, são lá para a gente da Europa, que não tem religião nem moral ; nós aqui somos christãos e ainda, felizmente, entendemos como os antigos — que mais vale a morte que a deshonra. Não penses nisso. Que seria de tua mãe ? Se nos entrasses pela casa, dizendo que havia abandonado teu marido, sei lá ! a pobre creatura era capaz de morrer no mesmo instante. Não penses em semelhante coisa. Varre do espirito tal idéa. São os teus nervos. Posso lá admittir que um homem entregue a sua mulher a outro ?

ESTELLA

Papae, o senhor não conhece o meio em que, infelizmente, me acho. Não sabe de quanto é capaz a vaidade, até aonde póde levar a ambição desregrada de

uma mulher que nasceu na grandeza, que se habituou ao luxo e que, de um momento para outro, se viu forçada ao retrahimento por falta de recursos. Meu sogro é um incapaz, meu marido joga. Entre a inercia e o vicio, ha essa mulher terrivel, que é a acção. Ella fará tudo, tudo! Se tivesse a mocidade, já se teria compromettido; é uma decahida, atira-me como victima. Eu sou o ponto de contacto de duas infamias — a vaidade de um lado, a depravação do outro. Estou entre uma desesperada que se procura salvar, e um homem que me deseja: por traz da minha virtude, passam as notas do suborno e a chave do aposento em que devo ser infamada. A minha situação é esta. Devo manter-me nella?

MATHIAS

Nem me fales nisso! Prefiro ver-te morta. Morta! entendes? a saber-te deshonrada. O que digo é que não deves dar o passo imprudente em que pensas, pelas razões que expuz. A mulher é a mulher. O homem que deserta a casa, é um máu marido; a mulher que abandona o lar, é sempre uma perdida.

ESTELLA

Ainda que se justifique?

MATHIAS

A sociedade não admitte justificações. Se queres, eu falo a teu marido, posto que entenda que, em taes assumptos melindrosos, os paes não devem intervir senão sendo reclamados.

ESTELLA

Foi justamente por isto que lhe escrevi.

MATHIAS

Ah! tu... Mas que queres que eu faça? dize! Queres que te leve por ahi, dizendo a todo o mundo que o teu marido é um infame que te quiz entregar a outro homem? Não vês que isso vae provocar commentarios desfavoraveis a todos nós? Não revolvamos o lôdo. Quero-te muito, bem sabes, mas... a honra acima de tudo! Tem paciencia. Uma mulher virtuosa vence todas as ciladas e sáe immaculada de todas as torpezas. Que situação será a tua? pensa — nem solteira, nem casada, nem viuva — uma mulher servida e posta á margem. Não! Em todos os casaes, ha falhas...

ESTELLA

Não de brio.

MATHIAS

Sim, mas falhas; e a obrigação da mulher é occultal-as ao publico. Soffres com teu marido, mais soffrerás sem elle. Por emquanto, é um só homem que te persegue; amanhã, serão todos, porque estarás sem a defeza moral da virtude de esposa. Serás uma separada — situação anonyma.

ESTELLA

Não ha, então, solução honrosa para o meu caso?

MATHIAS

Ha uma unica.

ESTELLA

Submetter-me?

MATHIAS

Filha, é o sacrificio ao dever. Todos nós nos submet-

temos. Não penses que a felicidade é o que vemos: é, muitas vezes, o que não apparece. Sê forte. Teu marido, se lhe falares, fará por ti o que deve fazer, porque, repito: não admitto, não creio que um homem sacrifique a sua honra em caso algum, ainda que seja para salvar a vida.

ESTELLA

E os tribunaes, meu pae?

MATHIAS

Que têm os tribunaes?

ESTELLA

Se eu recorrer á justiça para tirar-me da situação em que me acho?

MATHIAS

Os tribunaes só pódem proceder á vista das provas. E que provas tens tu? E os tribunaes não salvam, minha filha: todo aquelle que passa pelos tribunaes, ainda que sáia com a nota de innocencia, conserva sempre um estygma que o humilha. Diz-se sempre do absolvido o que se murmura do que sarou de molestia vergonhosa — curou-se. O curar não depura; antes, prova que se esteve enfermo, como a absolvição não limpa, perdôa — o virus subsiste como permanece a suspeita. Uma mulher, só com pedir o auxilio da Lei em casos taes, incorre no ridiculo, porque mostra que não teve força para defender-se. Quando a virtude não basta para garantir a honra, nem toda a justiça dos homens será capaz de o fazer. Tribunaes!... Deixa-te de loucuras!

ESTELLA

Em summa : a sua opinião é que devo ficar.

MATHIAS

Sem duvida.

ESTELLA

Para que ?

MATHIAS

Para que ? mas para seres o que és — uma senhora casada.

ESTELLA

Com um amante !...

MATHIAS

Um amante ! ?

ESTELLA

Que a sociedade me ha de impôr... E não terá andado com a pressa do costume, porque a minha familia a precedeu.

MATHIAS

Tolices.

ESTELLA

Tolices... Emfim : entre a depravação e a honra, tenho a optar pelo despudor.

MATHIAS

E a tua consciencia ?

ESTELLA

A minha consciencia... é o meu trajo caseiro. Serei virtuosa para mim apenas ; para o mundo, não passarei de uma impudica, e é o mundo que julga.

MATHIAS

E Deus...

ESTELLA, *tristemente :*

Muito obrigada, papae. Resta-me a consolação de lhe haver communicado a verdade. Confessei-me; agora...

MATHIAS

Agora que ?

ESTELLA

Nada...

SCENA VII

OS MESMOS E CAMILLA

Camilla entra pela esquerda e vae direito a Mathias, que passeia pela sala nervoso; espera que elle se volte para dirigir-lhe a palavra. Estella fita-a com um olhar estranho.

MATHIAS, *dando por ella, atarantado :*

Oh ! minha senhora, desculpe-me. Não a tinha visto

CAMILLA

Estella confisca-o, meu caro senhor Mathias. E' um tal ciume do senhor que difficilmente conseguimos forçar o cordão que ella estende entre nós, para saber da sua saúde e ter noticias de sua senhora. (*Sentam-se, menos Estella :*) Eu disse ciume — medo é que é,

medo de que lhe digamos que ella nos faz soffrer muito com o seu geniosinho máo. Ah! a falta que lhe fazem os seus conselhos e os exemplos de meiguice da sua boa mãe! Ahi onde a vê, está zangada commigo.

MATHIAS

Com a senhora? (*Aceno affirmativo de Camilla.*) Porque?

CAMILLA

Certamente, ella já lhe deu a razão imaginaria.

MATHIAS

Ah! sim, sim: arrufos .. arrufos de creança.

CAMILLA

Arrufos, diz o senhor. Antes fossem.

ESTELLA

Sim, antes fossem!

MATHIAS

Então, minha filha!

CAMILLA

O senhor Mathias conhece o commendador Narciso?

MATHIAS

Sim, minha senhora: fui-lhe apresentado por v. ex. Um cavalheiro!

CAMILLA

Diga-me com franqueza: acha-o capaz de abusar de uma senhora, esposa de um rapaz que elle viu menino, filho de velhos amigos como nós?

MATHIAS

Oh ! minha senhora...

CAMILLA

Pois Estella entende que o commendador — que pecca, talvez, por excesso de generosidade — a olha com intenções menos puras, assediando-a com pensamentos deshonestos, quando o que elle faz — e aqui lhe digo na intimidade, visto ser o senhor da familia — só um pae carinhoso faria por filhos infelizes. Não ignora que soffremos uma série de desastres: Sergio falliu, Carlos começava justamente a impôr-se quando foi obrigado a retrahir-se por força da catastrophe que, de um dia para outro, nos reduziu quasi á miseria. Luctavamos, procurando vencer o transe difficil, quando o commendador sahiu ao nosso encontro, offerecendo-nos o seu auxilio, pondo-se ao nosso lado, quando todos nós abandonavam. Pergunto — homem que assim procede é um desleal ?

MATHIAS

Está visto que não ! E' um amigo e dos raros.

CAMILLA

A casa em que nos achamos, pertence-lhe. Pois não nos sentimos hospedes aqui, Estella que o diga ; se ha quem pareça receber agasalho, é elle, o dono. Ha, porém, no commendador, uma franqueza um tanto espalhafatosa. E' contra isso que se insurge Estella, vendo, onde só ha bondade, intenções perversas. Quanto a mim... não me defendo, nem defendo os meus — quero apenas salvar o caracter de um amigo de uma injustiça cruel. (*Silencio*).

MATHIAS

Então, Estella... que dizes?

ESTELLA

Eu? nada tenho que dizer.

CAMILLA

E não tens, Estella. A verdade é esta.

ESTELLA

Talvez seja. (*Encaminha-se resolutamente para a esquerda*).

MATHIAS

Aonde vaes?

ESTELLA

Vou ao meu quarto. Já volto. (*Entra á esquerda*).

MATHIAS

Cabecinha tonta!

Ouve-se o choro nervoso de Estella. Os dois ficam um momento interdictos.

CAMILLA, *com um sorriso amarello:*

Vê?

MATHIAS

Nervos, minha senhora. A mãe era assim.

SCENA VIII

MATHIAS e CAMILLA

CAMILLA, *sentando-se :*

Nervos... Meu caro senhor Mathias, essa historia de nervos já teve a sua epocha, como a crinoline e as anquinhas ; passaram da moda, hoje ninguem os toma a serio. Então o systema nervoso só se manifesta, como a electricidade, nas tormentas, em relampagos e raios ? Não. Não ha no organismo elementos mais disciplinados do que os nervos — se fazem a colera, tambem a corrigem. Estella é orgulhosa, não se submette — quer, a todo o transe, que a sua vontade predomine, embora com sacrificio dos mais. Antipathia, diz ella — a antipathia justifica-se pela incompatibilidade, e que incompatibilidade existe entre ella e o commendador? nenhuma. Suppuz, a principio, que houvesse um melindre delicado, uma susceptibilidade, de todo o ponto digna — a da mulher que se sente humilhada no favor que recebe. Mas, não ! Estella não se revolta contra a situação de miseria, deixe-me dizer assim, em que nos achamos, supporta calada, mesmo resignada, a penuria e, honra lhe seja — nunca lhe surprehendi uma palavra de queixa, nunca a encontrei abatida — seu odio é contra o homem, contra o bemfeitor. Porque não sei. Chama-se a isso ingratidão, não é verdade (*Gesto de assentimento de Mathias*) Seductor, diz ella... Mas que é seductor? uma creação da mulher. Ha homens atrevidos que affrontam, ha homens ousados

que tentam — o seductor é um desses... quando a mulher consente.

MATHIAS

Admiravel verdade !

CAMILLA

Romper com o commendador porque elle é delicado, chega a ser loucura, não lhe parece ?

MATHIAS

Naturalmente.

CAMILLA

Entende Estella que a sua posição é insustentavel e receia, o que ? a violencia ? não... Receia baquear. Nesse caso, a culpa não será do homem, senão della. Não será elle quem a force, será ella que se entrega. Essa confissão revela uma tibieza moral que eu não admitto em mulher de tão reforçada virtude. Nada do que ella diz existe. Não a tenho em conta de perversa, acho-a cerebrina. (*Depois de uma pausa :*) O que ha é capricho, capricho pueril... amúo de moça, ephemero como as trovoadas de verão.

MATHIAS

Passa.

CAMILLA

Sem duvida. E o senhor, que tem tanta ascendencia sobre ella, poderá reconduzil-a á razão. Nós atravessamos um passo difficil, vamos por elle, com segurança, graças á bondade do amigo que nos presta um socorro generoso ; deixal-o será a perda irreparavel, será a miseria, será a desgraça e será a ingratidão. Um pouco

mais de paciencia e, em breve, teremos o lar refeito, e a vida reentrará na antiga pauta, deslisando suavemente, como outr'ora.

MATHIAS

Pois fica por minha conta, minha senhora; descance.

CAMILLA, *levantando-se:*

E agora venha ver a belleza que é esta residencia. O pomar... Gosta de fructas?

MATHIAS

Muito! Sou doido por ellas.

CAMILLA

E de flôres?

MATHIAS

Oh!

CAMILLA

Pois venha. (*Sahindo pelo fundo:*) Isto é um paraiso, com todos os encantos do outro.

MATHIAS

E sem serpente.

CAMILLA

Perdão, Estella entende que nem isso falta.

MATHIAS, *sorrindo*:

E' o commendador...?

CAMILLA

Não, senhor: eu (*Desapparecem.*)

SCENA IX

ANNA E ESTELLA

Anna apparece á esquerda, preoccupada. Atravessa a scena vagarosamente, dando a perceber uma lucta intima, a insistencia de uma suspeita repellida pela razão. Detem-se pensativa, murmurando:

P'ra dizer que é doença...? Emfim... (*Volta-se para a esquerda, olhando, e acena com a cabeça compassivamente.*) Não sei. Não sei, nem quero saber. Não é da minha conta. (*Abafando rapidamente a bocca com a mão:*) Uhm! são brancos, lá se entendam. (*Passa ao terraço. Depois de olhar, chamando:*) Psio! Manésinho? Que é que você está fazendo? Vem cá! (*Insistindo:*) Chega aqui, rapaz. *Um pequeno, em mangas de camisa, approxima-se do terraço. Estella entra pela esquerda, demudada. Tem uma surpresa vendo a sala deserta, um triste sorriso aflora-lhe o rosto pallido. Deixa-se cahir em uma cadeira abandonadamente, o olhar parado, vazio. Ouvindo a voz de Anna, volta-se sobresaltada, reconhecendo-a, porém recáe na primitiva attitude.*

Dá um pulo no armazem (*baixando a voz:*) e vê que bicho deu. (*Tom natural:*) Olha, passa pela casa de seu Braz, o conductor, e pergunta como vae o pequeno, se ainda tem febre. Mas olha — (*baixo:*) se deu o jacaré, vem primeiro aqui. ((*Tom natural:*) Vae depressa. Eu fico esperando.

O pequeno toma a direita. Anna demora-se um instante no terraço. Entra e, descobrindo Estella, contempla-a com bondade, meneando com a cabeça, como a lastimal-a. Meiga, approximando-se :

Que é que tem, menina ? Sempre triste, chorando ? Isso envelhece. Não gaste lagrimas á tôa ; ha tanto infeliz que precisa dellas. Deixe o choro para quem não tem outra consolação. E' o remedio que Deus dá para a agonia do pobre.

ESTELLA

É justamente por isso que me sirvo delle.

ANNA

Mas que é que a senhora tem ? Moça e linda, casada, com fortuna e saúde. Que mais póde a senhora querer ?

ESTELLA

O que me falta.

ANNA

Que é ?

ESTELLA, *fitando-a* :

Que é ? ! Aquillo que a senhora tem de sobra.

ANNA, *com simplicidade, rindo* :

Molambos...? O que eu tenho de sobra são molambos e dôres.

ESTELLA

E paz de coração.

ANNA

Ah ! isso... com a graça de Deus... E a senhora não tem ?

ESTELLA

Não.

ANNA

Ora essa !

ESTELLA, *arrebatadamente* :

Diga-me — se a senhora se visse entre féras famintas, sentindo-lhes o halito quente, vendo-lhes as garras agudas, o pello arrepiado, as fauces arrepanhadas mostrando os dentes, no antegosto da carnagem...

ANNA, *horrorisada* :

Nossa Senhora ! Eu ? ! Virgem ! Isso foi sonho ?

ESTELLA, *deixando-se cahir abandonadamente na ottomana* :

E' a minha vida...

Silencio. Estella anceia, labios entreabertos, o olhar immobilisado. Anna contempla-a, commovida. Narciso apparece no terraço e demora-se a olhar. Anna dá por elle, adeanta-se e segreda-lhe.

SCENA X

AS MESMAS E NARCISO

ANNA

Olhe, senhor commendador, eu, por mim, mandava chamar um medico.

NARCISO

Porque ?

Anna faz um gesto como para significar que Estella não está em juizo. Narciso encaminha-se vagarosamente para a ottomana.

ANNA, *em soliloquio* :

Parece até que está variando.

Sáe, sempre gesticulando. Ainda se volta do terraço e desapparece.

SCENA XI

NARCISO E ESTELLA

NARCISO

Minha senhora...

Estella volta-se, levanta-se vivamente e fica em attitude altiva, encarando-o :

Que tem ? Está pallida... Que tem ? (*Silencio* :) Causo-lhe medo ? Que lhe fiz eu ? Accuse-me, se incorri em falta. Dê-me o motivo do seu odio, justifique a sua aversão. (*Silencio.*) Quem sabe se fui incivil, se alguma vez não a tratei com o respeito devido a quem venero — não ouso, sequer, dizer — estimo — para não expôr o coração ao seu desprezo. Sente-se, peço-lhe. (*Estella senta-se, como dominada*) Conversemos como bons amigos. Fico á distancia ; nem quero que a minha sombra sirva de tapete aos seus pés ; sempre seria uma

approximação, um contacto. (*Senta-se.*) Aqui me tem. Agora, ouça-me com calma. Escolherei palavras que não a possam, de modo algum, melindrar: tão delicadas que lhe não firam o sentimento, tão sinceras que a senhora veja, através dellas, a verdade. As portas estão abertas, o sol está comnosco. Não ha receio de que nos suspeitem. A senhora evita-me e, quando o não póde fazer, trata-me com aspereza tal que chego a duvidar da sua caridade. Permitta-me que lhe fale em seu marido. Consente? (*Silencio.*) Julga-o na cidade, não? Hoje é feriado, minha senhora; não ha Bolsa. Elle está bem perto, a dez minutos daqui, em um hotel, jogando.

ESTELLA, *altivamente:*

Sei.

NARCISO

Sabe?

ESTELLA

Sei. E que tenho eu com isso?

NARCISO

Nada. O jogo é apenas um vicio. Elle podia ter amantes; seria peior.

ESTELLA

Ser-me-ia indifferente.

NARCISO

Não o ama?

ESTELLA

Porque pergunta?

NARCISO

Por nada.

ESTELLA

Pensei que se propunha ao logar que elle deixou vazio no meu coração. Já está occupado.

NARCISO

E se eu lhe perguntasse...?

ESTELLA

Eu lhe diria.

NARCISO

Então, quem é?

ESTELLA

O odio.

NARCISO

Máo inquilino.

ESTELLA

E', pelo menos, pontual nos seus compromissos.

NARCISO

E acredita que se possa viver com o odio?

ESTELLA

A serpe vive com o seu veneno.

NARCISO

A serpe...

ESTELLA

E a mulher.

NARCISO

Entretanto, se quizesse viver com o amor...

ESTELLA

Obrigada. A sua fortuna...

NARCISO, *nobremente* :

Perdão : eu disse — amor. Para a mulher que amo, o meu dinheiro é um escravo que apenas apparece quando é chamado. O amor é que a serve, de joelhos, adorativamente. E já que o acaso nos deparou ensejo de conversarmos, permitta-me que lhe diga toda a verdade. O que agora me curva a seus pés, não é o amor immenso, é a piedade... (*Movimento de Estella.*) Ouça-me : é a revolta do meu cavalherismo contra a exploração de que é victima.

ESTELLA

Eu ! ?

NARCISO

Pois não percebe ?

ESTELLA

Para perceber seria necessario que eu désse attenção ao que se faz nesta casa, onde só tenho um cuidado : defender-me.

NARCISO

Contra mim ?

ESTELLA

Contra todos.

NARCISO

E' injusta. Que lhe offereço eu ? aquillo que nunca teve — liberdade, tranquillidade e amor. Livre, não é, não o será jámais ; tranquillidade, nunca terá ; amor... o coração que lh'o devia dar, está tão cheio de vicios que

não poderá conter um sentimento. Julga que não descobri a manobra sagaz dos que a cercam? Não fiz ainda o que me ordena o brio, para poupar-lhe desgostos. Vejo-a ameaçada, que faço? pago aos esbirros o preço do seu resgate diuturno. E porque havemos, os dois, de servir de ludibrio aos astutos — eu, pagando, a senhora, sendo mercadejada? O melhor será resolvermos, com franqueza, o que elles nos propõem com maldade. Querem-na vender. Consente?

ESTELLA, *de pé, energica:*

Vender-me! a mim?!

NARCISO

E que fazem elles? mãe e filho? O velho não — é uma victima exgottada... nem ouvido é, sequer.

ESTELLA

Vender-me! a mim? E o senhor tem coragem de m'o dizer em face?

NARCISO

Previno-a.

ESTELLA

Insulta-me.

NARCISO

Se tomou como insulto, peço-lhe que me perdôe...

Ajoelha-se. Carlos apparece ao fundo, estaca nervoso, hesitante. Num arranco impulsivo, precipita-se em scena, vae direito á Estella com os punhos fechados.

SCENA XII

OS MESMOS E CARLOS

CARLOS *a Estella :*

Miseravel !

Estella recúa Narciso interpõe-se.

NARCISO, *energico :*

E', sem duvida, a mim que o senhor se dirige...?

CARLOS, *perturbado :*

Falo á minha mulher.

NARCISO

Perdão — aqui ha agora uma mulher entre um homem e um vilão. Sua mulher ! E é á sua mulher que o senhor assaca tão baixa injuria, quando, se ha culpado que mereça castigo, sou eu, eu que lhe pedia perdão, de joelhos, por a haver offendido com uma torpe verdade que o senhor conhece ? Eu, que me achava a seus pés implorando a remissão de uma franqueza que explodiu da minha lealdade ; eu, que poderia ser tomado por um seductor, de rojo deante della, que me humilhava com a sua altivez honesta ? E o senhor atira por cima do culpado a injuria, para ferir a innocente. Não é generoso, convenha. Chega a parecer covardia.

CARLOS

Mas, senhor commendador...

NARCISO

Esta senhora está em minha casa e desprotegida; mais do que isto: ameaçada. Tomo-a sob a minha guarda.

CARLOS, *impetuoso :*

Para fazel-a sua amante.

NARCISO, *com sarcasmo :*

Garanto-lhe que a honraria mais com o meu amor do que o senhor com o seu nome.

CARLOS

O senhor aproveita bem a minha situação.

NARCISO

Qual é ella ?

SERGIO, *fóra :*

Como, não temos parceiro ? e o Sergio ?

ESTELLA, *entre os dois homens :*

Pelo amor de Deus !

Sergio, Mathias e Camilla apparecem ao fundo. Mathias vem enxugando o suor da fronte. Sergio e Camilla trazem flôres nas mãos.

SCENA XIII

OS MESMOS, SERGIO, MATHIAS, CAMILLA ; depois um criado.

MATHIAS, *a Narciso* :

Pois é verdade, senhor commendador, tem uma residencia de principe. E que abundancia d'aguas ! Andam a cantar pelos caminhos. (*A Estella* :) Uma belleza ! (*Notando-lhe o soffrimento* :) Que tens ? Oh ! filha, olha que é preciso não ter alma para viver triste neste paraiso. (*Estella mantem-se immovel. Mathias cumprimenta Carlos affectuosamente.*)

SERGIO, *a Carlos* :

Quê ! já de volta ? Foste á cidade ?

CAMILLA, *a Narciso* :

Veja esta orchidea, commendador. E' uma vanda.

Narciso examina a flôr, com signaes de admiração e prazer.

Sergio, arranjando a mesa para o sólo, a Carlos :

Foste á cidade ?

CARLOS

Não. (*Narciso colloca a orchidea na botoeira do casaco.*)

SERGIO

Tambem que diabo ias tu fazer hoje lá abaixo ? (*A Narciso.*) Preciso de ti. O nosso amigo Mathias fica para jantar e dá-me a desforra que lhe pedi. Jogas ?

NARCISO

Pois não ! (*Senta-se á mesa.*)

SERGIO

Ainda bem. (*Sentà-se e offerece uma cadeira a Mathias.*) Ora, vamos lá !

Camilla e Carlos conversam ao fundo, sáem para o terraço. Carlos muito agitado, Camilla visivelment nervosa, mas contendo-se, lançando olhares de colera a Estella. Sergio e Mathias contam os tentos, Narciso repassa o baralho.

NARCISO

O sr. Mathias é forte.

SERGIO

Formidavel !

MATHIAS

Qual ! Joguei isto, joguei... hoje...

SERGIO

Pois sim !

NARCISO

E o pocker ?

MATHIAS

Não conheço. E' isto, a manilha, o voltarete, um pouco de xadrez...

NARCISO

Ah ! joga o xadrez ? Havemos de experimentar.

MATHIAS

Tambem joga ?

NARCISO

Aprendo.

SERGIO

E se tomassemos alguma coisa? um pouco de vermuth, por exemplo. Que dizem?

NARCISO

E' uma idéa.

SERGIO, *voltando-se na cadeira :*

Oh! Carlos, manda trazer vermuth.

Carlos entra á esquerda. Camilla desce. Sergio dá as cartas.

CAMILLA, *a Estella :*

Que houve aqui entre o commendador e Carlos?

ESTELLA, *depois de um silencio :*

Carlos não lhe disse?

CAMILLA

Foi breve, por delicadeza, não querendo referir-se á senhora...

ESTELLA

Oh! a generosidade!

SERGIO

Passo.

CAMILLA

Teria de a mostrar infamada.

ESTELLA, *altiva :*

Senhora!

MATHIAS

Passo.

CAMILLA

... com um homem a seus pés, implorando, ou, talvez, agradecendo a primeira concessão.

NARCISO

Passo.

ESTELLA

Esse homem que me infamava, portou-se como um perfeito cavalheiro, defendendo-me da rebentina grosseira de seu delicado filho.

CAMILLA

Como queria que elle a tratasse, vendo-a nos braços de outro?

ESTELLA

Nos braços? ainda não, e essa decepção talvez concorresse para augmentar-lhe o furor. Se eu já houvesse esquecido os meus deveres, por certo não estaria aqui prestando-me a ser a responsavel pelas dissipações desordenadas desta casa de vicios.

CAMILLA

Com a sua presença, devia ser o templo da virtude.

SERGIO, *examinando o jogo :*

Homem, melhor cara traga o dia de amanhã.

ESTELLA

As suas ultimas traças não têm sido urdidas com a

habilidade do costume, e foi justamente porque o commendador m'os denunciou que eu, por instincto de pundonor, querendo ainda honrar a familia em que entrei, me revoltei repellindo o que era uma infamia, sem deixar de ser a verdade.

CAMILLA

Que foi?

ESTELLA

E' preciso que eu diga o que sou, nesta casa, a quem tudo faz e dirige os ataques?

CAMILLA

A' sua virtude?

MATHIAS

Sólo...

CAMILLA

Fala demais em virtude; é, talvez, para não esquecer que ella existe.

SERGIO

E' bom.

ESTELLA

E' para fortalecer-me nella.

CAMILLA, *com um risinho perverso:*

A boa hora (*Carlos reentra e acerca-se da mesa, acompanhado o jogo.*)

SERGIO, *a Narciso:*

Fala, homem.

NARCISO, *revendo as cartas:*

Espera...

CAMILLA

Quando um homem se ajoelha aos pés da mulher que deseja, não é propriamente para pedir perdão.

ESTELLA

A senhora deve saber isso melhor do que eu.

CAMILLA

Talvez... Tenho visto outras honras mais fortes cederem a quantias mais modicas.

ESTELLA

E' porque o pouco lhes basta, não tendo de sustentar terceiros.

CAMILLA

Veja quanto lhe devo.

ESTELLA

Deve-me a honra... e a senhora não a tem para pagar-me.

Camilla contem um movimento de colera.

SERGIO, *a Narciso:*

Então?

NARCISO, *sorrindo:*

E' bom! E' bom!

CAMILLA

Noto que está com a intelligencia mais incisiva.

ESTELLA

A colera aguça.

SERGIO

Ninguem se decide?

CAMILLA

Releve-me a pergunta, não ha nella offensa: o commendador confiou-me a direcção da casa e, emquanto eu não fôr destituida, quero corresponder, com esmero, á sua confiança. Diga-me: como quer o seu quarto no pavilhão?

ESTELLA

Como... (*Sobranceira:*) Eu mesma o arranjarei quando fôr preciso.

CAMILLA, *depois de fital-a:*

Cynica!

MATHIAS

Joguem para páus.

SERGIO

Ora, graças!

Estella, atordoada, investe, trincando o lenço, contendo as lagrimas. Prostra-se em uma codeira, a tremer de raiva, batendo nervosamente com o pé. Camilla afasta-se altivamente, sorrindo.

NARCISO

Um momento... (*Silencio:*) E não é que eu tenho na mão um bólo natural em ouros?

SERGIO

Como ?

MATHIAS

Em ouros !

NARCISO

Em ouros.

Estende as cartas na mesa, Estella levanta-se arrebatadamente, contendo os soluços e, seguida pelo olhar perverso de Camilla, entra á esquerda.

CARLOS *examinando o jogo de Narciso :*

E' exacto.

O criado entra pelo fundo com uma bandeja contendo garrafas, copos e uma geleira, descança-a sobre a mesa e espera ordens.

SERGIO, *a Narciso :*

Mas onde tens tu a cabeça, homem de Deus !

MATHIAS, *tremulo, contando tentos :*

Natural em ouros são trinta e dois, não ?

CAMILLA

Querem o vermuth gelado ?

NARCISO, *aos companheiros :*

Gelado, não ?

SERGIO

Um bólo natural em ouros... Sim, gelado... está visto.

CARLOS, *ao criado :*

Gelado.

Camilla serve o gelo granitado, o criado vae vertendo o vermuth.

MATHIAS, *desesperado :*

E eu com um sólo monstro em copas. (*Riso*).

PANNO.

TERCEIRO ACTO

O mesmo scenario do segundo acto.

SCENA PRIMEIRA

SERGIO E CARLOS

Sergio muito calmo ; Carlos passeiando, a fumar.

SERGIO

A violencia não corrige nem resalva o brio. Se entendes que tua mulher não é digna, procede tu com dignidade, despedindo-a da tua companhia, mas não a maltrates com actos e palavras. Insultando-a em presença dos criados, não só a aviltas como te degradas. O criado é o vetor principal da diffamação — é o espião que a sociedade tem em todos os lares. Se não podemos evitar que elle espreite e ande a escutar ás portas, não as escancaremos para que elle veja as nossas miserias e ouça as nossas confidencias. E os criados aqui são comparsas que, se não falam, tomam parte em todas as scenas de uma dissolução domestica. Não a queres ? despede-a, não a maltrates.

CARLOS

Que a despeça ? E o meu nome, que é seu ? Quer que ella o leve por ahi, de rastos, que o enxovalhe no lôdo?

SERGIO

Phrases. O homem cuja mulher claudíca, não é um aviltado, é um trahido. Ninguem condemna o que dorme por não prender os ladrões que lhe entram no quarto. (*Falando comsigo* :) E' verdade que todo aquelle que clama soccorro depois do alarma, faz rir. (*Proseguindo no tom natural* :) Não faz jús ao nome de covarde o viandante que cáe em ciladas de bandidos, e é mais facil guardar valores do que zelar e defender a honra que se perde num simples olhar, num rapido aperto de mão, numa leve troca de palavras ligeiras. Não defendo tua mulher senão com a justiça; se houvesse interesse, está visto que seria por ti. Não acho razão no que dizes, nem desculpo o que fazes. Ainda não a colhi em procedimento que me fizesse suspeitar um crime. E tu a precipitas, sempre a atirar-lhe em rosto a fortuna do Narciso. Mostras com isso despeito. E olha lá — perigo maior do que o dinheiro é a delicadeza do que nos hospeda. Quando uma mulher compara, está decidida a escolher e, se Estella fizer o confronto... ai ! de ti.

CARLOS

Quer dizer que serei preterido ? Já fui.

SERGIO

Tens provas ?

CARLOS

Que provas pódem ficar de um adulterio ?

SERGIO

Muitas. A mulher que pecca, não sendo uma dissoluta, soffre grandes modificações no moral, que um homem de tacto, com alguma observação, apprehende.

Era timida ? desembaraça-se ; era franca ? retráe-se. Ha sempre um disfarce em toda a falta. O que chamamos remorso, é a fluctuação do crime. E' o corpo que pecca, dirás, mas a alma resente-se, como se resente o ar do calor do sol e da exhalação da terra. Falo em tom de philosopho — é que te estou dando uma lição em palavras suaves, que te não melindrem. E lembra-te de nós. Ainda estás em tempo de considerar, considera. Já te incompatibilisaste com o Narciso e agora rompes com tua mulher. Que pretendes fazer ? dize...

CARLOS

Trabalhar. Tenho energia bastante para vencer a vida.

SERGIO

Parece-te. Ha de ser difficil, se não fôr impossivel. Filho, isto é como quem desce uma montanha a correr — a principio, corre, com a consciencia de quem executa um acto da vontade ; depois, é a vertigem. Tu já vaes precipitado, não corres — despenhas-te, attrahido pela profundidade. Se ainda fosses homem de querer, mas... Tua mãe é a maior culpada. Não quero accusal-a para pôr-me a salvo — somos galés da mesma corrente... mas a principal culpada é ella. Porque nos achamos reduzidos a tão humilde e triste condição ? Porque vivemos da esmola, que, se nos é dada com fidalguia, nem por isso deixa de ser humilhante ? Porque esbanjamos. Eu devia ter reagido, sim, devia — cedi, isto é : fui connivente. A minha cumplicidade foi a de quem, na presença de um crime, não clama nem procura ter mão no criminoso. Soffro ; é justo.

CARLOS

Mas a que vem isso agora ?

SERGIO

A que vem ?... Vem como todas as maguas que sóbem á tona quando se revolve, por uma, o fundo do passado. Estella ainda hontem, como disseste, tinha por ti apenas odio, hoje despreza-te. O odio é alguma coisa, suppõe um inimigo ; o desprezo é nada. Já não existes para tua mulher. Sois como dois ramos da mesma arvore que, quanto mais crescem, mais se afastam. Os dias, d'ora avante, longe de vos approximarem, mais vos apartarão. Ha, entre vós, o largo, profundo abysmo da indifferença — para enchel-o só uma dedicação de que te não julgo capaz, ou o perdão que não virá do amor proprio que offendeste. A sociedade... A sociedade é uma amante formidavel que nos explora para, no dia da decadencia, commentar, a rir, todas as nossas fraquezas. Seduz como o jogo, embriaga como o vinho, servilisa como a luxuria e, como todos esses vicios, mata. A sociedade faz-se pagar ; se não cobra á porta, quando nos recebe, examina-nos, a ver se levamos o bilhete de entrada rubricado pelo alfaiate ou pela costureira, pelo ourives, pelo luveiro, pelo alquilador, esses fornecedores do luxo, que são os seus porteiros. Ai ! de nós, se não aferimos os bilhetes nos cubiculos de taes homens ! Logo sentimos no trato dos que nos recebem, o encolhido desgosto que lhes causa a nossa miseria. A sociedade é copia da natureza que, emquanto temos vida e força, dá-nos o sol, o ar e todos os seus primores ; tanto, porém, que tropeçamos no tumulo, logo nos volta a face e lega-nos ao verme. (*Outro tom* :) Tua mãe ahi vem. Ella conhece a vida melhor do que eu. Aconselha-te com ella.

Camilla entra arrebatadamente.

SCENA II

OS MESMOS e CAMILLA

CAMILLA, *a Carlos :*

Estella esteve aqui ?

CARLOS, *surprehendido :*

Não. Deve estar no quarto.

CAMILLA

Tens certeza ?

CARLOS

Porque pergunta ?

CAMILLA

Vae ver. (*Espanto dos dois homens. Carlos, subitamente ferido por uma desconfiança, precipita-se, quasi a correr, pela esquerda.*)

SCENA III

SERGIO e CAMILLA

SERGIO

Que ha ?

CAMILLA, *voz surda :*

Estella fugiu.

SERGIO

Como ? !

CAMILLA

Ora ! como...?

SERGIO

Estás louca !

CAMILLA

Ah ! estou louca... Espera um instante.

SERGIO

Mas fugiu, porque ? com quem ?

CAMILLA

Ainda perguntas...

SERGIO

Narciso ? Mas Narciso está ahi. Deixei-o, ha pouco, no pavilhão, escrevendo.

CAMILLA

O commendador ?

SERGIO

Sim.

CAMILLA

Acautelando os seus interesses, providenciando para a partida.

SERGIO

Partida ! para onde ?

CAMILLA

Sei lá ! O que sei é que Estella não está no quarto.

SERGIO

E a roupa ?

CAMILLA

Ora, a roupa... Bem se importa elle com a roupa. Não lhe ha de faltar. (*Carlos entra aturdido, o ar idiota.*) Então ?

SCENA IV

OS MESMOS E CARLOS

CARLOS, *succumbido :*

Não está.

CAMILLA, *a Sergio :*

Ahi tens.

SERGIO

Vocês assim quizeram.

CAMILLA, *arrebatada :*

Nós ?

SERGIO

Não te irrites. Tu e Carlos. O melhor é calar-me. Que lucro eu com palavras ? Fugiu... está acabado.

CAMILLA

E's muito resignado.

SERGIO

Sou, e é tarde para modificar-me, filha. Já agora, a acabar, não vale a pena pensar nisso. Sou assim, deixa-me estar. O que te garanto, é que este meu genio não trouxe mal algum ao mundo. (*Senta-se abatido.*)

CAMILLA, *a Carlos:*

E tu? que fazes?

CARLOS

Que hei de fazer?

CAMILLA, *com sarcasmo, cruzando os braços:*

E' extraordinario! Dois homens... (*Violenta:*) Por dignidade ao menos, meus senhores.

CARLOS, *revoltado:*

Ora, mamãe... e é a senhora que fala.

CAMILLA, *arrogante:*

Que é?

CARLOS, *enfrentando-a:*

Que é?

CAMILLA

Revoltas-te contra mim?

CARLOS

Como quer a senhora que eu proteste contra o escandalo, se elle póde tornar-se maior... com a apresentação de um recibo?

CAMILLA, *arremettendo:*

Que dizes!?

CARLOS

A verdade.

CAMILLA

Achas que a vendi? (*Silencio*:) E porque não protestaste em tempo contra o lenocinio? (*Por entre dentes*:) Porque vivias á custa dos adeantamentos que recebiamos?

SERGIO, *intervindo*:

Então...

CAMILLA

Quem sabe!?

SERGIO

Pelo amor de Deus...!

SCENA V

OS MESMOS E ANNA

Anna entra pela esquerda, de chale, com uma carta na mão. Detem-se, procurando disfarçar o seu visivel embaraço.

CAMILLA

A senhora viu Estella, d. Anna?

ANNA

Esteve no meu quarto até agora.

Surpresa de todos. Os homems entreolham-se alliviados.

CAMILLA

No seu quarto ! (*Dá pela carta.*)

ANNA

Sim, senhora. Logo depois do almoço foi para lá e ficámos conversando.

CAMILLA

Ella escreveu ? (*Carlos distancia-se.*)

ANNA, *atrapalhada* :

E'... escreveu... e eu vou botar na caixa. Parece que é para o pae, não sei. Está aqui.

CAMILLA

Tolices. Não vale a pena, d. Anna. Estavamos justamente falando sobre isso. Estella tem genio. Carlos tambem tem : zangam-se. Já sei — são queixas, choradeiras. Historia para incommodar o pobre velho. Olhe, dê-me a carta — se ella perguntar se a lançou na caixa, diga-lhe que sim. Isso passa, eu mesma vou tratar de concilial-os e, depois das pazes feitas, dar-lhe-ei a carta, e ella comprehenderá que procedi com prudencia.

ANNA, *receiosa* :

Mas ella pediu tanto...

CAMILLA, *sorrindo* :

Deixe-a falar. Eu sei que são arrufos — passei por elles.

ANNA, *hesitante* :

Eu, a falar verdade...

CAMILLA

Fica por minha conta. Diga-lhe que a carta seguiu.

ANNA

Nessas coisas não sei mentir. A senhora veja lá ! Não quero que ella pense que fiz de proposito.

CAMILLA

Descance.

ANNA, *entregando a carta* :

Eu não sei... (*Pensando* :) E agora, como ha de ser? O melhor é fingir que sahi, para ella não desconfiar.

CAMILLA

Pois, sim.

SERGIO

E ella ainda está no seu quarto?

ANNA

Sahimos juntas. Ella entrou. Bem, então... (*Sahindo*) Eu não sei...

(*Sáe pelo fundo, tomando a direita.*)

CAMILLA, *lendo o subscripto do carta* :

Ao pae.

ANNA, *reapparecendo* :

Olhe lá !

CAMILLA

Fique tranquilla. (*Anna desapparece.*)

SCENA VI

OS MESMOS, MENOS ANNA

SERGIO

Então? (*Camilla encolhe os hombros.*) Uma celeuma de levantar céos e terras e Estella no quarto da velha, a conservar. Quando eu digo...

CAMILLA

Que é que dizes?

SERGIO

Nada. (*Camilla rasga o envolucro da carta:*) Que vaes fazer?

CAMILLA

O que devo, ou antes: o que devia fazer o senhor meu filho.

SERGIO

Mas não é para o pae? Que tens tu com isso?

CAMILLA

E tu?

(*Põe-se a ler a carta. Sorri ás primeiras linhas; subitamente, muda-se-lhe a physionomia reflectindo uma colera viva. De novo, sorri ironica:*) Ah! então não a quer? (*Carrega o sobrecenho, remorde os labios e conclue a leitura com um risinho perverso. Passando a carta a Sergio.*) Lê. E'

interessante. (*Sergio põe-se a ler com serenidade; detém-se surpreso; continua preoccupado, meneando tristemente com a cabeça.*) Então? (*Sergio entrega-lhe a carta.*) Mostra-a a teu filho. (*Sergio vae levar a carta a Carlos, que a recebe contrafeito. Logo ás primeiras linhas, irrita-se, levanta-se furioso, amarfanhando o papel.*) Então? Temol-a para breve. E' um verdadeiro relatorio. Aprendeu a fazel-os com o pae. (*Riso nervoso.*) Está ahi tudo. Estão as minhas « negociações » ; (*A Carlos:*) está a tua devassidão: (*A Sergio, sorrindo:*) está a tua fraqueza, meu velho e, por fim, o annuncio da partida. Sáe sem destino, vae por ahi. (*Ri*) Por ahi, é um endereço muito vago que póde ser substituido por outro mais conhecido: o mundo. E' como lhe chamam. (*Ri*) Por ahi... (*A Sergio:*) Bem vês que, se desconfiei da fuga, tinha razões para o fazer. E' que não perco de vista a minha nóra. Gosto de ver as andorinhas nos dias da arribação: são mais vivas, mais trefegas, vôam mais ageis. Ahi têm os senhores. Agora resolvam. (*Os dois homens conservam-se immoveis, irresolutos.*) Então? (*Sergio põe-se a passeiar pela sala, cabisbaixo; Carlos arrepella os cabellos, mordicando o charuto. Camilla olha. ora um, ora outro, com um olhar cheio de desprezo.* (*Altiva*): Então?

SERGIO

Então, quê? Entende-te tu com ella. Vê se acabas com isto. E' mais uma vergonha, e nós já as temos de sobra, Camilla.

CAMILLA

Eu, principalmente.

SERGIO, *acabrunhado* :

Sim, tu... Eu sou o que se póde chamar um homem feliz, completamente feliz.

Carlos encaminha-se resolutamente para a esquerda.

CAMILLA

Aonde vaes?

CARLOS

Aonde vou? falar á minha mulher.

CAMILLA

Assim?

CARLOS

Assim, como?

CAMILLA

Com esses ares ameaçadores...?

CARLOS

Hei de ir sorrindo, talvez....?

Fica no meio da scena, com a carta aberta na mão. Estella entra pela esquerda. Ao dar com elle, estaca. Carlos encara-a. Ella vê o envolucro no chão, adeanta-se, apanha-o e, reconhecendo-o por seu, levanta altivamente a cabeça e envolve todos no mesmo olhar de desprezo.

SCENA VII

OS MESMOS E ESTELLA

ESTELLA

Os senhores violaram a minha carta. Com que direito?

CAMILLA

Com o direito que tem todo o marido de conhecer os pensamentos de sua mulher.

ESTELLA

Ainda que taes pensamentos vão com endereço a um pae?

CARLOS

Sem duvida.

ESTELLA

E' muito escrupulisar. E leram? Todos os senhores leram? (*Silencio.*) Alliviaram-me de um trabalho fatigante. Porque a verdade é que, se eu me não achasse com coragem de declarar francamente a minha resolução, poupando-os ao incommodo de rebuscarem injurias inéditas, teria de redigir nova carta despedindo-me e agradecendo a todos o genoroso agasalho que me deram.

CARLOS, *avançando:*

Pretendes sahir? tu!

ESTELLA

Sem duvida.

CAMILLA, *com calma :*

Não te exaltes. Carlos. (*A Estella :*) E a senhora já pensou nas consequencias do passo que vae dar? Não falo por nós, senão por seu proprio interesse. Já ponderou todos os riscos? Não se deixe illudir pelas promessas dos que seduzem. O amor é um pouco de desejo que o primeiro beijo sacia e farta. Onde a senhora julga existir todo um futuro, não ha mais que um ephemero minuto.

ESTELLA

A senhora não admitte a mulher fóra da escravidão do amor? Encerra todo o seu destino nessa apertada palavra. Eu tenho a vista mais larga, alcanço novos horizontes... Talvez seja illusão, mas vejo alguma coisa.

CAMILLA

Póde-se saber que é?

ESTELLA

Para que dizer-lhe? A senhora tem a vista cançada, não póde avistar como eu.

CAMILLA

Sonhos? Eu só sonho quando durmo.

ESTELLA

E' porque os seus sonhos receiam a claridade.

CAMILLA

Vê então nuvens d'ouro? e quer sahir atraz dellas? Com o commendador? (*Estella encara-a :*) E' que não

vejo aqui outro homem em condições de acompanhal-a, e uma senhora não se arrisca a tão ousada aventura sem a companhia de um homem.

ESTELLA

Quando não confia em si.

CARLOS

E porque sáes? Porque? Que queixas tens tu? dize.

ESTELLA, *depois de o mirar:*

Para que hei de allegar? Não me queixo senão da minha sorte, talvez da minha educação. Outra tivesse ella sido e eu, longe de soffrer, como soffro, seria uma creatura venturosa, aproveitando a fortuna que se roja a meus pés, gosando os prazeres que se me offerecem, sendo uma mulher mundana, emfim, nadando nesse mar a que, uma vez, a senhora se referiu, cujas ondas, longe de suffocarem, levantam triumphalmente aquellas que as affrontam, levadas pela mão de um banhista seguro. Tenho, porém, uma alma primitiva e simples, cheia de fé, crente na virtude... que hei de fazer?

Sergio levanta-se, visivelmente commovido, e sáe para o terraço.

CARLOS

E voltas para a casa de teus paes? (*Estella encolhe os hombros.*) Pois eu prohibo-te que arredes pé daqui!

ESTELLA

Prohibe?

CARLOS

Prohibo!

ESTELLA

Com que direito ?

CAMILLA

O' filha... com que direito...

ESTELLA

Sim, com que direito ?

CARLOS

Com o direito de marido.

ESTELLA

Marido... Mas que entende o senhor por marido? Marido é uma redempção e não um opprobrio. Marido é o libertador e não o carrasco. O senhor foi, para mim, a principio, um amante desejoso : os meus dezoito annos deslumbraram-no. Achou-me a seu gosto, que fez? levou-me ao pretor para o contracto que Deus referendou e, prendendo-me com uma dupla corrente, feita de respeito e de fé, arvorando duas grandezas, a Religião e a Lei, em guardadoras da escrava, deixou- a no lar, como em um carcere, e foi-se. Quando regressava, sempre fatigado, era para ultrajar-me com a indifferença. Virgem d'alma, amei-o como se ama uma só vez, e o meu amor ficou abandonado, perdia-se de encontro ao seu tédio e, se o procurava, com meiguice, era repellido quasi com asco. Um dia, viram na minha mocidade, que resistia a todas as provações como a esperança resiste a todos os desenganos, uma possivel fortuna. Lançaram-na. E foi assim que, no logar em que o senhor costumava sentar-se, achei, um dia, outro homem trazido, por quem? não sei. Que queria de mim? Com que direito me falava? porque havia eu de

ser carinhosa para o intruso? Pensei que o devia repellir, assim fiz; reprehenderam-me, mas como não me dissessem porque, senão que era preciso que eu o tratasse bem, fiquei hesitando entre os conselhos da minha adolescencia e as lições estranhas que recebi, e preferi seguir as palavras de minha mãe. Foi o meu erro — a lucta começou tremenda, e hontem... Não falemos do que houve. Lembrar é renovar a vergonha. Cercam-me de sentidos; todavia, o que mais deviam zelar é o que mais facilitam. E meu marido...? onde está elle, que me não defende?

CARLOS

Defender-te de que?

ESTELLA

De todos, de tudo.

SERGIO, *chegando á porta do fundo:*

Ahi vem Narciso.

Modificam-se as attitudes.

SCENA VIII

O MESMOS E NARCISO

Narciso apparece no terraço, onde se detem um momento falando o Sergio. Entram.

NARCISO, *a Carlos:*

O senhor póde ir á cidade?

CARLOS

Já?

NARCISO

Se póde...

CARLOS

Pois, não!

NARCISO, *dando-lhe um rolo de papeis:*

Conferir estas notas e dizer ao Paiva que me mande o ultimo relatorio da Companhia ensaccadora. (*Carlos entra á esquerda.*)

SERGIO, *a Narciso:*

Estás pallido.

Narciso senta-se, aspirando um vidro de sáes.

CAMILLA

Está incommodado, senhor commendador?

NARCISO

Um pouco de enxaqueca, minha senhora.

CAMILLA

E' do calor. Está um dia abafadissimo. Volta do tempo.

Estella sáe para o terraço, onde fica olhando para longe, como á espera de alguem. Camilla, entrando á esquerda, encontra-se com Carlos, que vem de chapéo na mão.

CARLOS, *baixo a Camilla:*

Não a perca de vista.

CAMILLA, *mesmo tom, sorrindo:*

Porque? receias alguma coisa?

CARLOS

Receio...

CAMILLA, *com sobranceria :*

Ora ! (*Entra á esquerda*)

CARLOS, *a Narciso :*

E' só ?

NARCISO

Só (*Carlos sáe pelo fundo*).

SCENA IX

NARCISO, SERGIO E ESTELLA, *no terraço.*

NARCISO

Quem me contou foi o Servulo, marido de d. Anna. E' homem que não mente.

SERGIO

E não mentiu. Que queres, Narciso? Eu tenho feito tudo a ver se consigo restabelecer a paz. E' impossivel. Conheces minha mulher : é uma creatura auctoritaria, exigente, teimosa...

NARCISO

Bem sei.

SERGIO

Ella é quem incita o filho.

NARCISO

A maltratar a mulher? (*Sergio baixa a cabeça.*) Pois eu lamento dizer-te que não posso consentir que, em minha casa — desculpa-me falar-te assim — se reproduzam scenas tão vís e, além disso, injustas. Essa senhora merecia outro homem que a prezasse, que fosse digno do seu amor, do seu coração tão raro. Accusam-na, de que? de ser minha amante. Já o seria, se não estivesse forrada de virtude, porque tua mulher e teu filho, durante muito tempo, fizeram o possivel para que tal se désse, e eu, deante da facilidade que nelles encontrei — sou homem, meu amigo — aventurei-me, ousadamente, servindo-me de todos os meios de seducção, e encontrei uma energia inflexivel que me fez recuar. Digo-te ainda que cheguei a pensar que essa fria e teimosa resistencia, sempre delicada, entrava nos planos da combinação; estou hoje convencido de que era a propria alma honesta que defendia o corpo despido e offerecido pelos que mais o deviam acautelar. E é essa a mulher que insultam, que injuriam, que maltratam e perseguem! Não!

SERGIO

E que hei de eu fazer?

NARCISO

Mas não és tu o chefe da familia?

SERGIO

O chefe da familia... Sei lá! Sou uma victima, como a pobre moça. Soffro menos, porque, sempre que posso, evito a casa. Criei, para o meu amor, uma familia nas plantas — são ellas que me consolam. Com

ellas vivo — dou-lhes o trato, ellas retribuem com o perfume e a sombra. Estella é mais infeliz, não se arreda de casa ; é sobre ella que recáem todas as coleras, é nella que minha mulher se vinga de tudo quanto soffre, porque soffre e horrivelmente ; talvez seja a que mais soffra por não poder apparecer, deslumbrar, impôr-se como dantes. E' uma captiva, carregada de ferros, que insiste em fugir do carcere cravando as unhas nas altas e lisas muralhas de pedra. E' assim.

NARCISO

Mas isso é uma fraqueza contra a qual deves reagir.

SERGIO

Não posso.

NARCISO

Então...

SERGIO

Queres saber ? nem tenho coragem de procurar emprego, porque sei que não me poderei manter durante muito tempo, e, com ella a exigir, a perseguir-me, a atordoar-me, sabendo que lido com dinheiro... Sei lá ! serei capaz de tudo... Por uma hora de tranquillidade sacrificarei o que me resta de honra. Tenho medo. E' a verdade, meu amigo — tenho medo. Sou como um pobre a quem resta apenas um andrajo com que se cobre : é a minha honestidade, não a quero perder. Uma desgraça, meu velho. Ha mulheres assim : mulheres que avassallam, que dominam ; mulheres que pódem tudo e que magnetisam como as serpentes. Lares... quem os visse na hora do recolhimento, a portas fechadas, com todas as suas miserias... Quantos infernos ! (*Silencio.*) E tu achas que Estella...? Pensas

que a não lastimo? (*Indo ao terraço; com meiguice:*) Estella, minha filha. (*Estella volta-se.*) Ouve-me. (*Fal-a descer, offerece-lhe uma cadeira. Estella mantem-se de pé.*) Falavamos de ti. Sei que não tens queixas de mim... (*Estella sorri tristemente:*) Não tens, não pódes ter. Quero pedir-te um favor, sou eu quem t'o pede. *Estella encara-o.*) Fica. Esquece o que houve. (*Aceno negativo de Estella.*) Porque? (*Silencio.*) Porque?

ESTELLA

Porque?... (*Lança um olhar significativo para o lado de Narciso.*)

SERGIO

Pódes falar, é um amigo.

NARCISO

Sim, minha senhora — sou. Talvez duvide e tem razão de o fazer, mas a culpa não é minha: illudiram-me. (*Estella limpa nervosamente os olhos.*) Não chore...

ESTELLA, *dominando-se; com altivez:*

Chorar... (*Encolhe os hombros.*) Os olhos não vêm o que me vae por dentro — ha uma emoção, elles denunciam-na, julgando, talvez, que se trata de qualquer ternura, quando, em verdade, o que ha é uma resolução.

NARCISO

Tenha calma. A senhora é forte, mais forte, talvez, do que presume ser. O caracter é, como todas as manifestações da alma, um mysterio. Ninguem sabe até aonde póde levar o amor.

ESTELLA

Nem até aonde póde levar o odio.

NARCISO

Que pretende fazer? desculpe-me perguntar.

ESTELLA

Sahir...

SERGIO

Estella...

NARCISO

Não saia. Para a mulher só ha uma porta que dá para a liberdade, é a chamada — das dissolutas. Quem assistisse á passagem da multidão das que por ella fogem, veria muitas com fome, muitas seviciadas, muitas, tão puras como as martyres dos primeiros tempos, levadas na chusma das depravadas. Innocencias quasi virgens arrepanhado farrapos para esconder o collo, castidades como as das santas, virtudes sem a mais leve jaça, no rebanho ignobil, atravessando o limiar maldito, recebendo, como os galés, o estygma infamante. Quem póde ver na alma do galé, victima dum erro da justiça, o esplendor da innocencia? Quem póde dizer da mulher que se insurge contra o preconceito, que é apenas uma revoltada conservando intacta toda a sua moral lapidada pelo soffrimento? Não saia. Quem a vir atravessar a passagem terrivel, não dirá que foi buscar salvação, mas que se foi render á torpeza. A muralha é formidavel, e lá dentro, minha senhora, lá dentro, para o mundo, só ha perdidas. E' preciso abrir outra porta por onde passem as humilhadas, as soffredoras; essa, porém...

ESTELLA

Ainda não existe.

NARCISO

Ainda não.

ESTELLA

Quer dizer que, para uma infeliz nas minhas condições, só ha um recurso — a morte?

NARCISO

Nem esse — deixa sempre suspeitas no espirito dos vivos. Porque se matou? é uma pergunta a que logo a calumnia responde.

ESTELLA

Que hei de fazer então?

NARCISO

O que fazem os condemnados...

ESTELLA, *transfigurada*:

E' isso — saltar o muro dessa moral bastarda, evadir-me. Que importa a guarda dos preconceitos? hei de escarpar-lhe. Lá fóra, soffrerei menos do que soffro aqui dentro. Impura... já o sou para o mundo.

NARCISO

Por minha causa, talvez. Estou muito perto, contamino-a com a minha presença, posto que a senhora me deteste.

ESTELLA

Já o não detesto, como o senhor já me não ama. Lastima-me e eu sou-lhe grata. A gratidão é uma amizade humilde, mas é uma amizade.

O CRIADO,
apparecendo á porta do fundo, dirigindo-se a Narciso :

O carro que v. ex. encommendou...

NARCISO, *surprehendido* :

Carro!

ESTELLA, *vivamente* :

E' para mim. (*Ao criado* :) Mande esperar. (*Entra á esquerda, alta. O criado desapparece.*)

SCENA X

NARCISO E SERGIO

NARCISO

Sergio!
(*Sergio levanta a cabeça; os dois homens fitam-se um momento.*) Então?

SERGIO

Então...! (*Encolhe os hombros.*) E' assim... (*Silencio* :) E' mais um pedaço da honra que se vae.

NARCISO

E' toda a honra, meu amigo.

SERGIO

Tu dizes...?

NARCISO

O que penso dessa transfiguração.

SERGIO

Talvez seja a verdade... Toda a honra... Ella é pura.

NARCISO

E' uma mulher!

SERGIO

Fossem todas assim... (*Silencio.*) Mas acreditas que ella saia? dize! Para onde? Onde irá elle ficar? Não achas que é um crime deixal-a partir?

NARCISO

E que pretendes fazer? retel-a?... Não se contêm decisões como essa.

SERGIO

Não sei... Seria melhor, talvez. Emfim...

SCENA XI

OS MESMOS, CAMILLA; DEPOIS ESTELLA

CAMILLA

Entra pela direita, baixa; contempla os homens com um sorriso:

Tão calados...

Os dois homens mantêm-se na mesma attitude taciturna.

Que têm? Até parece que estão velando um defuncto.

SERGIO

Quem sabe?

Estella entra pela esquerda alta, de chapéo, com uma pequena bolsa.

CAMILLA

Aondes vaes?

ESTELLA

Aonde deve ir toda a mulher honesta.

CAMILLA, *depois de a mirar*:

Aonde vaes?

ESTELLA

Para a honestidade. Pensei encontral-a aqui, enganei-me. Tomo outro rumo.

CAMILLA

Foges?

ESTELLA

Não, a prova é que me despeço. Parto como o passaro que, distrahidamente, pousa em um ramo pôdre, fragil de mais para sustentar um ninho. Abalo, procuro outro ramo, seja o de um espinheiro — viverei entre espinhos. No charco é que não consta que passaros se aninhem. Pedi conselho a todos, todos mostraram-me a mesma parede. Para livrar-me com honra, nem Deus, nem o amor de meu pae, nem a Lei, que tudo purifica, nem a morte, que tudo redime, teriam poder bastante. Só ha uma pessoa capaz de valer-me.

CAMILLA

Quem?

ESTELLA, *com altiva nobreza* :

Eu !

CAMILLA

Partes? (*Aceno affirmativo de Estella*) Para onde?

ESTELLA

Tenho um destino — o trabalho. Qualquer que elle seja, é sempre nobre: glorifica e defende. E' uma redempção e um refugio. Quando quizer saber de mim, peça informações á Calumnia. Nos primeiros tempos, ella as dará ; hei de, porém, esconder-me tanto no dever que ella, em pouco, me perderá a pista.

CAMILLA

Não consinto que partas !

ESTELLA

A senhora ? E quem é a senhora ?

CAMILLA

Quem sou ? a mãe do teu marido.

ESTELLA

Para reconhecel-a, seria necessario que eu o admittisse, a elle. Meu marido... (*Encaminha-se para o fundo, detem-se e retrocede.*) E' verdade, não quero que me chamem ladra: ia levando commigo alguma coisa que me não pertence — o nome de um homem gravado numa grilheta. Aqui fica. (*Arranca a alliança do dedo e atira-a ao chão, com desprezo.*) Agora...

CAMILLA, *com intenção perversa* :

Estás inteiramente livre.

ESTELLA

Livre.

CAMILLA

Pódes entregar-te a quem mais dér.

ESTELLA

Será sempre o trabalho — ainda é o que paga melhor. Será o meu amante. Ah! se todas as mulheres pensassem como eu, o casamento seria o que devia ser: a alliança. A Lei, despertada pela revolta, rasgaria a venda que a cega e, contemplando a injustiça, faria a misericordia. Mas as mulheres honram-se com o titulo de fracas, é a sua corôa de martyrio, e vivem dessa honra como as inertes vivem da esperança na Providencia. Que lhes praza! Para onde vou? A minha sahida responde por mim. Não vae para a infamia quem della foge. Se fosse do meu agrado viver na impureza, eu só teria de render graças ao inferno por me haver deparado o que de mais completo existia no genero. Parto para buscar o que aqui não existe — o novo, o puro, o ideal, a virtude. (*Vae até ao fundo e volta-se para Camilla, que se agita frenetica.*) Não lhe dou o meu endereço, porque a senhora teria escrupulos em procural-o; todavia, para que não insista em dizer que fujo, elle aqui fica: a Honra.

Sáe altivamente. Camilla vae ao fundo, olha e desce a correr.

CAMILLA

Sergio! Sergio! Ella sáe...

SERGIO

Sáe...

CAMILLA, *atarantada :*

Senhor commendador...

NARCISO

Minha senhora...

CAMILLA

Ella forge! (*Indo ao terraço:*) Ha um carro ao portão. Sergio? (*Descendo:*) Sergio! Ella foge! vae-se...!

Sergio levanta-se, dá um passo para o fundo, mas retrocede com um gesto desanimado e deixa-se cahir em uma cadeira, succumbido. Camilla volta ao terraço, fica a olhar agoniadamente, debruçando-se á balaustrada.

CAMILLA, *com um grito estrangulado :*

Ah!

Precipita-se em scena e fica um momento aturdida, a olhar allucinadamente, balbuciando palavras inintelligiveis. De repente :

Senhor commendador... Chame-a!

NARCISO, *no terraço :*

E' tarde, minha senhora.

Camilla deixa-se cahir em uma cadeiro, vencida. Sergio atira mollemente o braço num desanimado gesto de abandono.

PANNO.

PARIS. TYP. H. GARNIER
(LILLE).